

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

RENATA FERNANDES NEVES

O ENSINO DE HISTÓRIA E O COLÉGIO ESTADUAL BENTO MUNHOZ DA  
ROCHA NETO (PARANAGUÁ-PR): ENTRE A HISTÓRIA CONTADA E A HISTÓRIA  
REVELADA PELOS OLHOS DA COMUNIDADE ESCOLAR

CURITIBA

2025

RENATA FERNANDES NEVES

O ENSINO DE HISTÓRIA E O COLÉGIO ESTADUAL BENTO MUNHOZ DA  
ROCHA NETO (PARANAGUÁ-PR): ENTRE A HISTÓRIA CONTADA E A HISTÓRIA  
REVELADA PELOS OLHOS DA COMUNIDADE ESCOLAR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação do Mestrado Profissional em Ensino de História, Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná como requisito para o título de Mestre em Ensino de História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Cláudia Urban

CURITIBA

2025

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP) UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO PARANÁ  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Neves, Renata Fernandes

O ensino de história e o colégio estadual Bento Munhoz da Rocha Neto (Paranaguá-PR): entre a história contada e a história revelada pelos olhos da comunidade escolar. / Renata Fernandes Neves. – Curitiba, 2025.

1 recurso on-line: PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Ensino de História.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Cláudia Urban.

1. História – Estudo e ensino. 2. Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto. 3. História oral. 4. Memória coletiva. I. Urban, Ana Cláudia, 1967-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação

Bibliotecária: Fernanda Emanoéla Nogueira Dias CRB-9/1607



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ENSINO DE HISTÓRIA -  
31001017155P1

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação ENSINO DE HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **RENATA FERNANDES NEVES**, intitulada: **O ENSINO DE HISTÓRIA E O COLÉGIO ESTADUAL BENTO MUNHOZ DA ROCHA NETO (PARANAGUÁ-PR): ENTRE A HISTÓRIA CONTADA E A HISTÓRIA REVELADA PELOS OLHOS DA COMUNIDADE ESCOLAR**, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO** no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 11 de Agosto de 2025.

Assinatura Eletrônica

11/08/2025 17:45:47.0

**WILIAN CARLOS CIPRIANI BAROM**

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

12/08/2025 09:06:21.0

**NADIA GAIOFATTO GONÇALVES**

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

13/08/2025 11:07:37.0

**GEYSO DONGLEY GERMINARI**

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE)



## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, que esteve presente em todo o meu caminhar, me concedendo a saúde física e espiritual para a concretização desta pesquisa.

Agradeço a todos os professores do Programa de Pós-graduação em Ensino de História da UFPR e aos meus colegas de curso da turma de 2023. As disciplinas ministradas, nossos encontros em sala de aula, as discussões e apresentações de trabalhos foram fundamentais para o meu crescimento pessoal e profissional, me oportunizando novas experiências e olhares que levarei para o resto da vida.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Nadia Gaiofatto e ao Prof.<sup>o</sup> Dr. <sup>o</sup> Geyso Germinari pelas contribuições e incentivos na qualificação que me possibilitaram chegar até aqui.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa, oportunizando pesquisar, construir ciência e contribuir para o desenvolvimento do Ensino de História.

Agradeço, de coração, a minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Cláudia Urban que, sempre compreensiva, me tranquilizou em todas as vezes nas quais eu me vi aflita no decorrer da pesquisa, me transmitindo segurança e equilíbrio. Obrigada pela parceria, empatia, pelo apoio fundamental para o resultado deste trabalho.

Aos meus pais, Túlio e Sueli, meu porto seguro e fontes das minhas inspirações pela busca de conhecimento, seu apoio também tornou esta caminhada possível.

Agradeço ao meu amor, William, pela compreensão, suporte e paciência em minhas horas de ausência devido ao estudo. Obrigada pelo apoio e incentivo na busca pelos meus objetivos.

Aos meus pets, Jamie e Amarela, que estiveram comigo, oferecendo sua companhia em minhas tardes e noites de escrita.

Aos professores, funcionários, equipe pedagógica e direção da Escola Municipal Luiz Vaz de Camões, na qual lecionei até o ano de 2024 e aos professores, funcionários, equipe pedagógica e direção do Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto, em Paranaguá, queridos colegas de trabalho que me incentivaram e apoiaram na produção desta pesquisa.

Agradeço também a comunidade escolar do Colégio Bento, aos ex-professores e ex-alunos que participaram desta pesquisa, pessoas especiais que

doaram parte do seu tempo para a concretização deste trabalho. Muito obrigada pelo auxílio e apoio!

A todos os estudantes com os quais tive e tenho contato diariamente, me instigando a procurar sempre meu desenvolvimento profissional.

Aos amigos que me incentivaram na realização desta pesquisa.

## RESUMO

Este trabalho apresenta uma pesquisa voltada para a História Local, apoiada na História Oral e no uso dos documentos encontrados em estado de arquivo familiar, com o objeto de estudo situado em um estabelecimento de ensino da cidade de Paranaguá, no Paraná: o Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto. A partir do objetivo de construir a história de uma escola através da exploração da História Local evidenciada pela sua comunidade como meio para o desenvolvimento do Ensino de História, o desenrolar da pesquisa foi dividido em duas partes, a bibliográfica e a empírica, dispostas em quatro capítulos. No primeiro capítulo foi apresentado um conceito para o local, fundamentando um estabelecimento de ensino como objeto da História Local. Neste capítulo também foram postas as discussões sobre a trajetória da História Local dentro da historiografia e da área educacional brasileira. No segundo capítulo foram apresentadas as pesquisas sobre o campo da Educação Histórica, o conceito da Consciência História e o uso dos documentos em estado de arquivo familiar no Ensino de História. No terceiro capítulo, a pesquisa concentrou-se em identificar o local, a instituição de ensino pesquisada e a sua localização, a cidade de Paranaguá, evidenciando um breve histórico da cidade até a atualidade e apresentando o histórico e a comunidade escolar da instituição de ensino, baseado no Projeto Político Pedagógico do Colégio. No quarto capítulo foi apresentada a construção da etapa empírica da pesquisa, baseada nas entrevistas (História Oral) realizadas e na recolha dos documentos em estado de arquivo familiar dos participantes, ex-alunos e ex-funcionários do Colégio. Neste capítulo encontra-se, inicialmente, a explanação sobre a metodologia utilizada no desenvolvimento desta etapa da pesquisa e a construção da História do Colégio baseada nas memórias dos entrevistados e nos documentos em estado de arquivo familiar coletados, que foram dispostos em uma ordem cronológica por décadas, a partir da década de 1950, correspondente à década de fundação do Colégio, até a década atual, de 2020. Em anexo a este capítulo também se encontra o material didático produzido para uso nas aulas de História. Este material é um livro eletrônico (E-book) constituído das entrevistas e fotografias dos documentos encontrados em estado de arquivo familiar que foram dispostos no decorrer do capítulo. Para o material, que é voltado para as séries finais do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio, o conteúdo foi sintetizado, recebendo um designe atrativo, voltado aos estudantes.

Palavras-chave: História Local; Ensino de História; memórias; comunidade escolar; Colégio Bento Munhoz da Rocha Neto.

## **ABSTRACT**

This work presents research focused on Local History, supported by Oral History and the use of documents found in a state of family archive, with the object of study located in an educational institution in the city of Paranaguá, Paraná: Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto. Aiming to build the history of a school through the exploration of Local History as highlighted by its community—as a means to enhance the teaching of History—the research was divided into two parts: bibliographic and empirical, presented across four chapters. The first chapter introduces a concept of "the local," establishing an educational institution as a valid object of Local History. It also discusses the trajectory of Local History within Brazilian historiography and the educational field. The second chapter presents research related to the field of Historical Education, the concept of Historical Consciousness, and the use of documents in a state of family archive in History teaching. In the third chapter, the research focuses on identifying the location—the studied educational institution—and its setting, the city of Paranaguá. It provides a brief history of the city up to the present day and introduces the history and school community of the institution, based on its Pedagogical Political Project. The fourth chapter details the construction of the empirical phase of the research, based on interviews (Oral History) and the collection of documents in a state of family archive from participants—former students and former staff of the school. This chapter begins with an explanation of the methodology used in this phase of the research and presents the history of the school based on the interviewees' memories and the collected archival documents. These materials are organized in chronological order by decade, starting in the 1950s—the decade of the school's founding—up to the current 2020s. Attached to this chapter is also the educational material created for use in History classes. This material is an electronic book (E-book) consisting of interviews and photographs of documents found in a state of family archive, presented throughout the chapter. Aimed at the final years of elementary school and high school, the content was synthesized and given an attractive design geared toward students.

**Keywords:** Local History; History Teaching; memories; school community; Bento Munhoz da Rocha Neto School.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	MAPA ARRUAMENTO E BAIRROS DA ÁREA URBANA DE PARANAGUÁ .....	59
FIGURA 2	PROXIMIDADES DO COLÉGIO BENTO ATUALMENTE .....	60
FIGURA 3	COLÉGIO ESTADUAL BENTO MUNHOZ DA ROCHA NETO, PARANAGUÁ, PARANÁ.....	61
FIGURA 4	PLACA DE INAUGURAÇÃO DA ESCOLA.....	63
FIGURA 5	FOTOGRAFIA FRENTE E VERSO - RUA FRANCISCO MACHADO....	72
FIGURA 6	CONSTRUÇÃO CIRCULAR NO PÁTIO DA ESCOLA.....	75
FIGURA 7	FOTO DE LEMBRANÇA ESCOLAR NA ESCOLA BENTO EM 1981....	77
FIGURA 8	CAPA DE IDENTIFICAÇÃO DO BOLETIM ESCOLAR DA ESCOLA BENTO MUNHOZ DA ROCHA NETO NO ANO DE 1982.....	78
FIGURA 9	IDENTIDADE ESTUDANTIL ESCOLA BENTO MUNHOZ DA ROCHA NETO.....	80
FIGURA 10	FOTOGRAFIA DE UM CASAL NA FESTA JUNINA.....	81
FIGURA 11	CÓPIA DO REGISTRO PONTO DA PROFESSORA NO MÊS DE MARÇO DE 1985.....	81
FIGURA 12	FOTOGRAFIA DA ESCOLA BENTO NA DÉCADA DE 1980.....	83
FIGURA 13	DESFILÉ CÍVICO NO SETE DE SETEMBRO DE 1985.....	84
FIGURA 14	TIME DA ESCOLA BENTO NOS JOGOS ESCOLARES EM 1987.....	85
FIGURA 15	JORNAL SOBRE A MANIFESTAÇÃO DOS PROFESSORES NO CENTRO CÍVICO, EM CURITIBA, EM AGOSTO DE 1988.....	86
FIGURA 16	FOTO CLÁSSICA DE LEMBRANÇA ESCOLAR NA ESCOLA BENTO MUNHOZ DA ROCHA NETO EM 1989.....	87
FIGURA 17	FOTOGRAFIA DA FEIRA DE CIÊNCIAS NA FRENTE DA ESCOLA....	88
FIGURA 18	FOTOGRAFIAS DA VITRINE DA LOJA PAGUE MENOS CALÇADOS DECORADA PELA ESCOLA BENTO.....	89
FIGURA 19	FOTO POSTADA NO FACEBOOK: FORMATURA DA TURMA DE OITAVA SÉRIE DE 1993 DA ESCOLA BENTO.....	90
FIGURA 20	CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO NA FEIRA DE CIÊNCIAS DA ESCOLA BENTO.....	91



FIGURA 21	PAINEL DE APRESENTAÇÃO DA FEIRA DE CIÊNCIAS – EXPOBEN.....	92
FIGURA 22	APRESENTAÇÃO DO DIA DAS MÃES NA DÉCADA DE 1990.....	93
FIGURA 23	FOTO CLÁSSICA DE LEMBRANÇA ESCOLAR NA ESCOLA BENTO.....	94
FIGURA 24	FOTO TIRADA NA FORMATURA ESCOLAR DA OITAVA SÉRIE.....	94
FIGURA 25	FOTO DAS PICHACOES FEITAS NAS PAREDES DA ESCOLA.....	95
FIGURA 26	FOTO DAS PICHACOES FEITAS NA PAREDE DA ESCOLA EM 1996.....	96
FIGURA 27	APRESENTAÇÃO DE TEATRO FEITO NA ESCOLA BENTO.....	97
FIGURA 28	APRESENTAÇÃO SOBRE O FOLCLORE.....	97
FIGURA 29	CARTAZES PRODUZIDOS PELOS ALUNOS.....	99
FIGURA 30	FOTO DE FORMATURA DE OITAVA SÉRIE.....	100
FIGURA 31	FRENTE E VERSO DA FOTO DO TIME DE FUTEBOL FEMININO DA ESCOLA.....	101
FIGURA 32	FRENTE E VERSO DA FOTO DAS ESTUDANTES NO LANCHE....	102
FIGURA 33	FOTO RELACIONADA AO PROGRAMA LEITE DAS CRIANÇAS.....	103
FIGURA 34	PASSEIO NO ZOOLOGICO DE CURITIBA.....	104
FIGURA 35	INFORMACOES SOBRE O PROJETO VALORIZAÇÃO REALIZADO NA ESCOLA.....	105
FIGURA 36	DOCUMENTO DO ACERVO DA ESCOLA COM INFORMACOES SOBRE A DIVULGAÇÃO DO PROJETO VALORIZAÇÃO.....	106
FIGURA 37	COPIA DA CARTA ENVIADA PELA SENHORA FLORA CAETANO MUNHOZ DA ROCHA.....	107
FIGURA 38	CARTA DE RESPOSTA À DONA FLORA, ESCRITA POR ESTUDANTE DA ESCOLA.....	108
FIGURA 39	HISTÓRICO ESCOLAR DO ENSINO MÉDIO NO COLÉGIO.....	110
FIGURA 40	FOTO DE FORMATURA NO COLÉGIO BENTO.....	111
FIGURA 41	FOTO DE ATIVIDADE DA SEMANA DE INTEGRAÇÃO NO COLÉGIO.....	112
FIGURA 42	FOTOS DA OFICINA DE TURBANTES REALIZADA NAS ATIVIDADES SOBRE A CONSCIÊNCIA NEGRA.....	114
FIGURA 43	CERTIFICADO DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO NA UNESPAR – PARANAGUÁ.....	115

FIGURA 44	FOTO DA TURMA DE NONO ANO NO COLÉGIO BENTO.....	116
FIGURA 45	REPORTAGEM DE JORNAL SOBRE A INAUGURAÇÃO DO CENTRO DE MEMÓRIAS NO COLÉGIO BENTO.....	116
FIGURA 46	POSTAGEM DE DIVULGAÇÃO DA FEIRA DE CIÊNCIAS EXPOBENTO -ON E PERFIL DE PUBLICAÇÃO DOS TRABALHOS DA FEIRA NO INSTAGRAM.....	118
FIGURA 47	REPORTAGEM SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO PET SAÚDE DURANTE A PANDEMIA.....	119
FIGURA 48	FOTO DA TELA DO COMPUTADOR EM AULA DE HISTÓRIA ATRAVÉS DA PLATAFORMA GOOGLE MEET.....	119
FIGURA 49	FOTO DE ATIVIDADE DE PINTURA REALIZADA NO COLÉGIO.....	120
FIGURA 50	FOTO DE FORMATURA DO ENSINO MÉDIO PELO COLÉGIO.....	121
FIGURA 51	APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS DA FEIRA DA UFPR LITORAL – 2023.....	122
FIGURA 52	POSTAGEM NO FACEBOOK: TRABALHOS DESENVOLVIDOS NO COLÉGIO                      SOBRE                      A                      CULTURA AFROBRASILEIRA.....	124
FIGURA 53	POSTAGEM DE FOTOGRAFIA DE FORMATURA DO ENSINO MÉDIO NA PÁGINA DO FACEBOOK DO COLÉGIO.....	124

## LISTA DE SIGLAS

AETE	Aula Especializada em Treinamento Esportivo
ANPUH	Associação Nacional de História
APAH	Associação Paranaense de História
APMF	Associação de Pais, Mestres e Funcionários
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEMD	Centro Educacional Mobi Dick
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CHS	Ciências Humanas e Sociais
CNS	Conselho Nacional de Saúde
IFPR	Instituto Federal do Paraná
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
IHGP	Instituto Histórico e Geográfico Paranaense
PCN'S	Parâmetros Curriculares Nacionais
PET	Programa de Educação pelo Trabalho
PPP	Projeto Político Pedagógico
PRONAC	Programa Nacional de Apoio à Cultura
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UNESPAR	Universidade Estadual do Paraná
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>1. HISTÓRIA LOCAL: CONCEITUAÇÃO E CONCEPÇÕES DO CAMPO HISTORIOGRÁFICO AO ENSINO DE HISTÓRIA BRASILEIRO.....</b>	<b>24</b>
1.1 UM CONCEITO PARA O LOCAL.....	24
1.2 A TRAJETÓRIA DA HISTÓRIA COMO ANÁLISE DAS PARTICULARIDADES DE UMA REGIÃO NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA.....	26
1.3 DA HISTORIOGRAFIA PARA O ENSINO: OS USOS DA HISTÓRIA LOCAL.....	33
1.3.1 A História Local no retorno da História no currículo educacional brasileiro.....	37
<b>2. EDUCAÇÃO HISTÓRICA, CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E OS DOCUMENTOS EM ESTADO DE ARQUIVO FAMILIAR.....</b>	<b>45</b>
2.1 A PESQUISA EM EDUCAÇÃO HISTÓRICA.....	45
2.1.1 A formação da Consciência Histórica.....	48
2.1.2 Os documentos em estado de arquivo familiar.....	53
<b>3. O LOCAL: A CIDADE DE PARANAGUÁ E O COLÉGIO ESTADUAL BENTO MUNHOZ DA ROCHA NETO.....</b>	<b>57</b>
3.1 A CIDADE.....	57
3.2 O COLÉGIO.....	60
3.2.1 Identificação do Colégio.....	61
3.2.2 Histórico do Colégio de acordo com o Projeto Político Pedagógico.....	62
3.2.3 A comunidade escolar.....	63
<b>4. AS MEMÓRIAS REVELADAS: O COLÉGIO ESTADUAL BENTO MUNHOZ DA ROCHA NETO PELOS OLHOS DA COMUNIDADE ESCOLAR.....</b>	<b>66</b>
4.1 METODOLOGIA.....	66
4.2 A HISTÓRIA REVELADA.....	70
4.2.1 Década de 1960.....	71
4.2.2 Década de 1970.....	72
4.2.3 Década de 1980.....	76

4.2.4 Década de 1990.....	88
4.2.5 Década de 2000.....	99
4.2.6 Década de 2010.....	109
4.2.7 Década de 2020.....	117
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>129</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>132</b>
<b>APÊNDICE A.....</b>	<b>138</b>
<b>APÊNDICE B.....</b>	<b>140</b>
<b>APÊNDICE C.....</b>	<b>141</b>
<b>APÊNDICE D.....</b>	<b>144</b>



## INTRODUÇÃO

Parnanguara e filha de pais parnanguaras, tenho toda a minha vivência construída no município de Paranaguá. Sou filha de mãe professora e cresci em meio aos planejamentos e criações pedagógicas da minha mãe no ambiente familiar. Meu pai não concluiu o Ensino Fundamental, no entanto, sempre prezou pela formação e educação dos filhos, juntamente com a minha mãe.

A maior parte da minha formação vem de escolas e universidades públicas e guardo comigo os valores que meus pais passaram sobre a importância da educação que emancipa, que liberta.

Ingressei como professora da educação básica pública no ano de 2006, logo após o término do curso de magistério e durante o curso de Licenciatura em História que fazia na Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Paranaguá, atual UNESPAR.

Inicialmente, trabalhei na educação do município de Pontal do Paraná e, posteriormente, no município de Paranaguá, onde venho atuando na rede municipal de ensino com as séries iniciais.

Me especializei em Educação Infantil e, durante algum tempo acreditei que este era o meu perfil, o trabalho com as crianças menores dentro da Educação Infantil e da alfabetização, deixando a minha formação em História para segundo plano, guardada no fundo de minha consciência.

No entanto, a partir do ano de 2015, também ingressei na rede estadual, agora com a minha formação específica em História, trabalhando com as séries finais, no Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto, de Paranaguá.

Antes de começar a lecionar neste colégio, confesso que não o conhecia e nem mesmo o bairro no qual ele se encontra hoje. Por isso, somente após iniciar o ano letivo de 2015 é que comecei a me familiarizar com a escola. O seu bairro, denominado Vila Rute, é periférico e a escola atende muitas crianças, adolescentes e jovens carentes e em situação de vulnerabilidade social.

A partir daí comecei a perceber a relação existente entre os educandos e a escola que, dentro de seus muros, instiga e motiva o desenvolvimento através da educação, onde é possível perceber que, diante de um cenário de fragilização social, a escola atua como um lugar de resistência, de busca pela educação pública de qualidade.

Por isso, no decorrer dos anos de trabalho no Ensino Fundamental com a disciplina de História, no Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto, em Paranaguá, Paraná, com o currículo escolar disposto na organização de conteúdos os quais conhecemos hoje, priorizando o eurocentrismo, foi perceptível a necessidade de estreitar os laços de significação dos conteúdos trabalhados com a vivência dos estudantes que, muitas vezes, não tinham noção das mudanças e transformações ocorridas ao longo do tempo no seu local de vivência.

Diante disso, desenvolvi com os alunos uma atividade contemplando entrevistas com moradores locais sobre o desenvolvimento do bairro e da escola na qual todos estavam inseridos.

Este trabalho com a localidade dos alunos foi muito significativo, pois, ao desenvolver as entrevistas, informações ainda não conhecidas foram trazidas para a sala de aula e puderam ser exploradas no ambiente escolar, discutidas e conversadas pelos estudantes.

A partir daquele momento, eles não estavam mais longe do conteúdo que agora fazia parte do bairro, das ruas, da escola frequentada por eles. Contribuindo para reparar, de certa maneira, a carência de orientação dos alunos em relação à História do espaço que eles frequentavam, como afirmam Urban e Sukow (2020, p. 53) ao reforçar que “a História Local que se aprende na escola, na vivência cotidiana, na cultura histórica também retorna à vida prática sob a forma de orientação, ao relacionar-se à identidade histórica dos alunos”.

Após a realização das pesquisas, os alunos desenvolveram pequenos livros feitos à mão com os conteúdos das entrevistas que realizaram na comunidade, fazendo exposição deles em uma feira cultural da escola.

Daí em diante, comecei a sentir a necessidade de desenvolver estudos mais aprofundados no campo do ensino de História e, por isso, procurei pelo ProfHistória.

Ao ingressar no Programa pensei na oportunidade de aprofundar os estudos e o desenvolvimento de trabalhos que contemplassem a questão local, a proximidade, a realidade e a construção histórica por parte da comunidade escolar, uma vez que já havia desenvolvido atividades com os estudantes neste campo de estudo.

Desta maneira, a pesquisa aqui realizada tem o intuito de partir do espaço escolar na busca pela construção dos saberes necessários à percepção da história da escola, que atua como agente de transformações dos alunos que por ela passaram, uma história contada pela comunidade. Promovendo, após o processo de pesquisa,

uma produção pedagógica que viabilize a interação dos estudantes com o lugar no qual eles estão inseridos, buscando significado para o estudo da disciplina de História, quando o conteúdo trabalha com o local de vivência dos estudantes.

Assim, através da problemática: “Como a História da escola pode ser reconstruída a partir das memórias de ex-alunos e ex-funcionários, no intuito de contribuir para o desenvolvimento do ensino de História?” Procurei desenvolver um trabalho que evidencie que o estudo da história da escola e a busca pelas diferentes fontes para a construção desta história, dão visibilidade às memórias que vivenciaram a trajetória de uma instituição que marcou fases da vida de inúmeras pessoas que fazem história, transformam e atuam no espaço no qual estão inseridas.

Busquei evidenciar que esta construção pode contribuir para a progressão do processo do ensino e da aprendizagem histórica dos estudantes em contato com ela, demonstrando, desta maneira, que o estudo histórico acerca de um lugar, de uma escola, da comunidade que a cerca é tão importante quanto o estudo da História do Brasil e do Mundo.

A partir da problemática citada, foi possível elencar o objetivo geral e os objetivos específicos que estão norteando o processo de investigação.

O Objetivo Geral desta dissertação, foi o de construir a história de uma escola através da exploração da História Local evidenciada pela sua comunidade como meio para o desenvolvimento do Ensino de História.

Como objetivos específicos:

- a) Relacionar o estudo da História Local do campo historiográfico ao campo educacional;
- b) Entender a contribuição da Educação Histórica e da Consciência Histórica para o desenvolvimento das atividades voltadas para o Ensino de História;
- c) Estabelecer a relação entre os arquivos familiares e o Ensino de História;
- d) Contar a História do Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto por meio de documentos oficiais;
- e) Compreender a construção da História da Escola a partir das memórias, arquivos familiares e experiências dos sujeitos que se relacionaram com ela.
- f) Construir um E-book sobre a História da Escola como potencial material para o desenvolvimento da aprendizagem histórica dos estudantes.

Por conseguinte, na busca pelo alcance dos objetivos acima listados, posso afirmar que a temática que conduz esta pesquisa circunda em torno da História Local (Albuquerque Júnior, 2008), da Educação Histórica (Schmidt e Cainelli, 2009), da Consciência Histórica (Rüsen, 2010) e da História Oral (Thompson, 1998 e Alberti, 2004), debruçando-se sobre os aspectos e elementos situados em um lugar específico, bem como as relações existentes entre os componentes da pesquisa e este lugar.

Assim, é possível abarcar o assunto aqui proposto dentro da abordagem histórica conhecida como História Social, uma vez que se estabelece um estudo do lugar, acerca de uma comunidade urbana, por meio da construção da História de um estabelecimento de Ensino por outro viés, que não o oficial, mas pelos olhos da comunidade que o cerca, investigando seu caráter social e as relações estabelecidas entre a comunidade e a escola. Como afirma Fenelon quando discorre acerca das concepções e perspectivas tomadas pela História Social

Não há como negar, foi a partir das suas concepções e perspectivas (as da História Social) que os chamados 'temas malditos', ou seja, quase todos que tratam dos excluídos sociais sejam pobres, [...] negros, mulheres, índios, etc., encontraram guarida nesta historiografia. Também hoje as investigações sobre grupos jovens, sua música e suas práticas, a música popular, as festas comunitárias, a cultura popular enfim, constituem objetos legitimados pela História Social, e desenvolvidos com rigor metodológico, que os trazem para o campo de discussão, já instaurado sobre a cultura. (Fenelon, 1993, p. 76)

Nesta perspectiva, contrapondo-se ao estudo dos grandes nomes, a pesquisa aqui trabalhada se concentrará em um grupo social oriundo de uma comunidade, de uma localidade, evidenciando vozes e olhares que até então estavam guardados dentro do ambiente familiar, das relações de amizade ou de trabalho.

Desta maneira, em um primeiro momento, a pesquisa realizada foi de caráter bibliográfico, dedicando-se à busca pela definição da História Local aqui abarcada e à análise acerca da trajetória dos estudos voltados para a História Local do campo historiográfico ao ensino de História no Brasil, passando pela relação estabelecida entre a Educação Histórica e a Consciência Histórica no ensino de História, evidenciando as reflexões postas por Isabel Barca (2007), Jorn Rüsen (2010) e outros autores que analisaram a temática aqui abordada.

E, em um segundo momento, foram realizadas entrevistas abarcadas pela História Oral, embasadas por Thompson (1998) e Verena Alberti (2004) e pela coleta

e análise de documentos encontrados em estado de arquivo familiar, partindo das reflexões evidenciadas por Germinari (2021) e outros autores neste campo de estudo.

Diante da pesquisa envolvendo os relatos oriundos das entrevistas, é importante salientar a definição de memória e a sua distinção em relação ao significado de História. Para o autor Pierre Nora

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A História é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual: um elo vivido no eterno presente; a História, uma representação do passado. (Nora, 1993, p.9)

Circe Bittencourt também traz apontamentos importantes na relação e distinção entre memória e História. Segundo a autora “a memória é, sem dúvida, aspecto relevante na configuração de uma história local tanto para os historiadores como para o ensino.” (Bittencourt, 2008, p. 168)

A autora enfatiza que

De forma resumida, é possível estabelecer as seguintes distinções entre memória e História: 1) Memória Social – relação coletiva que uma sociedade estabelece com seu passado; funciona para seleção e eliminação; realiza omissões; corpo vivo do processo de se relacionar com o passado; relações com o passado e variações de acordo idade, sexo, ocupação, origem etc. 2) História - trabalha com a acumulação dessa memória; reordena o tempo passado, medindo-o, periodizando-o e estabelecendo uma crítica sobre a duração; usa um método para recompor os dados da memória; confronta as memórias individuais e sociais com outros documentos; situa os testemunhos orais no tempo e no espaço e o ‘lugar’ de onde ‘falam’. (Bittencourt, 2008, p.170-171)

Por abarcar a utilização de diferentes fontes em seu processo de construção, apresentar esta distinção entre memória e História é importante para a compreensão acerca do trabalho desenvolvido como um todo nesta pesquisa.

Assim, a presente dissertação encontra-se estruturada em quatro partes. No primeiro capítulo, intitulado “História Local: conceituação e concepções do campo historiográfico ao Ensino de História brasileiro”, busquei colocar em foco, inicialmente, uma conceituação para a História Local, uma vez que ao local podem ser atribuídas diferentes configurações a depender do estudo desenvolvido. Por isso, ao apoiar-me em Gonçalves (2007, p.177) que enfatiza que “a História Local é, em intrínseca complementaridade, conjunto de experiências de sujeitos em um lugar e, também, o



conhecimento sobre o conjunto dessas experiências”, acredito que foi possível elucidar que, ao local aqui trabalhado, será desenvolvida a percepção de experiências sociais, cotidianas, experiências vividas em um determinado lugar.

Logo após esta conceituação, o primeiro capítulo desenvolveu-se por meio da trajetória da História Local no campo historiográfico brasileiro, sendo traçado, desta maneira, um caminho que parte dos primeiros usos da História Local, a partir do século XIX, até a utilização dela nos parâmetros atuais, onde será possível refletir e perceber que o estudo do local tomou diferentes perspectivas ao longo da historiografia brasileira, de acordo com os contextos pelos quais o país passava e passa.

Posta esta trajetória da História Local dentro do campo historiográfico, neste capítulo também foi evidenciado o uso da História Local no campo educacional brasileiro, mostrando que, inicialmente, o Ensino de História resumia-se na propagação da História do Brasil escrita pelos membros do IHGB, como afirma Bittencourt (1993, p. 206), ao reforçar que “a partir da segunda metade do século XIX, portanto, evidenciava-se a importância da produção didática como veículo de divulgação da História do Brasil.”

O capítulo ainda passa por análises no século XX, compreendendo períodos anteriores e posteriores à Ditadura Militar e à reformulação atribuída às disciplinas de História e Geografia, que passaram a ser substituídas pelos componentes de Integração Social e Estudos Sociais.

E busca sua finalização com análises acerca da História Local no campo educacional após o retorno da disciplina de História ao currículo brasileiro, trazendo os novos debates em torno da História Local que evidenciaram a preocupação em estreitar os laços entre as pesquisas feitas na academia, pelos historiadores e o ensino de história dentro da sala de aula. Passando, ainda, pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’S) evidenciando o uso da História Local como conteúdo ou recurso de ensino para séries iniciais e desdobrando-se até o currículo escolar atual que é a Base Nacional Comum Curricular, a BNCC, promovendo análises e reflexões em torno da História Local abarcada atualmente.

No segundo capítulo, intitulado “Educação Histórica, Consciência Histórica e os documentos em estado de arquivo familiar”, foram desenvolvidas análises acerca da Educação Histórica, passando por autores como Barca (2001), Schmidt e Cainelli (2009), Germinari e Urban (2020), evidenciando que o estudo desenvolvido por esta

pesquisa se aproxima do campo da Educação Histórica ao buscar o desenvolvimento da aprendizagem histórica dos estudantes por meio do estudo do local.

Ao abordar o conceito de Consciência Histórica, imbricado na Educação Histórica, optei por trazer uma breve trajetória acerca dos desdobramentos relacionados a este conceito de estudo para uma compreensão aprofundada acerca da Consciência Histórica, que se desenvolve por meio do trabalho produzido em sala de aula, como afirma Rüsen (2010, p. 38) ao mencionar que “a disciplina da História não pode mais ser considerada uma atividade divorciada das necessidades da vida prática.” Tornando evidente o papel do estudo da História dentro do ambiente escolar, ao promover o desenvolvimento da Consciência Histórica dos estudantes.

Por fim, o segundo capítulo trata da utilização dos documentos em estado de arquivo familiar no ensino de História, trazendo, inicialmente, uma breve trajetória acerca da utilização do documento como fonte para a produção histórica.

Com análises de Schmidt (1997) e de Le Goff (1992) no século XIX e século XX, constata-se que a noção de documento se amplia para além do escrito e abarca todo vestígio produzido pelo homem, abrindo caminho para interesses acerca dos documentos privados como menciona Prochasson (1998, p. 109), ao discorrer que “o interesse crescente por arquivos privados corresponde a uma mudança de rumo fundamental na história das práticas historiográficas”. A partir daí, análises de Artières (1998) e de Germinari (2021) salientam a excelência dos documentos encontrados em estado de arquivo familiar como fontes históricas.

No terceiro capítulo, intitulado “O local: O colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto e a cidade de Paranaguá”, busquei identificar, primeiramente, a cidade de Paranaguá, onde encontra-se o Colégio Bento, fazendo um breve histórico do desenvolvimento da cidade até a atualidade.

Após a identificação da cidade, foi realizada a identificação do Colégio, apresentando sua história por intermédio da pesquisa em documentos oficiais.

Vale salientar que, mesmo que o enfoque da presente pesquisa esteja voltada para a construção da História do Colégio através das memórias da comunidade escolar, por meio dos documentos encontrados em estado de arquivo familiar e de entrevistas feitas com pessoas que já estudaram ou trabalharam no colégio, o terceiro capítulo tem o intuito de evidenciar, primeiramente, esta identificação por meio dos documentos ditos oficiais, por isso, os dados trazidos foram consultados do Projeto Político Pedagógico da escola e nos documentos que evidenciam a sua fundação e

sua trajetória, encontrados junto ao Setor de Documentação Escolar do Núcleo Regional de Educação de Paranaguá.

Acredito que, a partir da identificação inicial da escola por meio destes documentos, será mais proveitosa a análise em torno da construção da História da Escola por outro viés, não o dos documentos oficiais, mas o das memórias que podem ser contadas por meio dos documentos encontrados em estado de arquivo familiar e por meio das entrevistas que podem trazer à tona uma nova História do Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto.

O quarto capítulo, com o título “A História Revelada: o Colégio Bento Munhoz da Rocha Neto pelos olhos da Comunidade escolar”, foi desenvolvido por meio da coleta dos documentos em estado de arquivo familiar e das entrevistas realizadas com pessoas da comunidade escolar. A opção por um enfoque mais completo e descritivo com os detalhes das entrevistas tornou este capítulo bem mais extenso que os demais. Contudo, dividi-lo o fragmentaria inadequadamente.

Inicialmente, o capítulo traz uma elucidação metodológica, explicando como aconteceu o desenvolvimento da pesquisa empírica que se deu por meio das entrevistas ocorridas dentro do próprio colégio ou na casa dos entrevistados, ou ainda, por meio de plataformas digitais como o Google Meet, o Messenger ou o Whatsapp, de acordo com a escolha do participante da pesquisa.

Evidenciando que foram realizadas entrevistas com questões semiestruturadas (ver apêndices) com o objetivo buscar informações relevantes sobre a vivência dos entrevistados no Colégio e, ao mesmo tempo, conduzir o momento de maneira leve, com conversas descontraídas, onde os participantes poderiam sentir-se à vontade para expor suas lembranças. As entrevistas foram gravadas em áudio com o consentimento dos entrevistados, no intuito de auxiliar no momento de transcrição das mesmas.

A coleta dos documentos em estado de arquivo familiar se deu, paralelamente, de diferentes maneiras, uma delas foi por meio do trabalho voluntário dos estudantes que possuíam, em suas casas, documentos de parentes que tiveram algum contato com a escola, seja como antigo estudante ou como antigo funcionário, documentos como certificados, boletins, fotografias, que guardam lembranças de ligações com a escola.

No entanto, foi possível observar certa dificuldade nesta coleta dos documentos encontrados em estado de arquivo familiar somente por meio dos

estudantes, pois o número de documentos recolhidos foi inferior ao esperado durante o período de coleta, devido principalmente, ao tempo estipulado e aos meus horários de trabalho em outra instituição, impossibilitando minha permanência no contato com os estudantes para a efetivação da coleta, por mais tempo.

Por isso, esta coleta também ocorreu através do meu trabalho de pesquisa, buscando documentos em estado de arquivo familiar durante as entrevistas realizadas e, por intermédio das redes sociais do colégio, onde foram encontrados relatos e fotografias de antigos alunos e antigos funcionários da escola.

Ainda, é importante ressaltar que realizei a pesquisa no acervo de fotografias da própria escola, que possui imagens e informações sobre atividades realizadas com antigos estudantes, evidenciando a ação deles no ambiente escolar.

O desenvolvimento das entrevistas com antigos alunos e antigos funcionários foi por mim realizado, usando o critério de ligação e vivência com a escola, abordando pessoas que possuíam lembranças e concordaram em relatá-las durante a entrevista.

Vale ressaltar que, por se tratar de uma pesquisa com pessoas, este trabalho foi submetido ao comitê de ética, sendo aprovado para execução, tendo todos os trâmites aceitos pelos envolvidos e seus respectivos responsáveis. Assim, sendo pautado nas normas e princípios estabelecidos da Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) nº 466/2012, de 12 de dezembro de 2012, que dispõe sobre a pesquisa envolvendo seres humanos, esta pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de ética em Pesquisa – Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Paraná (CEP/CHS/UFPR).

Através das fontes recolhidas, foi realizado o processo de construção da história da escola. Realizei este processo com dados coletados por meio das entrevistas gravadas, que foram transcritas e dos documentos encontrados em estado de arquivo familiar que foram organizados através do recorte temporal que compreende a década de fundação da escola, em 1950, até a década atual, 2020.

Para a organização e compreensão acerca desta construção da História da escola, os dados coletados foram distribuídos neste recorte temporal e organizados por décadas, compostas pelos documentos em estado de arquivo familiar e pelos relatos das entrevistas com lembranças correspondentes a estes períodos.

Pelo cuidado acadêmico e preservação dos participantes da pesquisa, os relatos das entrevistas foram identificados somente com as iniciais dos entrevistados e os documentos em estado de arquivo familiar que possuem imagens de pessoas

não encontradas para autorizar seu uso, foram desfocadas para não possibilitar sua identificação.

Neste capítulo também se encontra o material didático construído a partir das pesquisas desenvolvidas durante a composição do trabalho.

O material didático consiste em um E-Book, um livro eletrônico sobre a História do Colégio. Este livro é composto por fotos das fontes guardadas em estado de arquivo familiar e trechos das entrevistas realizadas, dispostas na mesma ordem cronológica da dissertação, dividindo os acontecimentos e lembranças relacionadas ao Colégio por décadas, revelando as relações existentes entre a comunidade escolar e o estabelecimento de ensino.

Com um visual mais didático, voltado aos estudantes do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio, este material poderá ser utilizado nas aulas de História, desenvolvendo o trabalho com as Fontes Históricas que ajudam a construir a História do Colégio Bento por meio da comunidade escolar, na qual os alunos estão inseridos.



## 1. HISTÓRIA LOCAL: CONCEITUAÇÃO E CONCEPÇÕES DO CAMPO HISTORIOGRÁFICO AO ENSINO DE HISTÓRIA BRASILEIRO

Para iniciar o estudo aqui desenvolvido sobre a temática da História Local, julgamos oportuno buscar uma conceitualização acerca do “Local”, uma vez que, diante dos diversos estudos realizados, a História Local acaba por abranger uma gama de configurações diversificadas que denotam as mais variadas pesquisas dentro deste campo de domínio.

Além disso, neste capítulo apresentaremos também uma trajetória acerca do campo de estudo da História Local e, para isso, faz-se necessário iniciar análises sobre a construção historiográfica no contexto do século XIX, proposta por meio da História Nacional, para propiciar, a partir daí, uma compreensão acerca dos estudos históricos no Brasil, com enfoque na História Local e na sua relação com o campo educacional brasileiro.

### 1.1 UM CONCEITO PARA O LOCAL

No texto *História Local: o reconhecimento da identidade pelo caminho da insignificância* de Márcia de Almeida Gonçalves (2007), é possível perceber o estabelecimento de uma definição para o que podemos chamar de local e quais estudos podem ser compreendidos acerca do que chamamos de História local.

Gonçalves atribui ao local o sentido de lugar, manifestado mais claramente através do verbo localizar que, além de situar algo em um lugar, também remete à noção de ação, imputando à História Local o “conjunto de experiências de sujeitos em um lugar e, também, o conhecimento sobre o conjunto dessas experiências.” (Gonçalves, 2007, p. 177).

Indo ao encontro de Gonçalves, Alain Bourdin, em sua obra *A questão local* (2001) apresenta reflexões condizentes na busca pela definição do que seria o local, privilegiando como uma ordem de análise de dinamismos nos quais se evidencia a relação entre a ação e o lugar. Nos debates acerca da questão local, Bourdin também analisa a questão da espacialidade, um bom ponto de partida para o entendimento acerca das reflexões sobre este estudo, enfatizando que

Toda espacialidade exprime a pertença a um nós, que se constrói e se manifesta em recortes territoriais. O espaço de pertença resulta do conjunto

dos recortes “que especificam a posição de um ator social e a inserção de seu grupo de pertença num lugar”, o espaço de referências define o sistema de valores espaciais em que se inserem esses recortes e organiza a relação do aqui com o alhures. (Bourdin, 2001, p 33).

Assim, a espacialidade é tomada como expressão da ação social humana decorrente do sentimento de pertença a um lugar que acaba por resultar nos recortes territoriais. Ao analisar o local através das espacialidades, Bourdin também coloca que os espaços são diversos, se entrecruzam e se transformam continuamente. (Bourdin, 2001).

Dessa maneira, o autor abre um caminho de análise sobre a questão local tomando a espacialidade, o território, a pertença, como elementos propícios ao desenvolvimento da localidade. Sendo possível conferir tais considerações ao recorte atribuído à presente pesquisa, uma vez que aqui, o local se aplica a um estabelecimento de ensino, permeado pela integração de seus sujeitos dentro do espaço.

Complementando, Gonçalves (2007) destaca que, diferentemente da delimitação de espaço trazida por Bourdin, o local toma uma outra proporção no que diz respeito aos estudos desenvolvidos por antropólogos, sociólogos, historiadores. Preocupados com as pesquisas sobre o desenvolvimento das ações humanas, estes profissionais não têm como foco o cerceamento de uma extensão do local, mas sim o estudo sobre o desenvolvimento da noção de ação perante as relações entre as pessoas e entre seus lugares de convivência.

A autora enfatiza que, ao local, podem ser atribuídas diferentes configurações, uma vez que as pessoas que nele atuam estão em constante movimento, num processo que demanda do estudo local uma abrangência que, muitas vezes, ultrapassa uma categoria de espaço delimitada (Gonçalves, 2007).

Ainda, é interessante destacar, segundo Gonçalves, as associações pelas quais o local pode estar ligado, como “a uma aldeia, a uma cidade, a um bairro, a uma instituição - escolas, universidades, hospitais -, e, como escolha por vezes recorrente, a um espaço político-administrativo, como distritos, freguesias, paróquias...” (2007, p. 177).

Gonçalves (2007) atribui ao local uma gama imensa de estudos que, quando centrados na categoria de análise entre ação e lugar, acabam por proporcionar ao desenvolvimento das pesquisas uma tentativa de dar conta da variedade de

composições que permeiam esta questão, principalmente em função da atualidade na qual nos encontramos, com a globalização e ligação em rede das sociedades.

Assim, é possível identificar, a partir destas análises, espaço para o desenvolvimento dos estudos sobre a História Local através de uma instituição escolar, das relações entre a ação dos antigos e atuais estudantes, antigos e atuais funcionários, da comunidade escolar como um todo, com o lugar enquanto escola, da espacialidade e da pertença, mas também da transformação, da memória, da construção de significado para além do espaço físico, do significado que perpassa a mobilidade do homem pelos caminhos que ele percorre, como afirma Bourdin (2001, p.13) quando nos diz que “as delimitações da localidade são múltiplas e contingentes.”

Dessa maneira, é plausível encaixar a premissa acima apresentada ao conceito de História Local com o qual a proposta deste trabalho foi organizada, o local a partir das relações estabelecidas com a escola - uma instituição de ensino.

## 1.2 A TRAJETÓRIA DA HISTÓRIA COMO ANÁLISE DAS PARTICULARIDADES DE UMA REGIÃO NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

No texto *Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional* de Manoel Luiz Salgado Guimarães (1988) é possível compreender a primícia em relação à construção da História do Brasil onde, a partir do século XIX, com a competência da cientificidade no discurso historiográfico, o “historiador perde o caráter de *homes de lettres* e adquire o estatuto de pesquisador, de igual entre seus pares no mundo da produção científica.” (Guimarães, 1988, p. 05).

Neste contexto, influenciado pela referência europeia, o pensamento historiográfico vai associar-se à questão do nacional, buscando-se a escrita da História do Brasil como nação, como afirma Guimarães:

Assim, é no bojo do processo de consolidação do Estado Nacional que se viabiliza um projeto de pensar a história brasileira de forma sistematizada. A criação, em 1838, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) vem apontar em direção à materialização deste empreendimento, que mantém profundas relações com a proposta ideológica em curso. Uma vez implantado o Estado Nacional, impunha-se como tarefa o delineamento de um perfil para a “Nação brasileira”, capaz de lhe garantir uma identidade própria no conjunto mais amplo das “Nações”, de acordo com os novos princípios organizadores da vida social do século XIX. (Guimarães, 1988, p. 06).

Dessa maneira, é possível perceber o papel destinado ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro na construção historiográfica do Brasil, buscando-se a partir daí, a criação de uma representação identitária da nação.

No entanto, Guimarães ainda ressalta que, neste contexto, esta criação acabava por tornar-se um desafio diante de um território marcado pela escravidão e permanência de povos indígenas. À elite letrada do IHGB, empreendia a construção, à luz do modelo europeu, de uma História que pouca importância dava ao povo africano e atribuía a ele uma certa noção de empecilho no processo de desenvolvimento da nação e buscava, por meio da História como ciência, o estudo acerca dos povos originários, para legitimar o quão necessário foi a introdução da civilização branca europeia para o desenvolvimento da nação, que não teria condições de desenvolver-se sendo morada somente dos povos nativos (Guimarães, 1988).

Em um processo muito próprio à conjuntura brasileira, Guimarães complementa que “...a nova Nação brasileira se reconhece enquanto continuadora de uma certa tarefa civilizadora iniciada pela colonização portuguesa”. (1988, p. 06)

Para toda esta construção historiográfica da nação, foram realizados, neste contexto, estudos e pesquisas regionais, que visavam o conhecimento acerca das regiões que formavam a nação, não havendo interesse nos estudos das suas especificidades, mas buscando a sua inserção na construção da nação como um todo (Guimarães, 1988).

Complementando, Martins (2010) reforça que nesse período, escritas pelos membros do IHGB, pessoas conceituadas e de elite, as corografias viveram seu auge. Elas eram “monografias municipais e regionais, que misturavam história, tradição e memória coletiva.” (Martins, 2010, p. 140).

O autor destaca que estas corografias traziam estudos regionais e locais que buscavam enfatizar que a região era o resultado do potencial de poucas pessoas extraordinárias, iniciavam-se pelas descrições das regiões e seus recursos naturais, flora e fauna, seguiam-se por relatos das atividades econômicas e finalizavam com biografias de pessoas importantes no cenário regional e local.

Em análise, Martins (2010) ressalta faltas graves presentes na maneira como as corografias tratavam o local, sendo a primeira, a inexistência da articulação entre a História e a Geografia, a segunda, o modo como era feita a articulação entre o ‘micro’ e o ‘macroespaço’, a terceira era o viés laudatório empregado, que exaltava

as elites regionais e, por último, a concepção das corografias como objetivo de estimular o patriotismo e o amor pelo passado.

Aqui é exequível observar o estudo acerca das localidades imbricado em um tipo de faceta, versão, na qual o local foi explorado com vistas à construção do total, com a busca pela construção da História da Nação brasileira, onde, para a legitimação de uma História centralizada em evidenciar uma nação promissora e civilizada, exaltavam-se as elites locais e utilizavam os estudos regionais para o fortalecimento do patriotismo.

Segundo Martins (2010), as corografias presentes na escrita historiográfica brasileira desde meados do século XIX, forneceram elementos e modelos informativos para a formulação de material didático para utilização nas escolas de localidades e regiões brasileiras até, pelo menos a década de 1960, “quando não foram, elas próprias os textos de consulta direta das crianças nas aulas sobre história local e regional.” (Martins, 2010, p. 141).

O autor ainda ressalta que, em meados das décadas de 1960 e 1970, foi possível observar um emaranhado nas relações entre o nacional e o regional na historiografia brasileira, que nessa época, era produzida no campo da universidade, sendo disseminada a partir da produção de pesquisas históricas lançadas pela Universidade de São Paulo que abordavam, sobretudo, características da história paulista, possibilitando, através da primazia econômica de São Paulo, a identificação da sua história com a história do Brasil recente (Martins, 2010).

Neste mesmo caminho Janotti complementa

A industrialização paulista, camuflada sob o tema abrangente “História da industrialização brasileira”, ocupa os espaços privilegiados da história econômica nacional, da mesma forma que o operariado paulista é modelo para “história da classe operária no Brasil”. Novamente, agora pelas forças hegemônicas da burguesia industrial, São Paulo é o principal sujeito da História econômica e social da República. (Janotti, 1990, p. 88).

Dessa maneira, a São Paulo associavam-se as noções de êxito e progresso, resultando a outras partes do país os estudos regionais que evidenciavam a carência e a falta de elementos, que produziam uma perspectiva de distância do modelo paulista (Martins, 2010).

De acordo com Janotti, a trajetória histórica nacional delineada por estruturas que vão consolidar-se no capitalismo, gerou a centralização de pólos da economia em

algumas áreas geográficas do país, atribuindo a palavra “regiões” aos espaços geoeconômicos que não participavam da prosperidade desses polos, “portanto, o regional passou a ser sinônimo de marginalidade e/ou de decadência” (1990, p. 85-86)

Indo ao encontro, Martins ainda coloca que “o ‘espelho São Paulo’ era o instrumento pelo qual diversas regiões brasileiras deveriam buscar a autocompreensão e a ação transformadora” (Martins, p. 142, 2010)

Em contrapartida, Janaína Amado (1990) evidencia que, ainda na década de 1970, é possível vislumbrar um significativo crescimento, no Brasil, dos estudos voltados para as questões regionais e isto se deu, principalmente, devido a alguns fatores como: a mudança do conceito de região ligada à vertente crítica da Geografia; a extenuação das “macro-abordagens”, que mostraram-se insuficientes quando confrontadas com estudos mais singularizados; pelo estabelecimento e desenvolvimento de cursos de pós graduação em todo o país, permitindo a formação de pesquisadores comprometidos com temas locais; e pelas mudanças recentes da História brasileira, rearranjando relações entre as regiões do Brasil.

E neste mesmo caminho, Martins (2010) ressalta que, a partir da década de 1980, os cursos de pós-graduação fora de São Paulo permitiram a correção das deturpações resultantes das generalizações acerca da história paulista como história do Brasil, sendo possível observar que agora os estudos regionais estavam mais fortemente embasados do que os estudos marcados pelo desenvolvimento das antigas corografias.

Vislumbrando os fatores elencados acima, o desenvolvimento das pesquisas e estudos ligados às questões regionais/locais no Brasil proporcionaram também, nas décadas finais do século XX a realização de duas mesas de discussão em eventos acadêmicos que evidenciavam a preocupação com os assuntos relacionados ao regional neste período.

Em 1985 ocorreu em Águas Claras (SP) a primeira mesa organizada pelo Núcleo de Estudos Regionais e Centro de Memória da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e teve como estudo principal a questão da relevância da História Regional para as Ciências Sociais. (Sukow, 2019)

A segunda mesa aconteceu na década de 1990, em Curitiba, fazendo parte do XIII Simpósio da Associação Nacional dos Professores Universitários de História (ANPUH) e os debates ocorridos na mesa “História Regional” foram organizados na

obra *República em Migalhas: História Regional e Local* (1990) colocando também em evidência a preocupação com este campo de estudo no que diz respeito à sua teorização e sua relação com a Geografia (Sukow, 2019).

Observava-se, desta maneira, que a academia estava colocando em pauta discussões em busca por um aporte e desenvolvimento das pesquisas relacionadas à História Regional e Local no país.

E, a partir daí, nota-se então, o desenvolvimento destes estudos preocupados em evitar o que exploramos anteriormente como uma abordagem mais tradicional da História, seguindo para estudos com enfoques singulares, como é possível perceber destacando as considerações da autora Sandra Jatahy Pesavento, na obra *História Regional e Transformação Social* (1990), criticando o uso do regional para legitimar narrativas baseadas nas vozes dominantes.

A autora traz à tona a sua colocação sobre como se pode mudar a História Regional dessa tendência de comprometimento com o imobilismo, com a permanência, com essa postura idealista de enfoque nos grandes feitos de heróis, propondo como respostas firmar o conhecimento científico na área da História como um mecanismo viabilizador de alteração da realidade numa perspectiva de ação (Pesavento, 1990).

Possibilitando, dessa forma, conceber a História Local como um instrumento de transformação da realidade, evidenciando que a construção da localidade é feita pelas relações sociais contempladas no meio, relações estas oriundas de todas as pessoas que, em seus movimentos, produzem histórias tão relevantes que devem ser contadas, conhecidas, evidenciadas.

Neste mesmo caminho, Janaína Amado (1990) aponta uma disposição na busca pelo estudo e análise do local ao procurar um conceito para região, quando nos coloca que, “a ideia de região, não importa qual o conteúdo lhe seja conferido relaciona-se basicamente com a noção de espaço” (Amado, 1990, p. 10).

De acordo com a autora, o surgimento de conceito de região partiu da carência do ser humano compreender e ordenar os contrastes existentes no ambiente, investigando, assim, conforme os domínios e compreensões dispostos ao seu tempo histórico, a multiplicidade espacial vigente nos lugares (Amado, 1990).

Por isso, diante dessa busca conceitual é importante ressaltar esse novo enfoque voltado para o campo de estudo regional, onde fica evidente a questão espacial e o estudo perante as relações entre a História e a Geografia, possibilitadas



através da “geografia crítica<sup>1</sup>”, por meio da qual “alguns geógrafos têm proposto um novo conceito de região, capaz de apreender as diferenças e contradições geradas pela ação dos homens, ao longo da História em um determinado espaço.” (Amado, 1990, p. 08).

Assim, instituído o desenvolvimento de um novo conceito de região, foram postas relações existentes entre o campo de estudo geográfico e histórico, abrindo caminhos para mais debates e estudos aprofundados ligados ao tema. Diante disso, é importante destacar as considerações de Amado

Em primeiro lugar, o estudo regional oferece novas óticas de análise ao estudo de cunho nacional, podendo apresentar todas as questões fundamentais da História (como os movimentos sociais, a ação do Estado, as atividades econômicas, a identidade cultural, etc.) a partir de um ângulo de visão que faz aflorar o específico, o próprio, o particular. A historiografia nacional ressalta as semelhanças, a regional lida com as diferenças, a multiplicidade.

A historiografia regional tem ainda a capacidade de apresentar o concreto e o cotidiano, o ser humano historicamente determinado, de fazer a ponte entre o individual e o social. Por isso, quando emerge das regiões economicamente mais pobres, muitas vezes ela consegue também retratar a História dos marginalizados, identificando-se com a chamada “História popular” ou “História dos vencidos.” (Amado, 1990, p. 12-13).

Desta maneira, apresenta o emergir de um novo estudo voltado para o regional, que pode identificar-se com as peculiaridades e especificidades até então não exploradas ou desconhecidas e que vão desdobrar-se na História Local e no seu desenvolvimento ligado ao campo educacional no Brasil.

Neste mesmo caminho, Martins (2010) ressalta com clareza o papel das pesquisas realizadas pelos “historiadores regionalistas” quando coloca que eles

...trabalham com regiões e localidades não porque afirmam a dicotomia entre o geral e o particular. Fazem isso porque questionam e criticam as narrativas e interpretações históricas dominantes e as crônicas triunfalistas do progresso, seus pressupostos e implicações político-identitárias. (Martins, 2010, p. 143)

A História Regional mostra-se, assim, como um campo de investigação que vai além da afirmação sobre a diferença existente entre estudos generalizantes e locais, mas como um trabalho que objetiva a compreensão acerca do papel da

---

<sup>1</sup> [1] Conceito explicado pela autora Rosa Maria Godoy Silveira em: SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. Região e História: questão de Método. In: SILVA, Marcos A. (org.) *República em migalhas — História Regional e Local*. São Paulo: Marco Zero, 1990.



construção histórica dominante e de como é importante a sua desconstrução, revelando a realidade que nos trouxe até os dias atuais.

Indo ao encontro deste pensamento, metodologicamente, o historiador Raphael Samuel destaca que

A História Local requer um tipo de conhecimento diferente daquele focalizado no alto nível de desenvolvimento nacional e dá ao pesquisador uma ideia muito mais imediata do passado. Ele a encontra dobrando a esquina e descendo a rua. Ele pode ouvir seus ecos no mercado, ler o seu grafite nas paredes, seguir suas pegadas nos campos. (Samuel, 1990, p. 220)

A História Local, em seu vigor e força, apresenta-se como um estudo diverso em relação à História Nacional. Um estudo que necessita de empreendimento e foco do pesquisador e que pode ser desenvolvida a partir do cotidiano, do comum, das observações voltadas à vivência das pessoas.

Assim, cabe aqui evidenciar a abordagem feita por José D'Assunção Barros, em sua obra *História Local e História Regional: a historiografia do pequeno espaço* (2022) onde, a partir da referência do campo geográfico, em relação aos conceitos de local e de lugar, o autor apresenta uma concepção partindo do pressuposto de que “com o desenvolvimento mais complexo do conceito geográfico de lugar, este não deveria mais ser visto como um mero local, mas sim um mundo que coloca em jogo as suas próprias regras.” (Barros, 2022, p. 24).

Barros explora, dessa maneira, definições diferentes ao que chamamos de local e lugar e atribui ao lugar uma conceituação mais profunda, advinda das vivências das pessoas em relação a ele, o que fica claro na referência a seguir

Pode-se mesmo dizer que todos os lugares são pequenos mundos. Se o lugar pressupõe uma localização (mesmo o lugar virtual tem um endereço eletrônico), este traço está longe de ser o único relevante quando pensamos nos lugares. Ademais, podemos ter uma localidade – cartografável ou indicável no mapa – mas sem termos ainda um lugar. O local pode ser um mero ponto no mapa definido pelo encontro de um paralelo e um meridiano. Mas um lugar precisa ser nomeado, pressentido por alguém como dotado de uma singularidade. O lugar é o local que adquiriu visibilidade para alguém, porque investido de certos significados. Assim, o lugar é o espaço ao qual foram agregados novos níveis ou camadas de sentidos. (Barros, 2022, p. 24-25).

Esta definição de lugar proposta por Barros em muito coaduna-se com os estudos voltados para a História Local atualmente, pois integra ao lugar a relação com os conceitos de significado, identidade e memória. Conceitos que acompanham o desenvolvimento de pesquisas que visam compreender relações, estudar localidades

a partir de problematizações envoltas no cotidiano da ação humana. Conceitos estes que se harmonizam com o desenvolvimento do estudo proposto por esta pesquisa.

### 1.3 DA HISTORIOGRAFIA PARA O ENSINO: OS USOS DA HISTÓRIA LOCAL

O processo da construção historiográfica do Brasil, a cargo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, desenvolveu-se para além do seu lugar de produção. O trabalho de autores sócios do IHGB, escritores ligados ao governo, incumbidos da produção do “fazer erudito”, voltados para a construção historiográfica de constituição da identidade da nação brasileira estendeu-se, também, para o espaço escolar através da produção de obras didáticas, compêndios escolares voltados para a leitura estudantil (Bittencourt, 1993).

Dessa maneira, é viável perceber que a efetivação da construção historiográfica brasileira oficial se deu por meio da disseminação das produções didáticas no espaço escolar, com o objetivo de atingir a formação da juventude brasileira, como afirma Bittencourt (1993, p. 206) quando nos diz que, “a partir da segunda metade do século XIX, portanto, evidenciava-se a importância da produção didática como veículo de divulgação da História do Brasil.”

Nesta produção didática voltada para o ensino de História, baseada na construção oficial da História do Brasil, observava-se, segundo Bittencourt (1993, p. 215-216), que houve “...ao se construir uma História civil, a busca em situar os heróis, as figuras que deveriam permanecer na memória social como exemplos, seguindo os pressupostos de uma concepção de história como mestra da vida.”

As corografias, mencionadas anteriormente, e “escritas quase sempre por membros dos institutos históricos, pessoas bem situadas nas hierarquias sociais e políticas de suas épocas” (Martins, 2010, p. 140), estenderam-se como estudos das regiões para o espaço escolar, exaltando heróis regionais e atribuindo aos povos descritos características permanentes, “configurando um contexto histórico imutável”, como afirma Martins (2010, p. 141).

É importante observar que toda esta elaboração da História do Brasil, iniciada através da preocupação em relação à formação da nação em unidade, identidade e civilização, a cabo principalmente do IHGB e, partindo dele para a disseminação pelas escolas brasileiras, consiste no que ainda hoje observa-se no currículo escolar.

Seguindo o modelo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no Paraná, o Instituto Histórico e Geográfico Paranaense, “fundado em 1900, em meio às comemorações do quarto centenário do ‘descobrimento do Brasil’ promovidas pelo estado do Paraná” (Gonçalves Júnior, 2011, p. 80) tinha como fundadores membros do cenário intelectual paranaense de prestígio.

Um destes membros era Alfredo Romário Martins, curitibano, escritor e historiador autodidata que, na época posterior à emancipação política do estado iniciou a sua atuação na redação da *Revista do Clube Curitibano*, o órgão das elites luso brasileiras locais. Martins foi o primeiro secretário do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, diretor do Museu Paranaense e deputado estadual por oito legislaturas, de 1904 a 1928. (Camargo, 2007)

Em 1899, pouco tempo antes da fundação do IHGP, Martins publicou a obra *História do Paraná* que legitimou-se como a história oficial do estado, pois, segundo as colocações de Batistella (2012, p.03) “...História do Paraná influenciaria decisivamente a elite intelectual paranaense da época no processo de construção identitária do estado”.

Na dissertação *História do Paraná: a construção do código disciplinar e a formação de uma identidade paranaense*, Rosi Terezinha Ferrarini Gevaerd (2003) analisa esta construção identitária do estado mencionada acima, que se dá no contexto que a historiografia aponta como paranismo, movimento intelectual que nasceu da valorização das regionalidades paranaenses e teve como um de seus precursores, Romário Martins.

De acordo com Gevaerd (2003) as ideias propostas pelos paranistas tinham como objetivo projetar a sociedade paranaense ao reconhecimento regional e nacional em um momento em que o estado ainda estava se constituindo enquanto espaço geográfico e necessitava, assim, de um passado histórico de referência à sua população.

A autora ainda ressalta o paranista Sebastião Paraná, curitibano, autor de inúmeras obras didáticas, dentre as quais se destaca o livro *O Brasil e o Paraná*, publicado em 1903, “que aborda aspectos geográficos e históricos, o qual passou a ser indicado como manual didático a ser utilizado pelos alunos de escolas públicas do Estado” (Gevaerd, 2003, p. 28)

Gevaerd complementa que

As obras História do Paraná, de Romário Martins, e O Brasil e o Paraná, de Sebastião Paraná, publicadas no contexto do paranismo, passaram a fazer parte da cultura escolar, na medida em que foram adotadas pelas escolas e permaneceram durante muito tempo sendo indicadas pela administração pública como bibliografia nos Programas escolares. Assim, podem ser vistas como instrumentos veiculadores das ideias paranistas no âmbito escolar. (Gevaerd, 2003, p. 28)

De acordo com as análises de Aires (2022), no trabalho intitulado *Ensino de História do Paraná na educação básica durante a Primeira República (1889-1930): entre discursos e representações*, o ensino da disciplina de História do Paraná, no final do século XIX e no decorrer do século XX, focado na formação da identidade regional, fez uso de uma narrativa regulada pela omissão das tensões que marcaram a formação social no território que veio a ser o estado, apresentando uma narrativa romântica e tendenciosa de uma sociedade formada sem embates, buscando a aproximação com a Europa e o afastamento das mazelas da sociedade brasileira.

Como ocorreu na construção historiográfica da nação, a busca pela valorização identitária procurou sobrepujar verdades importantes sobre a História do Paraná, disseminando no ensino de História visões distorcidas sobre a realidade do estado.

Dando continuidade à trajetória imbricada pela História Local/Regional no ensino, no currículo escolar e nas instruções metodológicas que formam a legislação da educação brasileira, Garcia e Schmidt (2011) afirmam que ela tem presença desde a década de 1930, no entanto, é importante entender que foi abordada e compreendida de diferentes formas ao longo do tempo.

Dessa maneira, as autoras elucidam que

A Reforma Francisco de Campos, em 1931, por meio do Decreto 19.890, sugeria que os alunos fossem encarregados de colher, fora da aula, os fatos históricos apresentados pelos manuais, “de preferência os que se encontram em forma de fontes”. Nessa perspectiva, pode-se afirmar que a História Local era entendida, então, como um recurso didático, como um meio para desenvolver os conteúdos de ensino. (Garcia; Schmidt, 2011, p. 8).

Portanto, é concebível perceber outra maneira pela qual a História Local começou a ser utilizada no campo educacional na década de 1930. No entanto, as autoras ainda afirmam que, no decorrer das décadas de 1940 a 1970, “as propostas legais de reformulação do ensino no país não faziam alusão específica ao estudo da localidade”. (Garcia; Schmidt, 2011, p. 8)

No ano de 1971, período político compreendido pela Ditadura Militar no Brasil, ocorreu uma mudança na estrutura geral do ensino no país, afetando as disciplinas de História e Geografia.

Nas séries iniciais da escola fundamental, no que hoje corresponde do primeiro ao quinto ano, as disciplinas de História e Geografia passaram a ser substituídas pelo componente curricular de nome Integração Social e nas quatro séries seguintes, pelo componente curricular de nome Estudos Sociais.

Na tese *Caminhos do Ensino de História para as turmas de 1ª a 4ª séries das escolas municipais de Curitiba – Pr: dos Estudos Sociais ao Currículo Básico (1975 – 1988)*, Edilene Maria Leite dos Santos analisa o Ensino de História na proposta da Integração Social, evidenciando a postura do estado do Paraná no que diz respeito à implantação da reforma educacional determinada pela Lei nº 5.692/71<sup>2</sup>, afirmando que

Já em 1971, ano da aprovação da Lei 5.692, o governo do Paraná apresentou um plano para a implantação da reforma educacional determinada por esta lei. A ideia era a de colocar o Estado em uma posição de destaque no que diz respeito à implantação da normativa. (Santos, 2023, p. 72)

A autora elucida que as justificativas para esta prontidão estavam no fato do estado querer estar na vanguarda das reformas de ensino e na promoção da elevação da escolaridade média da população mediante um ensino de qualidade, objetivando o desenvolvimento econômico do Estado. (Santos, 2023)

É importante destacar que, neste contexto, o Paraná apostava na expansão agrícola, na industrialização local e na modernização administrativa, tendo a educação, objetivos definidos de acordo com esta nova sociedade em formação, passando a ser o foco da formação de mão de obra qualificada. (Silva, 2012)

Neste contexto, Garcia e Schimidt (2011) destacam que, no currículo, a localidade era conceituada como o meio de vivência do aluno, que deveria ser a indicação para o desdobramento das atividades escolares, onde o ensino privilegiaria o meio mais próximo para, depois, deslocar-se para o mais longínquo do aluno. Esta proposta curricular chamada de “círculos concêntricos” ainda influencia materiais e propostas didáticas das séries iniciais no país.

---

<sup>2</sup> Lei assinada em 11 de agosto de 1971, que fixa as Diretrizes e Bases para o Ensino de 1º e 2º Graus, sob mandato do presidente Emílio Garrastazu Médici, durante o período compreendido como Ditadura Militar no Brasil. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=5692&ano=1971&ato=f4ekXQU50MjRV T190> Acesso em 14 de out. de 2024.

Corroborando com esta colocação, em sua tese, a autora Edilene Maria Leite dos Santos (2023) analisa a proposta curricular entendida como “círculos concêntricos” e evidencia que, dentro do conteúdo de Integração Social o estudo privilegiando o meio de vivência do aluno ficaria descolado da sua dimensão histórica e contextual, não apresentando relações necessárias para o desenvolvimento de um pensamento crítico, uma vez que cada dimensão se dá separadamente. Sendo assim,

Isso deixa de levar o estudante a reconhecer elementos de estranhamento e de alteridade na história, pois um dos princípios centrais dessa forma de organizar o currículo é a centralidade do aluno, fato que obriga o professor a trabalhar com elementos da realidade próxima, sempre vinculando o estudo ao que é familiar e reconhecível por ele. Perde-se, nesse processo, a dimensão social e histórica dos fenômenos sociais e humanos. A escola e o professor, em sua tentativa de aproximação do contexto, tornam as disciplinas um conjunto de atividades práticas que, muitas vezes, não conseguem dialogar com os conceitos que as crianças necessitam aprender para interpretar, compreender e agir no mundo. (Santos, 2023, p. 101)

Portanto, é observável através da trajetória aqui estudada, que os usos da História Local/Regional foram diferentes de acordo com a época vigente, apresentando-se a partir do compromisso com a construção identitária da nação, com as corografias, com a História do Paraná concretizada através das ideias paranistas. Assim, a História Local/Regional torna-se presente no currículo educacional brasileiro como um recurso didático de ensino, até a sua presença por meio dos “círculos concêntricos”, dificultando ao educando relações necessárias para a formulação de um pensamento crítico dentro do Ensino de História.

Acentuando, dessa maneira, importantes transformações neste campo de estudo que atualmente é extremamente discutido e que ainda necessita desenrolar-se no decorrer das reflexões aqui tomadas.

### 1.3.1 A História Local no retorno da História no currículo educacional brasileiro

No começo da década de 1980, Garcia e Schmidt (2011) colocam que o Brasil vivia uma abertura política gradual devido ao fim da ditadura militar, tendo as primeiras eleições diretas após este período, com a inserção, no governo dos Estados, de alguns políticos de oposição.

Mesmo sob a legislação que já vigorava com a Lei 5692/71, os estados e municípios começaram diversos exercícios de reformulação dos currículos, “nos quais

os conteúdos de ensino passaram a ser definidos a partir de pressupostos educacionais identificados como progressistas”. (Garcia; Schmidt, 2011, p. 9).

De acordo com Schmidt, “após o fim do período da ditadura militar, houve um crescimento do movimento pela chamada ‘volta do ensino de História’ à escola básica” (2012, p. 86)

Neste contexto é interessante destacar as análises de Edilene Maria Leite dos Santos (2023) exemplificando esta tentativa de reformulação do currículo a nível estadual, destacando o I Encontro Paranaense de História promovido pela APAH (Associação Paranaense de História), fundada no final da década de 1970, que ocorreu do dia 1º a 5 de agosto de 1983, debatendo a volta da História e da Geografia como disciplinas específicas, resultando na produção de um documento enviado à Secretaria de Educação. (Santos, 2023).

Em reflexão sobre o documento, a autora menciona que

Este documento da APAH chama a atenção não só por deixar claro uma posição contrária aos Estudos Sociais como substitutos da História e Geografia como disciplinas específicas, mas pela forma como a conceituaram. O documento não reconhece os Estudos Sociais como uma disciplina, por considerarem que ela não é uma ciência, como História e Geografia. (Santos, 2023, p. 134)

E, no que diz respeito aos caminhos trilhados pela educação municipal de Curitiba, de setembro a dezembro de 1983, foi promovido o I Simpósio Educacional do Departamento de Educação, tendo como participantes professores e funcionários da Rede Municipal de Ensino, com o intuito de formular medidas de planejamento centradas na ideia de educação para uma escola aberta. A autora complementa que, “a Escola Aberta pode ser entendida como aquela favorável a que ‘os membros da comunidade’ transmitissem suas experiências numa relação de troca.” (Santos, 2023, p. 133)

Assim, é possível vislumbrar exemplos sobre os contextos estadual e municipal neste momento de reconstrução dos currículos escolares almejados com o fim do período de Ditadura Militar no Brasil.

Indo ao encontro desta colocação, Toledo (2010) complementa que a preocupação em estabelecer uma relação de desenvolvimento entre um respaldo teórico e um método de ensino para o trato com os conteúdos escolares nas aulas de História, ou seja, uma aproximação dos estudos imbricados na academia pelos



historiadores e o ensino de História dentro da sala de aula, tornou-se evidente nesta mesma época, a partir da década de 1980, quando a disciplina de História retorna no lugar dos Estudos Sociais.

Assim, a partir do retorno da disciplina de História nos currículos escolares brasileiros, foi possível vislumbrar uma maior preocupação em situar os debates teóricos e metodológicos que se desdobraram nas questões relacionadas ao Ensino de História no Brasil com vistas à História Local, como Schmidt e Cainelli (2004), corroboram ao citarem que

A valorização da história local pelos historiadores teve reflexos nas propostas curriculares nacionais, como se pode observar nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino fundamental (1997-1998) e para o ensino médio (1999), nos quais as atividades relacionadas como estudos do meio e da localidade são, enfaticamente, indicadas como renovadoras para o ensino da História e salutaras para o desenvolvimento da aprendizagem. (Schmidt; Cainelli, 2004, p. 111-112).

Na segunda metade da década de 1990 foram colocados em atividade, no Brasil, os Parâmetros Curriculares Nacionais. Neles, a História Local foi incutida como um dos eixos temáticos para os conteúdos do 1º ciclo, que abrangiam a primeira e segunda séries do ensino fundamental, tendo como finalidade o intuito de que os educandos “ampliem a capacidade de observar o seu entorno para a compreensão de relações sociais e econômicas existentes no seu próprio tempo e reconheçam a presença de outros tempos no seu dia a dia” (Brasil, 1997, p. 51).

Como critério de avaliação sobre o desenvolvimento da História Local trabalhada neste ciclo de estudos, dentro dos Parâmetros Curriculares, vale ressaltar o critério que estabelece “reconhecer algumas semelhanças e diferenças no modo de viver dos indivíduos e dos grupos sociais que pertencem ao seu próprio tempo e ao seu espaço” (Brasil, 1997, p. 58). Evidenciando assim, a preocupação com a apropriação, por parte do educando, da diversidade de relações existentes na sua proximidade, localidade, como na família, na escola, no bairro.

Os estudos do meio também são abordados nos Parâmetros Curriculares como “um recurso pedagógico privilegiado, já que possibilita aos estudantes adquirirem, progressivamente, o olhar indagador sobre o mundo de que fazem parte” (Brasil, 1997, p. 91).

Portanto, decorrentes dos debates já estabelecidos no campo historiográfico, fica evidente o desenvolvimento de um enfoque aos estudos escolares voltados para



a História Local, dentro dos PCNs, ainda que, com destaque mais evidente somente às séries iniciais.

Logo, é possível perceber que, paralelamente, dentro do campo historiográfico e do campo educacional, a História Local foi, e ainda é, objeto de debate e estudos visando o seu desenvolvimento, sendo nítida até aqui, a apropriação da História Local nas propostas curriculares brasileiras ora como conteúdo de ensino, ora como recurso didático, outrossim, como afirmam Garcia e Schmidt (2011, p. 10), “como fim e como meio do ensino de História nas séries iniciais.”

Nesta mesma esteira de pensamento, Toledo (2010) faz uma contribuição importante quando nos lembra que

A história local, visível como proposta para o ensino de História e aceita em boa medida entre os envolvidos com o tema, pode permitir romper com a história tradicional e superar, em qualidade de saber histórico, os Estudos Sociais, uma vez que permite romper com a prática de transposição de conteúdos pré-estabelecidos para o estudo regulado do passado nacional. (Toledo, 2010, p. 745).

É imprescindível a contribuição da História Local dentro do campo educacional, principalmente quando observamos o desenrolar dos estudos historiográficos no Brasil e a trajetória da historiografia brasileira desde as suas bases. Mas, a autora também ressalta que “a história local carece de estudos acadêmicos mais especificamente voltados para esse ‘tipo’ ou ‘abordagem’ da escrita da história e para a compreensão de como se relaciona teoricamente com o ensino escolar” (Toledo, 2010, p. 745).

Assim, abre-se caminho para que esta carência seja contornada em meio aos debates e estudos realizados nestas primeiras décadas do século XXI, com as quais ainda vamos nos deparar no decorrer do texto.

Neste sentido, chamando atenção para o contexto social de mundialização no qual vivemos neste século, Schmidt e Cainelli (2004) apontam considerações a partir do uso da História Local no Ensino de História, destacando que os problemas sociais, políticos e econômicos de uma localidade não se explicam por si só, mas pela sua relação com outras localidades ou com abrangências mais amplas.

Por isso, no uso da História Local como propulsor da construção da noção de identidade, deve-se levar em consideração que, na conjuntura global na qual vivemos, esta noção de identidade deve relacionar-se com outras dimensões que necessitam

ser situadas e apreendidas, como o local, o nacional, o mundial. (Schmidt; Cainelli, 2004)

Dessa maneira, as autoras chamam atenção aos cuidados que devem ser levados em conta no trato com os estudos sobre a localidade no ensino de História, pois o conhecimento sobre si, sobre o entorno, também parte da consciência sobre o outro, o diferente, o total. (Schmidt; Cainelli, 2004)

Na obra *História Local: o reconhecimento da identidade pelo caminho da insignificância* (2007), a autora Márcia de Almeida Gonçalves, proporciona uma série de reflexões em torno da temática local no que diz respeito à sua concepção como conhecimento histórico.

Na obra, ela atribui à História Local o trabalho de uma produção pedagógica, de uma historiografia didática que abarque o lugar, notabilizando que, a partir daí, é possível a apreciação de um caminho que elucide a consciência histórica<sup>3</sup>, que proporcione aos indivíduos, através do estudo e análises sobre o local, a problematização no sentido das suas identidades, desenvolvendo a criticidade em relação ao mundo e entendendo-se como sujeito da sua própria vida (Gonçalves, 2007).

No entanto, a autora faz uma ressalva, no que diz respeito ao desenvolvimento da História Local no Ensino de História

Se na historiografia acadêmica, o uso dos recortes do *local* e do *regional* já informa outras modulações para a história nacional, no âmbito da historiografia didática tais modulações ocorrem em iniciativas, sem dúvidas numerosas e valiosas, mas que, em função da dispersão e do isolamento, acabam por não adquirir o merecido reconhecimento institucional, carecendo de um diálogo interdisciplinar viabilizador do maior refinamento das discussões conceituais e metodológicas que toda escrita da história pressupõe e exige. (Gonçalves, 2007, p. 182).

De acordo a autora, o debate e os estudos voltados para a abordagem local no âmbito educacional ainda são muito necessários na busca por evidenciar de maneiras diversas, como experiências mais amplas podem ser vivenciadas localmente, promovendo um diálogo interdisciplinar que aperfeiçoe cada vez mais as discussões conceituais e metodológicas que embasam o ensino de História.

---

<sup>3</sup> De acordo com o historiador alemão Jörn Rüsen, (2001, p. 55) "...são processos mentais genéricos e elementares da interpretação do mundo e de si mesmos pelos homens..." Ver mais no capítulo 2 deste trabalho.

Espessando este debate, é interessante ressaltar que outra questão viabilizada pelo ensino de História Local, de relevância profunda no desenvolvimento das relações sociais atualmente, é proporcionar colocar em pauta os limites das identidades regionais que distanciam, que repartem, que nivelam, que encorajam estereótipos regionalistas sustentados pelo enfoque à diferença, à discriminação e ao preconceito que necessita ser cada vez mais combatido na sociedade (Albuquerque Júnior, 2008).

Portanto, é importante salientar, através das citações aqui elencadas, como o desenvolvimento pedagógico em torno da História Local tem papel importante de efetivação da pluralidade e da noção de sujeito histórico na sociedade atual.

Circe Bittencourt (2008) também traz discussões acerca da História Local e sobre as contribuições da história do cotidiano, quando diz que seu uso carece ser um objeto de estudo na escola “pelas possibilidades que oferece de visualizar as transformações possíveis realizadas por homens comuns, ultrapassando a ideia de que a vida cotidiana é repleta e permeada de alienação.” (Bittencourt, 2008, p. 168).

A autora evidencia a importância da História Local no ensino e argumenta que ela enseja o conhecimento sobre o entorno do aluno, constatando o passado que é presente nos espaços nos quais o aluno está inserido, como a família, a casa, a escola, a comunidade, proporcionando a identificação de problemas expressivos na história, no presente deste aluno. (Bittencourt, 2008)

Além disso, Bittencourt também mostra a relação entre o ensino de História e o desenvolvimento identitário dos educandos, chamando a atenção para cuidados em relação à História Local no âmbito educacional que já discutimos anteriormente e que vale a pena ressaltar

O papel do ensino de História na configuração identitária dos alunos é um dos aspectos relevantes para considerar ao proporem-se os estudos da história local. Muitas vezes ela tem sido objeto de estudo escolar, preservando, no entanto, os mesmos pressupostos norteadores da história nacional. A História Local pode simplesmente reproduzir a história do poder local e das classes dominantes, caso se limite a fazer os alunos conhecerem nomes de personagens políticos de outras épocas, destacando a vida e a obra de antigos prefeitos e demais autoridades. Para evitar tais riscos, é preciso identificar o enfoque e a abordagem de uma história local que crie vínculos com a memória familiar, do trabalho, da migração, das festas... (Bittencourt, 2008, p. 168-169).

Dessa maneira, é possível perceber a preocupação em relação ao não desenvolvimento de uma História Local no campo educacional que traga aquela

mesma perspectiva de ensino que visava a história tradicional, colocando em evidência os feitos de heróis e pessoas elitizadas e, para isso, a autora liga a memória ao desenvolvimento da História Local no ensino, evidenciando uma relação de significado com os conteúdos estudados e assim, a compreensão de que todos somos sujeitos da História.

No entanto, Bittencourt também salienta que, “a memória não pode ser confundida com a História como advertem vários historiadores. As memórias precisam ser evocadas e recuperadas e merecem ser confrontadas.” (Bittencourt, 2008, p. 170).

Assim, fica clara a precisão do cuidado com o manuseio da História Local em sala de aula, onde o professor necessita possuir clareza do seu enfoque no trabalho com uma perspectiva de História Local que propicie o desenvolvimento do conhecimento sobre o entorno, sobre as relações de memória existentes, sobre a identidade presente e a criticidade acerca do meio no qual se vive.

Em continuidade às análises aqui imbricadas, foi no ano de 2018 que os educadores brasileiros conheciam a Base Nacional Comum Curricular, um documento de caráter normativo “que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica...” (Brasil, 2018, p. 07).

A BNCC é a base curricular em vigência atualmente e orienta os currículos estaduais. Nas séries iniciais, mesmo com a ausência do termo História Local, percebem-se encaminhamentos que se desdobram nele

Retomando as grandes temáticas do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, pode-se dizer que, do 1º ao 5º ano, as habilidades trabalham com diferentes graus de complexidade, mas o objetivo primordial é o reconhecimento do “Eu”, do “Outro” e do “Nós”. Há uma ampliação de escala e de percepção, mas o que se busca, de início, é o conhecimento de si, das referências imediatas do círculo pessoal, da noção de comunidade e da vida em sociedade. Em seguida, por meio da relação diferenciada entre sujeitos e objetos, é possível separar o “Eu” do “Outro”. Esse é o ponto de partida. No 3º e no 4º ano contemplam-se a noção de lugar em que se vive e as dinâmicas em torno da cidade, com ênfase nas diferenciações entre a vida privada e a vida pública, a urbana e a rural. Nesse momento, também são analisados processos mais longínquos na escala temporal, como a circulação dos primeiros grupos humanos. (Brasil, 2018, p. 404).

É possível perceber que a História Local se constitui novamente como ponto de partida dos estudos históricos das séries iniciais, abrangendo agora unidades temáticas para o desenvolvimento das habilidades que contemplam a noção de

comunidade, de lugar, de identidade que vão relacionar-se com o mais amplo e com o total no ensino de História.

Apesar do currículo escolar atribuir o desenvolvimento da História Local com enfoque somente às séries iniciais, é clara a contribuição dela para além destas séries.

Portanto, após a trajetória aqui apresentada em torno da História Local no campo historiográfico e educacional brasileiro, percebe-se que seu processo de desenvolvimento ocorreu concomitante a diferentes contextos sociais pelos quais o país passava.

Esses contextos possibilitaram diferentes usos e debates acerca de seus estudos que se desenrolaram nas proposições que hoje conhecemos como propulsoras no processo de Ensino de História, da construção de sujeito histórico, de multiplicidade, identidade, desenvolvimento da Consciência Histórica, abarcada no campo da Educação Histórica, nosso foco de estudo no próximo capítulo.

## **2. EDUCAÇÃO HISTÓRICA, CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E OS DOCUMENTOS EM ESTADO DE ARQUIVO FAMILIAR**

O trabalho com a História Local no Ensino de História tem o intuito de mobilizar a Aprendizagem Histórica. Por isso, os estudos aqui empreendidos têm por intenção a compreensão acerca do campo da Educação Histórica, que abrange o desenvolvimento do Ensino de História e da Consciência Histórica, que pode ser aprimorado por meio da aprendizagem.

Além destas análises, este capítulo também abarca a utilização dos documentos em estado de arquivo familiar no Ensino de História, evidenciando a relação que pode existir entre os documentos, a Educação Histórica, a História Local e a Consciência Histórica.

### **2.1 A PESQUISA EM EDUCAÇÃO HISTÓRICA**

De acordo com Germinari e Urban (2020, p. 2), “compreende-se que a Educação Histórica se constitui como uma linha de pesquisa dentro do universo mais amplo das investigações em ensino de História.” Dessa maneira, é possível entender que este campo visa o desenvolvimento de estudos ligados à aprendizagem histórica, e está, portanto, vinculado ao saber histórico desenvolvido em sala de aula.

Barca (2001) menciona que, desde a década de 1970, as investigações relacionadas à Educação Histórica, como a cognição histórica, vêm sendo desenvolvidas em países como Inglaterra, Estados Unidos e Canadá, estudando princípios e estratégias sobre a aprendizagem histórica de crianças, jovens e adultos.

Estas investigações partem da natureza do conhecimento histórico, dando ênfase às ideias que os sujeitos expressam acerca da História, distanciando-se do critério generalista que categorizou o pensamento em níveis abstratos – os estágios de desenvolvimento<sup>4</sup> - decorrentes das ciências exatas imbricados por Piaget e Bloom e que acabaram por conduzir autores à ideia de que a História seria complexa para

---

<sup>4</sup> Os estágios do desenvolvimento cognitivo fundamentados nas teorias psicológicas foram assim denominados: sensório-motor (0 a 2 anos), pré-operatório (2 a 7 anos), operações concretas (7 a 12 anos), operações formais (12 anos em diante). Ver mais em: PIAGET, Jean. A epistemologia genética. Petrópolis: Vozes, 1971.

ser estudada por alunos com idade inferior aos 16 anos por não possuírem o cognitivo necessário à apreensão dos conteúdos históricos.(Barca, 2001)

Os autores Germinari e Buczenko (2012, p. 134) ressaltam que “no Brasil, Espanha e Portugal esta perspectiva de pesquisa surgiu recentemente e busca consolidar-se no diálogo com a comunidade internacional.” E ainda complementam que

Os pressupostos teóricos para análise da aprendizagem histórica partem da natureza do conhecimento histórico e a metodologia de pesquisa desenvolve apreciações das ideias que sujeitos manifestam sobre a História. A partir desse referencial teórico-metodológico investiga-se a chamada cognição histórica situada, ou seja, a cognição situada na ciência histórica. (Germinari; Buczenko, 2012, p.135).

De acordo com Schmidt e Cainelli (2009), o conceito de cognição histórica situada está relacionado à aprendizagem histórica baseada nos princípios da própria ciência da História.

Para as autoras, “a forma de ensinar história depende de uma determinada forma de aprender que é propriamente histórica, fundamentada em conceitos e categorias históricas” (Schmidt; Cainelli, 2009, p. 36).

Assim, são princípios da cognição histórica situada os conceitos substantivos, que dizem respeito aos conhecimentos relacionados ao próprio conteúdo de História, que podem ser exemplificados como Renascimento, Ditadura Militar Brasileira, Revolução Industrial. E os conceitos de segunda ordem, que englobam todos os conteúdos a serem assimilados, relacionados às maneiras de compreensão do pensamento histórico como as noções temporais, o conceito de narrativa histórica, de evidência e explicação histórica. (Schmidt; Cainelli, 2009)

Nesta perspectiva, compreende-se que a aprendizagem em História é o desenvolvimento das competências baseadas no conhecimento histórico, como complementam Germinari e Barbosa ao enfatizarem que

Um aluno competente nos estudos Históricos é capaz de compreender a História como uma ciência particular, que admite a existência de múltiplas explicações ou narrativas sobre o passado, contudo, sem aceitar o relativismo de todas as explicações sobre o passado e o presente, mas, pelo contrário entender a objetividade dos processos históricos. (Germinari; Barbosa, 2012, p. 748)

Também é interessante refletir a partir da premissa de que os sujeitos manifestam diversas ideias sobre a História, independentemente da idade que possuem, e os estudos e pesquisas em torno da Educação Histórica vêm proporcionar o direcionamento com o tato e a intervenção do professor na busca pelo desenvolvimento da aprendizagem do educando.

Diante disso, é interessante ressaltar a conclusão de Barca (2001) no que diz respeito ao estudo abarcado pela Educação Histórica, evidenciando que as crianças já possuem ideias associadas à História quando chegam à escola, estas ideias são construídas através da família, da comunidade, da tv, sendo fontes importantes que a escola não deve ignorar, pois partem do senso comum, muitas vezes fragmentadas e desorganizadas, cabendo ao professor contribuir para alterá-las ou torná-las mais elaboradas.

É importante enfatizar, como afirmam Germinari e Urban (2020, p. 2-3) que a Educação Histórica “diferencia-se de outras linhas de pesquisa que abordam a aprendizagem de história na escola pela sua fundamentação teórica baseada na ciência da história...” diferenciando-se dos referenciais habituais que norteiam as pesquisas em educação escolar como os relativos à Pedagogia ou Psicologia.

A Educação Histórica pode ser vista como um campo de estudo com suas particularidades próprias, apoiado na epistemologia da História e envolto na teoria da aprendizagem e formação da Consciência Histórica (Germinari; Urban, 2020).

Assim, compreende-se que as reflexões acerca dos estudos relacionados à Educação Histórica visam o desenvolvimento da Consciência Histórica dos estudantes de maneira a orientá-los para além do ambiente escolar, como afirma Barca ao mencionar que

A investigação existente no domínio da educação histórica tem diagnosticado um conjunto apreciável de ideias de alunos em História, exploradas em situações de aprendizagem que procuram concretizar os princípios que se defendem. Os resultados destas pesquisas realizadas em vários países mostram que a proposta de desenvolver o pensamento histórico dos jovens em níveis gradualmente mais elaborados, e não apenas em termos de preparação para dar a resposta certa numa prova, não é simples utopia. Apesar da complexidade de que a educação histórica se reveste, existem já bons exemplos de organização de experiências de aprendizagem pensadas, partilhadas e avaliadas com consistência. Muitos autores destes trabalhos, sendo professores-investigadores, têm reportado que estas novas metodologias contribuem para que o professor de História possa acompanhar e monitorizar, de forma sistemática, a mudança conceptual dos seus alunos. E simultaneamente, ao favorecerem a auto-confiança dos alunos, potenciam



a motivação para aprender mais e melhor acerca da aventura humana através dos tempos. (Barca, 2007, p. 7).

Portanto, sendo a Educação Histórica um campo de estudo com particularidades próprias, apoiado na epistemologia da História e voltado para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem históricos em sala de aula, é possível entender que o desenvolvimento da pesquisa aqui abordada é parte integrante deste campo.

Isto se dá, principalmente ao almejar, através do processo resultante deste estudo, a compreensão dos educandos acerca da construção histórica do lugar ao qual eles fazem parte, onde estão inseridos, identificando sujeitos históricos e percebendo-se como agentes transformadores da realidade que os cerca. Proporcionando um crescimento acerca do conhecimento histórico, desenvolvendo, dessa maneira, a Consciência Histórica destes estudantes, aspecto a ser tratado no item a seguir.

### 2.1.1 A formação da Consciência Histórica

Por meio dos trabalhos pertinentes à Educação Histórica concebemos a Consciência Histórica como um processo que pode ser desenvolvido apoiado no ensino e aprendizagem da História.

Para a continuidade das reflexões, tomaremos como base os estudos realizados pelo historiador alemão Jorn Rüsen, bem como por autores que se debruçaram nas pesquisas voltadas às análises dele.

Durante o processo de disciplinarização da História no século XIX, da sua transformação em uma ciência, os historiadores acabaram por distanciar-se do imprescindível princípio de que a história está arraigada nas demandas que orientam a vida social das pessoas, acabando por destinar seus estudos a uma pequena parcela de profissionais especializados, limitando assim, a sua própria função (Rüsen, 2010).

E, isto acabou por gerar um distanciamento do campo do ensino de história. “O tipo de desconexão da disciplina História de um sentido prático, se por um lado lhe ofereceu o status de disciplina erudita, por outro, gerou o vazio da função do ensino de História na escola”, como afirma Schmidt (2019, p.37).

Dessa maneira, percebemos que ocorreu um distanciamento entre o desenvolvimento do processo de estudos históricos pelos historiadores e a efetiva utilização e compreensão destes estudos voltados para o âmbito educacional, o contexto da sala de aula, de onde é possível, em grande parte, atribuir os estudos históricos à sua função de interpretação da vida social.

No entanto, Rüsen (2010) coloca que, a partir das décadas de 1960 e 1970, uma nova geração de pesquisadores começou a criticar os estudos históricos tradicionais, propagando um conceito teórico que levantou importantes questões no que diz respeito à função política dos estudos históricos e à tarefa básica da cognição histórica.

O autor salienta que este conceito teórico fez parte de uma grande reorientação cultural pela qual a Alemanha passava naquela época, provocando também mudanças sentidas no sistema educacional. “Agora a Educação Histórica não se torna mais uma simples questão de tradução de formas e valores de estudiosos profissionais para a sala de aula.” (Rüsen, 2010, p.29) Daí em diante, o conhecimento histórico coloca em questão a sua argumentação e o seu papel legitimador de orientação para a vida social.

Entrementes, Rüsen complementa que

Essa nova mudança surgiu com a necessidade urgente de autorrepresentação e legitimidade dos historiadores preocupados com o campo da educação. Juntos, ambos os momentos contribuíram para a formação de um novo movimento histórico comprometido com uma reflexão mais profunda e ampla sobre os fundamentos dos estudos históricos e sua inter-relação com a vida prática em geral e com a educação em particular. Isso aconteceu em um tempo em que o sistema universitário passava por uma grande expansão, o que possibilitou flexibilidade suficiente para encorajar a formação de novos conceitos sobre a educação e para permitir sua implementação. Assim, posições foram criadas para estudiosos e professores que desejavam seguir essa tendência e realizá-la pela pesquisa, treinamento e ensino. (Rüsen, 2010, p. 30).

Diante disso, é factível notar que a transformação no campo de estudo da História promoveu uma nova aproximação dos estudos desenvolvidos pelos historiadores com a função da História como aplicação para a vida prática, trazendo à tona a Didática da História, como afirma Rüsen (2010, p.31) “a didática da história se estabeleceu como uma disciplina específica com suas próprias questões, concepções teóricas e operações metodológicas.”

No entanto, Rüsen (2010) coloca que a Didática da História ainda estava mais ligada à pedagogia do que aos estudos históricos, fazendo com que o papel específico da História ficasse em segundo plano.

É importante abrir um parêntese e salientar que a Didática da História concebida por Rüsen, difere-se da didática ligada à maneira como se deve ensinar determinado conteúdo.

No artigo *Matriz Disciplinar de Jorn Rüsen*, Silva (2011) explica que os esforços de Rüsen nas análises no âmbito da Ciência da História relacionadas ao conhecimento histórico e à vida humana prática resultaram na formulação da matriz disciplinar do pensamento histórico que atribui a constituição de cinco fatores para articular as condições intrínsecas à vida humana aos procedimentos típicos da ciência especializada, a Ciência da História.

Os cinco fatores são descritos como: interesses (carências de orientação no tempo, interpretadas), ideias (perspectivas orientadoras da experiência do passado), métodos (regras da pesquisa empírica), formas (de apresentação) e funções (de orientação existencial)<sup>5</sup>, sendo estes fatores “...etapas de um processo da orientação do homem no tempo mediante o pensamento histórico”. (Rüsen, 2001, p. 35)

A partir desta matriz disciplinar, é possível conceber a Didática da História não como um método de ensinar História, mas como Ciência que influencia para as mudanças na vida prática do ser humano, seja do historiador ou do indivíduo interessado em História.

Assim, retornando às análises diante da aproximação da Didática da História com a Pedagogia, mencionada anteriormente, Rüsen (2010) coloca que houve aqueles que se adversaram a essa tendência e pressionaram pelos usos da originalidade do pensamento e da explicação histórica, transformando a ideia de História como o meio e o objetivo do aprendizado e da educação, fazendo com que a Didática da História reunisse “os assuntos orientados pela prática sobre ensino e aprendizagem em sala de aula com uma percepção teórica dos processos e funções da consciência histórica em geral.” (Rüsen, 2010, p. 32).

A partir das análises aqui desenvolvidas, Rüsen (2010) explica que as perspectivas da Didática da História foram expandidas para além da consideração sobre os problemas de ensino e aprendizagem. A Didática da História passou a

---

<sup>5</sup> Ver mais aprofundamentos na obra: *Razão Histórica – Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*, de Jorn Rüsen, com tradução de Estevão Rezende Martins, publicada em 2001 no Brasil.

abranger todas as formas e funções do raciocínio e do conhecimento histórico na vida prática, como o papel da História nos meios de comunicação de massa, na opinião pública, nas representações históricas dos museus, ou seja, nos diversos campos onde os historiadores preparados podem atuar.

Neste mesmo sentido, em seus estudos sobre as relações entre a Ciência da História e Didática da História, o autor Rafael Saddi (2010) vai ao encontro das colocações de Rüsen ao afirmar que “...a Didática da História não lida simplesmente com a educação ou com o ensino, mas com o modo como as representações sobre o passado produzem compreensões do presente e projeções de futuro.” (Saddi, 2010, p. 75)

Nas escolas e na vida pública, quando a Didática da História atua enquanto subdisciplina da Ciência da História ela investiga todas as formas de produção do passado humano, analisando as ideias históricas elaboradas, como os documentos são interpretados, a estrutura narrativa utilizada, buscando evitar o uso abusivo do passado humano. (Saddi, 2010)

Continuando com as colocações de Rüsen (2010), o autor aponta quatro itens principais que dominaram as discussões sobre a Didática da História nas décadas finais do século XX, sendo eles a metodologia de instrução, a função do conhecimento e da explicação histórica na vida pública, o estabelecimento de metas para a Educação Histórica nas escolas e a análise geral da natureza, função e importância da consciência histórica.

Assim, partindo da Didática da História e aprofundando-se sobre o último item mencionado no parágrafo anterior, conceberemos agora estudos em torno da Consciência Histórica que, segundo Rüsen, “... pode ser analisada como o conjunto coerente de operações mentais que definem a peculiaridade do pensamento histórico e a função que ele exerce na cultura humana”. (Rüsen, 2010, p. 37).

A Consciência Histórica está totalmente ligada às interpretações do conhecimento histórico voltadas para os saberes da vida prática. E, por isso, acaba por se tornar uma categoria global que não está somente ligada ao ensino de História, mas a todas as formas de pensamento histórico. Por meio dela o passado pode ser experienciado e interpretado. (Rüsen, 2010).

Neste mesmo sentido, Schmidt e Cainelli complementam que

... a História tem a função didática de formar uma consciência histórica cada vez mais complexa, com a perspectiva de fornecer elementos para a orientação, interpretação do passado, para dentro, construindo identidades, e para fora, fornecendo sentidos para a ação na vida prática... (Schmidt; Cainelli, 2009, p. 37).

Dessa maneira, é possível perceber que o desenvolvimento da consciência histórica provoca o conhecimento e a compreensão sobre o mundo que nos cerca, embasando e orientando as ações humanas.

Rüsen enfatiza que

...A consciência histórica não pode ser meramente equacionada como simples conhecimento do passado. A consciência histórica dá estrutura ao conhecimento histórico como um meio de entender o tempo presente e antecipar o futuro. Ela é uma combinação complexa que contém a apreensão do passado regulada pela necessidade de entender o presente e de presumir o futuro. (Rüsen, 2010, p. 37).

Assim, compreende-se que a consciência histórica se desenvolve mediante o conhecimento histórico e abrange dimensões significativas que orientam o entendimento acerca da vivência humana e das questões do passado relacionadas ao presente, que podem interferir nas projeções do futuro.

Nesse mesmo sentido, faz-se necessário destacar, de acordo com Cerri (2011), que não é uma escolha mobilizar ou não a própria Consciência Histórica, acerca disso o homem não possui controle, uma vez que ela é inerente ao ser humano e ocorre pela necessidade de estabelecer relações de significado perante situações da vida prática. “Embora seja teoricamente imaginável estar na corrente temporal sem atribuir sentido a ela, não é possível agir no mundo sem essa atribuição de sentido, já que deixar de agir revela igualmente uma interpretação.” (Cerri, 2011, p. 28).

O conhecimento histórico que pode ser adquirido por meio da construção de uma história local a partir das memórias da comunidade escolar, das suas relações com uma instituição de ensino que continua viva no cotidiano dos alunos que nela estudam, percebendo a carga de historicidade presente nas suas vivências, podem proporcionar, por meio do ensino, o desenvolvimento da Consciência Histórica dos estudantes.

Adiante, como recurso que pode auxiliar o processo de ensino e aprendizagem em História e, conseqüentemente, o desenvolvimento da Consciência Histórica dos estudantes, iniciaremos análises em torno dos documentos encontrados em estado de arquivo familiar.

Estes documentos irão compor metodologicamente parte deste trabalho e, por isso, é necessário um aprofundamento acerca do caminho percorrido até seu reconhecimento como fonte histórica.

### 2.1.2 Os documentos em estado de arquivo familiar

Os documentos históricos estão presentes na escrita e no ensino de História há muito tempo. O enaltecimento do documento como um instrumento de suma importância para o trabalho do historiador é um evento do século XIX, pois “para os historiadores deste século, o documento escrito se converteu no fundamento do fato histórico.” (Schmidt, 1997, p. 08).

Sendo assim, cabia ao historiador somente reproduzir o que estava no documento e, dessa maneira, não existia uma possibilidade de ingerência sobre o passado apresentado por este documento, pois o que ele continha já seria uma verdade irrefutável (Schmidt, 1997).

Esta utilização do documento histórico servia tanto para o historiador como para o professor, através dos compêndios escolares, com os quais já refletimos acerca do ensino de história no capítulo anterior, onde a “preocupação fundamental era ensinar a História para explicar a genealogia da nação, transmitindo os fatos do passado como ‘realmente’ aconteceram.” (Schmidt, 1997, p. 08).

Nesta época, o ensino centrava-se na figura do professor como detentor do conhecimento, sendo ele quem encaminhava e propunha como deveria ser a relação do aluno com o documento. No entanto, de acordo com Schmidt (1997), uma refutação a esse uso didático do documento histórico começou a surgir gradativamente, recebendo críticas de cunho pedagógico, principalmente após a introdução dos princípios e métodos da Escola Nova, deslocando o aluno para o centro do processo de ensino, deixando o professor de ser o detentor do conhecimento, para ser o orientador do aluno no processo de desenvolvimento da aprendizagem.

Mas, apesar dessa mudança pedagógica, o documento ainda permaneceu como sendo prova conclusiva da realidade, sendo essa visão transformada somente a partir do século XX, quando

As escolas historiográficas contemporâneas contestaram a ideia do documento como matéria inerte, através da qual se reconstrói o que os homens fizeram, tal como fizeram. Criticaram também a valorização e o

primado absoluto do documento escrito. O documento considerado enquanto todo o vestígio deixado pelos homens, voluntária ou involuntariamente, passou a ser encarado como produto da sociedade que o fabricou, de acordo com as determinadas relações sociais de poder. (Schmidt, 1997, p. 11).

Neste mesmo caminho, Le Goff (1992, p. 540) complementa que “Os fundadores da revista *Annales d'histoire économique et sociale* (1929), pioneiros de uma história nova, insistiram sobre a necessidade de ampliar a noção de documento.” Sendo essa ampliação, a mesma noção de documento citado acima por Schmidt, deixando o escrito de ser visto como absoluto e abrindo a noção de documento a todo vestígio produzido pelo homem, escrito ou não.

Toda essa transformação em torno da noção de documento histórico, vai ser, de acordo com Le Goff (1992), somente uma parte da explosão que ocorre em relação aos documentos a partir dos anos 1960, sendo uma revolução quantitativa e qualitativa, onde os interesses sobre a escrita histórica não se concentram mais nos grandes homens e acontecimentos, interessa-se agora por todos os homens.

O autor cita como exemplo os registros paroquiais como detentores da memória de todos, evidenciando que “o registro paroquial, em que são assinalados, por paróquia, os nascimentos, os matrimônios e as mortes, marca a entrada na história das “massas dormentes” e inaugura a era da documentação de massa”. (Le Goff, 1992, p. 541).

Assim, ficam claras as transformações ocorridas em torno da percepção de documento histórico e do trabalho do historiador e do professor no trato com essa documentação e com toda a reformulação por ela sofrida no decorrer das mudanças estabelecidas através das diferentes percepções formuladas ao longo de séculos de estudos.

Dando continuidade a estas mudanças, Prochasson (1998) nos mostra que o desenvolvimento de trabalhos com fontes encontradas em estado de arquivo familiar é recente, tanto na perspectiva do ensino de História, quanto na historiografia, tendo seus primeiros estudos a partir da década de 1970, na França, atribuídos à renovação já aqui mencionada, como agrega Prochasson (1998, p. 109), ao retratar que “o interesse crescente por arquivos privados corresponde a uma mudança de rumo fundamental na história das práticas historiográficas.”

As observações voltadas para os documentos familiares, arquivos pessoais, se dão envoltas às mudanças de cunho metodológico e teórico com o trato historiográfico, como complementa Gomes



A descoberta dos arquivos privados pelos historiadores em geral está, por conseguinte, associada a uma significativa transformação do campo historiográfico, onde se emergem novos objetos e fontes para a pesquisa, a qual, por sua vez, tem que renovar a sua prática incorporando novas metodologias, o que não se faz sem uma profunda renovação teórica, marcada pelo abandono de ortodoxias e pela aceitação da pluralidade de escolhas. Isto é, por uma situação de marcante e clara diversidade de abordagens no “fazer história”. (Gomes, 1998, p. 122).

Portanto, o estudo voltado para os documentos pessoais, arquivos privados ou documentos em estado de arquivo familiar constituem-se em um novo olhar acerca do desenvolvimento historiográfico, voltado para o diverso, para o plural, levando em consideração as particularidades até então não encontradas nos arquivos ditos oficiais.

Vale evidenciar, portanto, os apontamentos de Prochasson (1998) ao enfatizar que os documentos de estado maior permitem conceber o conjunto, o geral, sendo importantes para a efetivação da história, no entanto, a construção desse geral é efetivada pela diversidade de fatos particulares, sendo assim, “tratar do geral sem consultar aqueles que agiram, sofreram, viveram em detalhe fatos particulares, é criar, a partir de todas as peças, um geral dissociado de qualquer realidade...” (Prochasson, 1998, p. 117).

Amparando as reflexões postas à volta dos documentos em estado de arquivo familiar, é importante ressaltar, através das contribuições de Germinari (2012) que, nos dias de hoje, documentos históricos constituem acervos de bancos de dados, bibliotecas, centros de documentação, museus, locais aptos a classificar e conservar tais materiais.

No entanto, os documentos encontrados em estado de arquivo familiar não estão dentro destes estabelecimentos, mas sim dentro da residência das pessoas, constituindo um conjunto de documentos produzidos por alguém através da sua vivência. Neste mesmo sentido, Philippe Artières (1998, p. 31) traz suas contribuições ao ressaltar que “...arquivar a própria vida não é privilégio de homens ilustres (de escritores ou de governantes). Todo indivíduo, em algum momento de sua existência, por uma razão qualquer, se entrega a esse exercício.”

E, complementando este pensamento, o autor salienta justificativas pelas quais pessoas comuns guardam seus documentos, destacando que a própria vivência humana particular, no todo social, exige do homem a produção de seus documentos para efetivar seus direitos sociais, necessitando de registros, documentos pessoais,



apresentação de comprovantes de residência, uma conta de luz, de telefone; sendo a não produção desses documentos, uma espécie de exclusão da vida social (Artières, 1998).

Assim, a nossa existência na sociedade acaba por exigir a produção de nossos documentos a todo tempo, como afirma Artières (1998, p. 18) ao colocar que “o dever de arquivar as nossas vidas é onipresente na nossa sociedade.”

Dessa maneira, o desenvolvimento acerca da noção de documento histórico embasa, hoje, a utilização dos arquivos familiares no ensino de História, como fontes para a construção do conhecimento e desenvolvimento do ensino aprendizagem, como afirma Germinari ao colocar que

Sob uma concepção histórica que considera todos os vestígios deixados pela ação humana, conscientemente ou inconscientemente, como documento histórico, pode-se entender esse material pessoal, acumulado ao longo da vida, como sendo documento histórico e, portanto, possível de ser utilizado no ensino de História. Os acervos documentais existentes nos arquivos institucionais dificultam o desenvolvimento de alguma atividade de ensino organizada com base na vivência histórica das pessoas comuns, pois a memória desses grupos sociais não está preservada nessas instituições. (Germinari, 2021, p. 29).

Em vista disso, é possível perceber que a utilização dos documentos encontrados em estado de arquivo familiar para o ensino de História pode corroborar com o desenvolvimento da consciência histórica dos estudantes, que terão contato com uma construção histórica advinda da realidade social que os cerca, produzida por pessoas comuns, que escrevem sua história e produzem seus vestígios, marcas importantes da pluralidade e diversidade do mundo no qual vivemos. Assim, “...arquivar a própria vida é definitivamente uma maneira de publicar a própria vida, é escrever o livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e à morte.” (Artières, 1998, p. 32).

### 3. O LOCAL: A CIDADE DE PARANAGUÁ E O COLÉGIO ESTADUAL BENTO MUNHOZ DA ROCHA NETO

No intuito de facilitar a compreensão acerca dos estudos expostos ao longo deste e do último capítulo, salientaremos aqui informações que explicam a localização do Colégio Bento Munhoz da Rocha Neto, no município de Paranaguá.

Juntamente, também serão expostas informações relevantes que identificam o Colégio com base nos documentos oficiais que contam a sua história, abarcando as principais características do estabelecimento de ensino no decorrer de seus anos de funcionamento e da comunidade escolar por ele atendida.

#### 3.1 A CIDADE

Localizada no litoral do Paraná, Paranaguá é considerada a cidade mais antiga do Estado do Paraná. De acordo com Freitas (1999), seu povoamento se deu por volta de 1550, na Ilha da Cotinga<sup>6</sup>, sendo mais um local de referência para as averiguações de buscas auríferas. E, por volta de 20 anos depois, os povoadores se estabeleceram no continente, como afirma o autor

Duas décadas depois, os pioneiros, à frente Domingos Peneda, natural de São Paulo, temido e conhecido como 'Régulo e Matador', considerado o fundador da povoação, conquistaram a margem esquerda do rio Taguaré (Itiberê) habitado pelo indígena Carijós. (Freitas, 1999, p. 24)

No artigo *A cartografia primitiva da Baía de Paranaguá (séculos XVI- XVII) e os limites da América Portuguesa* (2011), Mesquita e Picanço mencionam que a baía de Paranaguá “é conhecida desde pelo menos 1550, quando foi visitada por Hans Staden<sup>7</sup>, que aí já encontrou portugueses em contato com os índios.” (2011, p. 1)

Em 1640 chegava ao povoado Gabriel de Lara (1600 – 1682) que fora nomeado capitão – povoador, erigindo em 06 de janeiro de 1646, o Pelourinho,

<sup>6</sup> Ilha da Cotinga – (CÔO – povoação, casa, lugar, roça e TINGA – branca, de brancos. Logo COTINGA – lugar ou povoação de brancos. Nome dado pelos indígenas Carijós) Local onde os primeiros colonizadores vindos de São Paulo, com a intenção de chegar a Paranaguá, se estabeleceram com receio dos índios carijós que dominavam a região. Situada na baía de Paranaguá. Disponível em: <https://secultur.paranagua.pr.gov.br/item/ilha-da-cotinga/> Acesso em 08 jan. 2025

<sup>7</sup> Hans Staden – Foi um aventureiro alemão que documentou pela primeira vez a Baía de Paranaguá em seu livro *Duas viagens ao Brasil*.

símbolo da justiça portuguesa, nesta região. Aproximadamente, dois anos depois ocorre a fundação da Vila, como destaca Freitas (1999)

O capitão – povoador Gabriel de Lara, atento à defesa das novas exigências dos moradores, que vieram atraídos pela garimpagem, valendo-se de seu prestígio, obteve o foral, com força de carta Régia, por ter sido passado em nome de Dom João IV, O Restaurador, 21º rei de Portugal (1640 – 1656), pelo qual elevou o povoado ao predicamento de vila – Vila de Nossa Senhora do Rosário de Paranaguá – em 29 de julho de 1648. Estava criado, na primeira metade do século XVII, o município de Paranaguá. (Freitas, 1999, p. 24)

Desde então, o município desenvolveu-se significativamente, abrigando marcas do passado colonial através de suas construções históricas e marcas da modernização, principalmente através das atividades portuárias devido a sua localização e à inauguração do Porto Dom Pedro II<sup>8</sup>, em 1935.

Na obra *Espiraís do tempo – bens tombados do Paraná* (2006), Lira, Parchen e La Pastina Filho destacam que

(...) Na realidade, a Paranaguá nos séculos XVIII e XIX é ainda perfeitamente identificável no conjunto urbano. Estendendo-se às margens do Itiberê, a cidade velha tem sua paisagem própria, formada por pequena trama de ruas e vielas tortuosas, onde se enfileiraram séries de casas térreas e assobradas construídas no alinhamento, sem recuo. Sobressaem-se, no conjunto, algumas edificações de maior vulto, portadoras do passado, de papel importante na vida local, como as igrejas, a antiga fonte, entre outras. (Lyra, 2006, p.377)

No material intitulado *Marco Zero – caderno de educação patrimonial* (2024) produzido por meio do Instituto do Patrimônio Artístico e Nacional e do Programa Nacional de Apoio à Cultura - PRONAC 220245 – Marco Zero: Projetos arquitetônicos e de restauro da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário – Paranaguá, é possível encontrar um compilado de informações sobre a História e cultura da cidade atualizados, como podemos observar no mencionado

Hoje, o porto é conhecido como o segundo maior em volume de exportações no Brasil e o primeiro da América Latina em movimentação de grãos. Este papel de destaque deve-se a sua infraestrutura avançada e localização

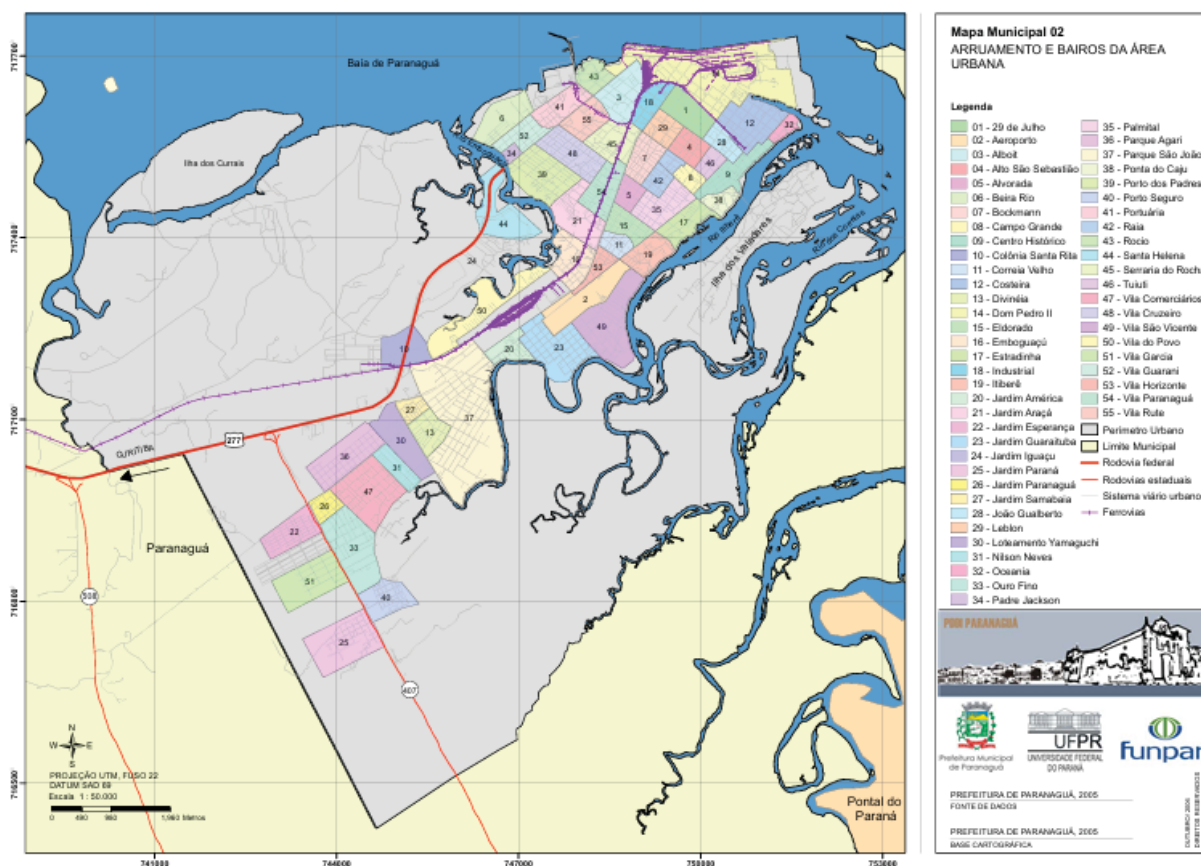
<sup>8</sup> Já era porto desde remotas eras, e sucessivamente foi trocando de nome: “Porto do Gato” (diz-se que em homenagem ao Bandeirante Borba Gato), “Porto D’água”, “Porto D. Pedro II”, “Porto da República” e de novo “Porto D. Pedro II”. Todavia, o porto mais antigo, ficava no rio Itiberê, e era conhecido como Porto de N. Sra. do Rosário. Somente quando chegaram os grandes veleiros é que o porto se deslocou para o Porto D’água, lá por volta de 1800. Inaugurado em 1935, hoje pode ser considerado o segundo maior porto do país e o maior porto graneleiro da América Latina. Disponível em <https://secultur.paranagua.pr.gov.br/item/porto-dom-pedro-ii/> Acesso em: 08 jan. 2025

estratégica, que facilitam o escoamento da produção agrícola e industrial, não apenas do Paraná, mas também de estados vizinhos e países do Mercosul. Paranaguá é o 13º maior município do Paraná. Além do território continental, cinco comunidades insulares integram o município e estão dispersas nas ilhas, onde tradições caiçaras são mantidas, como a pesca, o fandango e a Folia do Divino. A Ilha dos Valadares é a única conectada ao continente por uma ponte, por onde transitam pedestres e ciclistas. (IPHAN, 2024, p.11)

De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE, 2022), o último censo demográfico, demonstrou que Paranaguá possuía uma população de 145.829 habitantes, com uma projeção que foi estimada para o ano de 2024 de 149.819 habitantes.

Abaixo é possível observar o mapa da cidade.

FIGURA 1 – MAPA ARRUAMENTO E BAIRROS DA ÁREA URBANA DE PARANAGUÁ

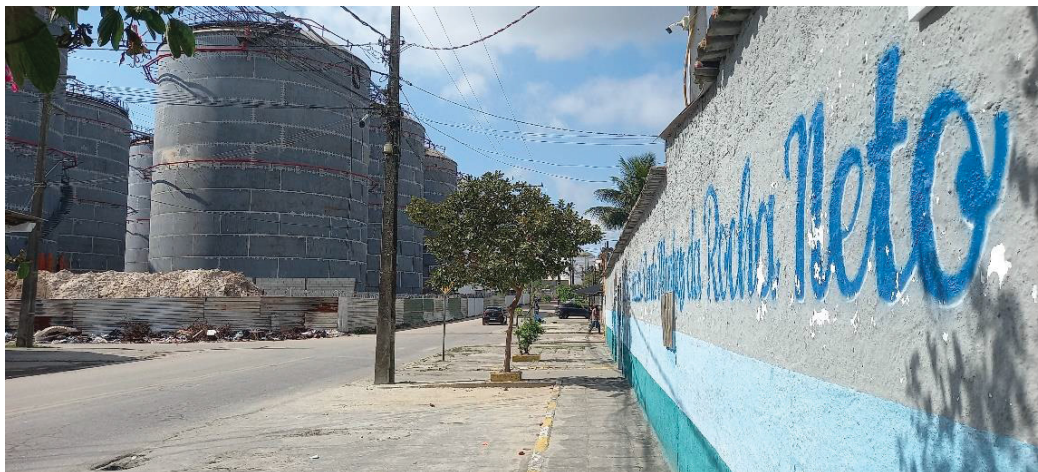


FONTE: Prefeitura de Paranaguá, 2005 Disponível em [https://www.paranagua.pr.gov.br/plano\\_diretor/+%20PLANO%20DIRETOR/WORD/Mapas%20Volum e%20I%20-%20Parte%202%20-%20An%20C3%A1lise%20Tem%20C3%A1tica%20e%20Diagn%20C3%B3stico%20-%20Contexto%20Municipal/Mapa%202%20-%20Arruamento%20e%20bairros%20da%20area%20urbana.pdf](https://www.paranagua.pr.gov.br/plano_diretor/+%20PLANO%20DIRETOR/WORD/Mapas%20Volum e%20I%20-%20Parte%202%20-%20An%20C3%A1lise%20Tem%20C3%A1tica%20e%20Diagn%20C3%B3stico%20-%20Contexto%20Municipal/Mapa%202%20-%20Arruamento%20e%20bairros%20da%20area%20urbana.pdf)

É relevante observar que o desenvolvimento do Porto da cidade possui relação com as transformações ocorridas nos bairros do entorno do colégio Bento.

A expansão portuária por meio da construção de empresas, silos e tanques de armazenamento de produtos, provocou processos indenizatórios e transtornos de infraestrutura à população do bairro.

FIGURA 2 – PROXIMIDADES DO COLÉGIO BENTO ATUALMENTE



FONTE: A autora (2025)

### 3.2 O COLÉGIO

Posta a breve apresentação dos aspectos históricos da cidade de Paranaguá, busca-se agora identificar o Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto e expor informações relevantes acerca das características deste local e da sua comunidade como um complemento para a compreensão do estudo proposto neste trabalho.

As informações aqui explicitadas foram pesquisadas e tiveram como referência o Projeto Político Pedagógico do Colégio Bento Munhoz da Rocha Neto e da Escola Municipal Leôncio Correia, que funcionou durante um período junto com o Colégio Bento, além de informações levantadas no trabalho de dissertação *A Ecopedagogia e o ensino das ciências ambientais na comunidade escolar do Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto em Paranaguá-PR*, de Marcia Elizandra Xavier da Cruz (2023) que faz uma pesquisa eco pedagógica com a comunidade escolar proporcionando formações que auxiliem na construção de uma consciência ambiental diante das demandas atuais que envolvem a transformação humana e o ambiente.

Estes documentos trazem importantes informações sobre o Colégio Bento, permitindo contato com referências que evidenciam o conhecimento sobre suas



principais características como estabelecimento de ensino e como comunidade escolar.

### 3.2.1 Identificação do Colégio

O Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto funciona na área urbana do município de Paranaguá. Seu endereço encontra-se atualmente na rua Francisco Machado, número 1341, no bairro denominado Vila Rute.

O colégio oferece o atendimento das séries finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio (Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto, PPP, 2023).

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (2023) o Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto possui 388 alunos no Ensino Fundamental distribuídos nos períodos da manhã e tarde, nos sextos, sétimos, oitavos e nonos anos e possui aproximadamente 147 alunos no Ensino Médio, no período da noite, nos primeiros, segundos e terceiros anos.

Além do ensino regular, o colégio oferece Atendimento Educacional Especializado no contraturno para aproximadamente 22 alunos, além de atividades complementares como Aula de Espanhol, de Robótica, o AETE - Aula Especializada em Treinamento Esportivo de Xadrez, de Tênis de Mesa e de Vôlei e aulas do programa Mais Aprendizagem, atendendo aproximadamente 280 alunos. (Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto, PPP, 2023).

FIGURA 3 - COLÉGIO ESTADUAL BENTO MUNHOZ DA ROCHA NETO, PARANAGUÁ, PARANÁ



FONTE: Marçal Lombardi (2024)

### 3.2.2 Histórico do Colégio de acordo com o Projeto Político Pedagógico

O Projeto Político Pedagógico (2023) menciona que a fundação do colégio se deu no ano de 1953 sob o nome “Casa Escolar Porto dos Padres”, localizada na rua denominada Arthur Bernardes, número 238, no bairro Vila Cruzeiro.

Pela Lei número 6.734, de 25 de novembro de 1975, de Casa Escolar passou a chamar-se “Grupo Escolar Professor Bento Munhoz da Rocha Neto” e pelo Decreto número 1.584/76, passou a fazer parte do Complexo Escolar “João Guilherme” com ensino de 1º e 2º graus. (Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto, PPP, 2023).

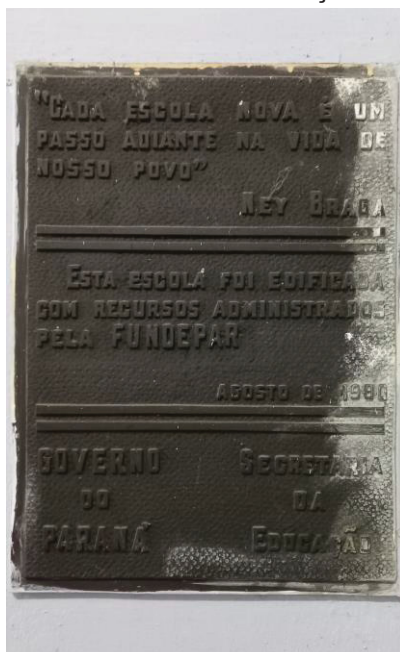
É interessante destacar que a Escola Municipal Leôncio Correia, outra escola em exercício no município, esteve vinculada ao Colégio Bento na segunda metade da década de 1970, em outro endereço, com a mesma denominação, como é descrito em seu Projeto Político Pedagógico

Em 1968, nossa escola foi autorizada a funcionar pela Lei federal 5692/1971 e pela Lei Ordinária 692/1968, em etapa / modalidade de 1ª a 4ª série, sob o nome de Unidade Escolar Municipal “Nestor Victor. Permaneceu assim até 1977, quando recebeu a nova denominação de Unidade Escolar Municipal de 1º grau “Bento Munhoz da Rocha Netto”, passando a atender de 1ª a 8ª série (ou seja, após a renovação da autorização de funcionamento de 1ª a 4ª série e autorização de funcionamento da 5ª a 8ª série – Lei Federal a 5692/1971). (Escola Municipal Leôncio Correia, PPP, 2022, p. 06).

Assim, é possível perceber que as duas escolas funcionaram durante um período com o mesmo nome no município e, de acordo as informações contidas no Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Leôncio Correia (2022, p. 06), “já em 26 de novembro de 1982, conforme Lei ordinária 1331/1982, passou a chamar-se Escola Municipal ‘Leôncio Correia...’, apresentando, dessa maneira, a nomenclatura atual, estando desvinculada do Colégio Bento Munhoz da Rocha Neto.

No ano de 1980, foi realizada a construção de uma nova escola em alvenaria, situada no endereço onde a escola encontra-se atualmente, na rua Francisco Machado, no bairro Vila Rute, inaugurada no dia 04 de agosto de 1980, na gestão do Governador Ney Amintas de Barros Braga, como é possível observar na figura 4, que mostra a placa existente na parede na escola, fixada na sua inauguração.

FIGURA 4 - PLACA DE INAUGURAÇÃO DA ESCOLA



FONTE: A autora (2024)

Pela Resolução nº 777/83, passou a denominar-se: “Escola Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto” – Ensino de 1º Grau (Funcionamento de 1ª a 4ª série) e, pela Resolução nº 5.117 de 28/11/1986 foi autorizada a implantação gradativa de funcionamento de 5ª a 8ª série, sendo reconhecido o curso de 1º Grau Regular através da Resolução nº 2.888 de 4 de outubro de 1990. (Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto, PPP, 2023).

No ano de 2005 foi implantado o Ensino Fundamental noturno e em 2008 foi feita a implantação do Ensino Médio noturno de maneira gradativa, pela Resolução 590/08. Sendo, a partir daí, a instituição nominada como Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto - Ensino Fundamental e Médio (Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto, PPP, 2023).

É possível perceber que, até o ano de 1982, no endereço antigo, a escola era municipal e, após o ano de 1983, já no endereço atual, a escola passou a ser estadual.

### 3.2.3 A comunidade escolar

Na dissertação *A Ecopedagogia e o ensino das ciências ambientais na comunidade escolar do Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto em*



*Paranaguá-PR*, de Marcia Elizandra Xavier da Cruz (2023), a autora traz características da comunidade escolar na qual realizou sua pesquisa, explicando que

O colégio atende uma comunidade que em sua maioria apresenta vulnerabilidade social, sendo uma parcela desta formada por estudantes que vão para o colégio sem objetivos educacionais claros ou definidos. É perceptível em uma parcela da comunidade escolar a compreensão muito limitada acerca da função escolar, bem como dos objetivos da educação formal de responsabilidade da escola para com seus filhos(as), netos(as) etc. Muitos evidenciam o interesse/esforço em manter o vínculo com a instituição de ensino para obtenção/manutenção dos benefícios (auxílio financeiro) de programas sociais do governo ou mesmo por força da exigência legal dos direitos constitucionais da criança e do adolescente. O bairro onde o colégio está situado é atingido de forma negativa pelos impactos sociais, econômicos e ambientais em consequência da expansão portuária que ocorre no município, tendo como resultante dessa problemática, desapropriações imobiliárias ou indenizações para que empresas portuárias sejam instaladas. (Cruz, 2023, p. 35-36)

Assim, percebe-se que parte da comunidade apresenta certa carência em relação à compreensão sobre a importância da educação escolar para o desenvolvimento do educando. Enfrentando, ainda, vulnerabilidade social diante da falta de políticas públicas e da expansão portuária no bairro.

O Projeto Político Pedagógico do colégio, atualizado em 2023, enfatiza que, entre os estudantes do Ensino Médio, alguns já estão introduzidos no mercado de trabalho, sendo a grande parte na economia informal, em vínculo empregatício legalizado ou ainda, em estágio não obrigatório.

A escolarização da comunidade apresenta, em grande parte, Ensino Médio incompleto pois, por necessidade econômica, a maioria argumenta que desiste dos estudos para ingressar no mercado de trabalho (Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto, PPP, 2023).

No que diz respeito à localização do estabelecimento de ensino, o Projeto Político Pedagógico (2023) menciona que o bairro no qual a escola está inserida, denominado Vila Rute, sofre os impactos da expansão portuária, como Cruz (2023) também menciona em seu trabalho, sendo possível perceber que a cada ano a atividade portuária chega mais próxima da escola fisicamente, sendo significativo o processo de desapropriações e indenizações que geram pedidos de transferência dos estudantes para outros bairros (Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto, PPP, 2023).

O entorno imediato da escola é formado por pequenas residências e comércios alimentícios. A proximidade com armazéns de adubo e tanques de

armazenamento de produtos, além da rede de escoamento de água insuficiente, dá ao bairro características desvantajosas como a poeira nos dias secos e ruas alagadas nos dias de chuva, provocando transtornos no acesso à escola. (Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto, PPP, 2023)

As crianças e jovens que residem nas proximidades da escola também são desfavorecidos pela falta de acesso às áreas de lazer, cultura ou esporte, uma vez que o bairro não oferece espaços públicos destinados a estas atividades (Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto, PPP, 2023).

Desta maneira, é possível perceber que a comunidade que se encontra no entorno da escola é carente de diferentes necessidades relacionadas ao bem-estar social através de políticas públicas que ofereçam qualidade de vida e perspectivas relacionadas ao futuro.

Pode-se atribuir, por consequência disso, um papel fundamental da escola para a formação cidadã ativa e participativa dos jovens provenientes da comunidade escolar, fornecendo subsídios para o desenvolvimento da criticidade e da transformação da realidade.

#### **4. AS MEMÓRIAS REVELADAS: O COLÉGIO ESTADUAL BENTO MUNHOZ DA ROCHA NETO PELOS OLHOS DA COMUNIDADE ESCOLAR**

Diferentemente da História contada pelos documentos oficiais, este capítulo destina-se a evidenciar a História revelada pelas memórias e documentos de diversas pessoas que tiveram sua vivência escolar, ou parte dela, no Colégio Bento Munhoz da Rocha Neto.

Não obstante, antes do emergir desta história revelada, explicaremos metodologicamente como se deu o desenrolar dos estudos baseados nas entrevistas e coleta de documentos em estado de arquivo familiar das pessoas que participaram desta pesquisa.

##### **4.1 A METODOLOGIA**

Apesar de explicitado anteriormente durante a introdução deste trabalho, vale salientar que esta pesquisa consiste no estudo acerca da História Local dentro do Ensino de História.

A História Local aqui abordada é evidenciada através da construção da História de uma instituição de ensino por meio das memórias e documentos em estado de arquivo familiar das pessoas que já tiveram, ao longo de suas vivências, alguma relação com esta instituição.

Desta maneira, busca como objetivo final, o estudo das fontes visuais e orais que ajudaram a construir a História da escola na qual o aluno está inserido, através da utilização de um Ebook sobre a História da escola, evidenciando uma história viva, contínua, identitária e de pertencimento durante as aulas de História.

Portanto, pode-se atribuir à evolução deste trabalho, uma pesquisa desenvolvida em três etapas de estudo que, reunidas, resultaram nas conclusões e apreciações aqui apresentadas.

A primeira etapa de desenvolvimento da pesquisa ocorreu por meio do estudo bibliográfico através da conceituação da História Local, da sua trajetória dentro da historiografia brasileira e no campo do Ensino de História, seguida do estudo acerca da Educação História e dos documentos encontrados em estado de arquivo familiar.

A segunda etapa da pesquisa, seu formato empírico, se deu através da recolha das entrevistas de ex-alunos e ex-funcionários do colégio ao longo das

décadas de sua existência, bem como da recolha de documentos em estado de arquivo familiar destas pessoas que possuíram alguma relação com a escola durante sua vivência.

Inicialmente, os estudantes foram convidados a participar deste momento de recolha de documentos em estado de arquivo familiar sobre a escola, no entanto, não se observou uma participação significativa no resultado desta recolha, ocasionando a necessidade desta coleta ocorrer por meio da professora pesquisadora.

Através de conversas com os alunos e funcionários atuais da escola foi possível encontrar antigos estudantes e funcionários para dar início ao processo de entrevistas semiestruturadas e de possíveis recolhas de documentos em estado de arquivo familiar dos próprios entrevistados.

As entrevistas ocorreram de diferentes maneiras, algumas delas na própria na escola, com dia e horário agendado entre a pesquisadora e o entrevistado, em algumas situações também ocorreram na casa do entrevistado, quando este solicitou que a pesquisadora fosse até ele e de maneira virtual, através da plataforma Google Meet e de aplicativos de conversa como o Messenger e o Whatsapp.

Independentemente da forma como ocorreu a entrevista, todos os participantes foram informados sobre o objetivo do trabalho, consentindo o fornecimento de seus relatos e lembranças.

Para o desenvolvimento das entrevistas o estudo aqui proposto embasou-se em Alberti (2005) e Thompson (1998), buscando orientações que efetivaram este processo de pesquisa.

Conforme as entrevistas iam ocorrendo, novas indicações de entrevistas foram surgindo e novos documentos em estado de arquivo familiar puderam ser coletados.

Foram entrevistadas, ao todo, quarenta e duas pessoas e foram utilizadas no corpo do trabalho um total de trinta e nove destas entrevistas. Sobre este processo de escolha por parte do pesquisador, Alberti menciona que

...a escolha dos entrevistados, por mais criteriosa e justificada que seja durante a formulação de um projeto de pesquisa, só é plenamente fundamentada no momento de realização das entrevistas, quando se verifica, em última instância, a propriedade ou não da seleção feita. É nesse momento que se pode avaliar a outra face da escolha, aquela que até então permanecia desconhecida por dizer respeito apenas ao entrevistado, não se deixando apreender pelos critérios do pesquisador antes de iniciada a entrevista. Trata-se do estilo do entrevistado, de sua predisposição para falar sobre o passado,

do grau de contribuição daquele depoimento para o conjunto da pesquisa.  
(Alberti, 2005, p. 33)

Assim, no decorrer das entrevistas, foi possível perceber o quão profundos, densos, ricos ou leves foram os relatos que propiciaram a construção deste trabalho de pesquisa.

Sem ater-se à necessidade de uma grande quantidade de entrevistas, o critério utilizado para a escolha dos entrevistados foi a relação estabelecida com a instituição de ensino ao longo da sua vida. Por isso, foram entrevistadas pessoas que já estudaram ou trabalharam no colégio desempenhando diferentes funções. Nesse sentido, Alberti (2005, p. 36) explica que “...a escolha dos entrevistados de uma pesquisa de História Oral segue critérios qualitativos e não quantitativos.”

No entanto, de acordo com Alberti (2005) também é necessário levar em conta, a partir do critério escolhido, a quantidade de entrevistados necessários para que se possa articular uma entrevista à outra, chegando ao desenvolvimento de inferências significativas à intenção da pesquisa.

Por isso, no decorrer da realização das entrevistas, foi construída uma tabela de dados com informações apresentadas pelos entrevistados (ver apêndice D), como identificação, década na qual esteve na escola e função desempenhada na época.

A partir do preenchimento da tabela, a cada entrevista realizada, foi possível observar um panorama do número de entrevistados por décadas, a partir da década de fundação da escola.

E, seguindo os critérios mencionados por Alberti (2005), foi realizada a terceira etapa da pesquisa, que consistiu na transcrição e articulação das entrevistas aos documentos encontrados em estado de arquivo familiar.

Entretanto, é necessário salientar que, como trata-se de uma pesquisa qualitativa, pode-se dizer que a segunda etapa, de recolha de entrevistas e documentos em estado de arquivo familiar ainda ocorreu, concomitantemente, à realização da terceira etapa, de transcrição. Isso se deu ao fato de que, conforme as entrevistas iam se articulando na escrita, novos entrevistados, ainda que, num número menor, proporcionaram informações ou documentos de seus arquivos que complementaram décadas de História da escola.

A organização da pesquisa na busca pela criação da História da escola com os materiais coletados, provocou a divisão da transcrição das entrevistas e articulação

com os arquivos familiares por décadas, iniciando na década de 1950, uma vez que a escola foi fundada no ano de 1953.

Partindo das palavras de Thompson (1998, p. 21) ao mencionar que “por meio da História, as pessoas comuns procuram compreender as revoluções e mudanças por que passam em suas próprias vidas...”, a transcrição das entrevistas divididas por décadas demonstraram que as pessoas comuns, ao relatar suas memórias, se deram ao exercício de produzir narrativas que, articuladas entre si, evidenciaram as transformações e mudanças pelas quais a escola e seus estudantes passaram.

Entretanto, Thompson (1998) chama a atenção ao apontar que a História Oral por si só pode não ser necessariamente um instrumento de mudança, que isso depende da maneira como ela é utilizada. Porém, para complementar sua explicação, o autor evidencia que

Não obstante, a História Oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior, e na produção da história – seja em livros, museus, rádios ou cinema – pode devolver as pessoas que fizeram e vivenciaram a história, um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras. (Thompson, 1998, p. 22)

Assim, ao estabelecer o foco da pesquisa nas vivências das pessoas comuns, a História Oral aqui evidenciada, por meio das entrevistas relatadas, propiciou mostrar um campo de investigação pouco explorado, mas vivo na memória da maior parte das pessoas, as lembranças escolares.

Ao explorar este campo de investigação, Thompson (1998, p. 25) nos diz que “no sentido mais geral, uma vez que a experiência de vida das pessoas de todo tipo possa ser utilizada como matéria-prima, a história ganha nova dimensão.”

Esta nova dimensão mencionada nas palavras de Thompson pode ser encarada como o alvorecer de uma História contada por diferentes pessoas que, durante um momento de suas vidas, tiveram em comum o fato de pertencerem a uma mesma comunidade escolar, que continua viva e atuante.

Ela também evidencia que a História pode ser produzida por todos, contada por todos, que todas as pessoas possuem em suas vivências marcas e experiências que, ao serem repassadas, narradas, contadas, nos ajudam a compreender momentos e situações no tempo a partir do olhar das pessoas comuns, tão importante quanto os olhares que produziram as Histórias oficiais presentes em nossa

historiografia, agora complementada ou até mesmo desconstruída pela História produzida por aqueles que ainda não haviam evidenciado suas vozes.

A produção do Ebook sobre a História da escola contada pela comunidade, como produto resultante desta pesquisa de dissertação, pode proporcionar aos estudantes o conhecimento sobre as fontes utilizadas para a construção do material e o conhecimento sobre a História do local onde eles se encontram, propiciando reconhecer-se ou identificar-se nas diferentes situações relatadas por quem já esteve em seus lugares, como estudantes do Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto.

É interessante destacar as palavras de Thompson (1998, p. 25) ao evidenciar que “a entrevista propiciará, também, um meio de descobrir documentos escritos e fotografias que, de outro modo, não teriam sido localizados.” A articulação das transcrições das entrevistas por décadas também foi articulada aos documentos encontrados em estado de arquivo familiar recolhidos, muitas vezes, durante as entrevistas, evidenciados nas memórias das pessoas que contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho.

Assim, a construção desta História dividida por décadas e articulada entre as diferentes memórias e documentos em estado de arquivo familiar que se entrelaçaram e se complementaram ao evidenciar as vivências ligadas a um mesmo lugar, podem proporcionar um novo olhar aos educandos, como Thompson (1998, p. 30) reforça ao mencionar que “pelo sentimento de descoberta nas entrevistas, o meio ambiente imediato também adquire uma dimensão histórica viva: uma percepção viva do passado, o qual não é apenas conhecido, mas sentido pessoalmente.”

## 4.2 A HISTÓRIA REVELADA

O texto produzido a partir desta seção tem por objetivo revelar a História da escola por meio dos documentos encontrados em estado de arquivo familiar e das entrevistas realizadas com pessoas que possuíram alguma relação com o estabelecimento de ensino durante suas décadas de funcionamento.

A História aqui desenvolvida será dividida cronologicamente por décadas, desde a fundação do colégio.

Como já mencionado anteriormente neste capítulo, o ano da fundação do colégio Bento foi 1953, e ele possuía o nome “Casa Escolar Porto dos Padres”.

Nesta década de 1950 não foram encontrados registros provenientes de documentos em estado de arquivo familiar e tão pouco pessoas que estudaram e possuem recordações.

Assim, partimos da década de 1960 para iniciar a História do colégio pelos arquivos e memórias das pessoas que ali estiveram.

#### 4.2.1 Década de 1960

Para as recordações correspondentes à década de 1960, não foi possível encontrar documentos em estado de arquivo familiar, no entanto, as memórias da ex-aluna S. S. trazem importantes relatos sobre o Colégio Bento nesta época.

S. S. relatou que estudou na década de 1960, provavelmente do ano de 1965 em diante. O nome do colégio era outro, ela nos disse que “eu escrevia em meu caderno Escola Isolada do Porto dos Padres, olha, escola isolada, porque era isolada mesmo, eu lembro que era uma matagueira, não tinha casas...”<sup>9</sup>

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (2023), já mencionado, nesta década o Colégio Bento funcionava com outro nome e no endereço da Rua Arthur Bernardes, local descrito pela ex-aluna S. S. quando ali estudava.

Ela ainda foi adiante e comentou sobre o local onde a escola se encontra atualmente, dizendo que: “neste lugar aqui não tinha nada, eu lembro que tinha uma lavanderia [...], aquelas lavanderias comunitárias, pra cá era mato, tinha um barranco que chamava barranquinho que a gente vinha jogar bola, tudo criança.”<sup>10</sup>

Quando indagada sobre o espaço físico da escola, S. S. relatou que “eram duas salas de madeira, uma de frente para outra. Na sala que eu estudava tinha a Classe A, Classe B, Classe C, era dividido assim e era uma professora só.”<sup>11</sup>

Em relação aos conteúdos, S. S. disse que: “eu fiz até a Classe C, eu sabia a tabuada [...] sabia fazer conta de vírgula e até hoje eu lembro quando a professora dizia ‘vírgula embaixo de vírgula, já falei pra vocês’, eu gostava de fazer que só”.<sup>12</sup> Neste momento S. S. e a professora pesquisadora riram, pois a professora pesquisadora também leciona para o fundamental 1 e contou para S. S. que, em suas

---

<sup>9</sup> Entrevista realizada pela autora em agosto de 2024.

<sup>10</sup> *Idem.*

<sup>11</sup> *Idem.*

<sup>12</sup> Entrevista realizada pela autora em agosto de 2024.



aulas de Matemática, fala a mesma frase para os alunos quando explica operações com números decimais (com vírgulas).

S. S. deixou um comparativo de seus estudos na década de 1960 com os dias atuais, ela mencionou que “a tecnologia agora também tomou conta do mundo, ajudou e atrapalhou ao mesmo tempo porque deixou preguiçosos, não sabe alguma coisa, vou lá no google, se o google errar, eles erram. Até eu tô aprendendo a ir no google.”<sup>13</sup> Neste momento todos riram.

É interessante imaginar o Colégio Bento através das memórias de S. S., principalmente por serem as memórias mais antigas até o momento encontradas sobre o colégio, começando aqui a trajetória desta instituição de ensino.

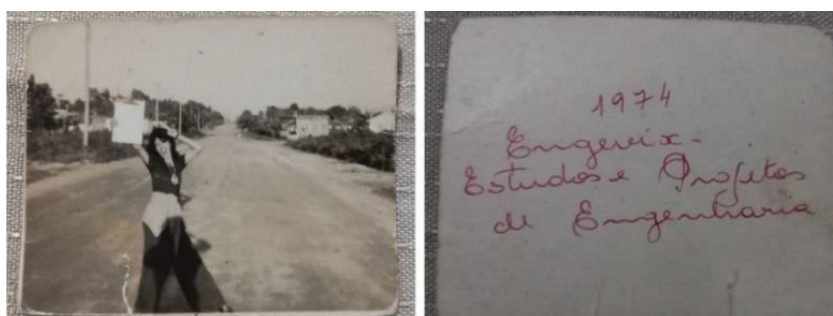
#### 4.2.2 Década de 1970

Para a década de 1970, poucos documentos encontrados em estado de arquivo familiar e significativas memórias foram compartilhadas. É importante ressaltar que, de acordo com o Projeto Político Pedagógico (2022), o Colégio Bento funcionou, a partir do ano de 1977 até o ano de 1982 no endereço onde hoje se encontra a Escola Municipal “Leôncio Correia”.

No entanto, começaremos nossas recordações pela localização atual da escola durante a primeira metade e início da segunda metade da década de 1970 para, posteriormente, buscarmos lembranças do Colégio Bento a partir de 1977.

S. M. foi secretária do Colégio Bento no final de década de 1980, mas ela compartilhou uma fotografia e lembranças anteriores de sua vivência nos arredores do local onde, mais tarde, seria feita a construção do Colégio Bento.

FIGURA 5 – FOTOGRAFIA FRENTE E VERSO - RUA FRANCISCO MACHADO



FONTE: Sônia (1974)

<sup>13</sup> Entrevista realizada pela autora em agosto de 2024.

Sobre sua fotografia, S. M. relatou que

Aqui eu tinha 20 anos, estava na faculdade. Nesta época Nelson Barbosa era o prefeito e trazia as empresas para Paranaguá...quem estudava no 2º grau ficava na rua e quem estava cursando a faculdade como eu, tinha que trabalhar dentro da empresa. Aí eu não quis, eles me deram dois dias e eu não produzi nada, agora, quando eles me soltaram na rua, eu fazia cinco, seis entrevistas por dia. A gente saía às nove, lá da Costeira e só voltávamos às seis da tarde.<sup>14</sup>

A empresa, com o nome escrito no verso da foto, era responsável por trabalhos relacionados a projetos de infraestrutura na cidade.

S. M. também contou que “foi nesse trabalho que o Nelson falou que já estava saindo e o projeto estava guardado para o próximo prefeito que veio a ser o Vicente, que fez a grande abertura do transporte. [...] Esta é a Rua Francisco Machado.”<sup>15</sup>

Continuando os relatos, S. N., que reside no bairro desde 1970, trouxe informações da época sobre o local onde a escola encontra-se hoje. Quando indagada sobre outra construção no local onde a escola está hoje, ela mencionou que “tinha a lavanderia, com vários tanques e a gente se reunia para lavar roupa ali, pegar água pra trazer pra casa pra fazer alimento, a gente utilizava a água de lá.”<sup>16</sup>

Sobre este mesmo período, F. X., morador antigo no bairro, também relatou suas lembranças e, quando indagado sobre o local onde a escola está hoje, contou que “no lugar do Colégio era uma lavanderia pública, um espaço pra lavar roupa porque não tinha água encanada na época né, então eles montaram um sistema de água [...] com bombas, e todo mundo lavava roupa ali, vinham de longe...”<sup>17</sup>

S. M., que percorreu as ruas da cidade a trabalho em sua juventude, inclusive a Rua Francisco Machado, como vemos através da Figura 3 e das suas lembranças no início desta década, também relatou recordações relacionadas à época da lavanderia pública. Ela falou sobre o local dizendo que

Era repartido em tanques, tinham umas máquinas pra ajudar o povo ali. Então eu conversava com as mulheres e eu lembro que muitas delas iam na prefeitura conversar com o prefeito. Eu tenho a impressão que era o Nelson Barbosa ainda. Iam conversar com ele para aproveitarem aquela lavanderia para a construção da escola, para que as crianças não fossem muito longe.<sup>18</sup>

<sup>14</sup> Entrevista realizada pela autora em agosto de 2024.

<sup>15</sup> *Idem*.

<sup>16</sup> Entrevista realizada pela autora em setembro de 2024.

<sup>17</sup> Entrevista realizada pela autora em agosto de 2024.

<sup>18</sup> Entrevista realizada pela autora em agosto de 2024.

É possível constatar que diferentes moradores dos arredores da escola têm lembrança da sua infância com o funcionamento da lavanderia pública no local onde foi construído o prédio atual do Colégio Bento

F. X. continuou seus relatos sobre o período informando que “a lavanderia funcionou, se eu não me engano, até 1974, aí já veio a água encanada e ela foi desativada [...] Então eles começaram a se articular pra montar a escola.”<sup>19</sup>

A partir do ano de 1977, ocorreu a mudança no nome da Unidade Escolar Municipal “Nestor Victor”, sendo denominada Unidade Escolar Municipal de 1º grau “Bento Munhoz da Rocha Netto”, no endereço onde hoje funciona a Escola Municipal “Leôncio Correia”, no bairro Jardim Araçá.

Por isso, deixaremos agora os relatos sobre o bairro da Vila Rute (bairro atual do colégio) e passaremos aos relatos sobre o colégio Bento enquanto esteve no bairro denominado Jardim Araçá.

D. C. foi professora na Unidade Escola Municipal “Nestor Victor” e nos relata, em 1977, que a mudança de nome veio junto com a mudança do prédio onde funcionava a escola

Em 1977 eu estava lecionando numa escola pequena que ficava na Vila Paranaguá, chamava-se Escola Municipal “Nestor Victor”, eram quatro salas de aula [...]. Naquela época não tínhamos quase espaço de pátio para brincarmos durante o intervalo, mas logo veio a boa notícia! A escola Municipal ‘Nestor Victor’ passaria da Vila Paranaguá para o Jardim Araçá com outro nome: Escola Municipal ‘Bento Munhoz da Rocha Netto’. Professores e alunos vibraram, trazendo um certo encantamento ao nos depararmos com a nova escola. Tudo novo, bonito, um pátio gigante! Havia espaço para toda e qualquer brincadeira. Na parte central do pátio, entre os blocos, era tudo coberto, se chovesse, os alunos podiam brincar no pátio, sem problemas.<sup>20</sup>

A ex-aluna S. F. iniciou seus estudos no colégio Bento por volta do ano de 1978 e recorda de algumas lembranças em relação a este espaço da escola. Ela contou: “lembro que tinha uma construção no meio do pátio, como uma roda de cimento, nós pegávamos merenda ali. Na época, a escola era uma construção bem contemporânea. Tinha vidro embaixo, no pé da gente [...]. Era muito linda.”<sup>21</sup>

---

<sup>19</sup> Entrevista realizada pela autora em agosto de 2024.

<sup>20</sup> Entrevista realizada pela autora em dezembro de 2024.

<sup>21</sup> Entrevista realizada pela autora em outubro de 2024.

FIGURA 6 – CONSTRUÇÃO CIRCULAR NO PÁTIO DA ESCOLA



FONTE: Ex alunos Leoncio Correia (Facebook) 2015. Disponível em:  
<https://www.facebook.com/photo?fbid=10153354463074351&set=g.1633378693564346>

A ex-secretária L. D. trabalhou no colégio Bento durante as décadas de 1970 e 1980 e seu relato sobre o tamanho da escola a partir da sua experiência, na época, vai ao encontro do relato da ex-aluna S. F.

L. D. comentou que “a Escola Bento, na época, era a mais numerosa da cidade. Como secretária, atendia só pela manhã 15 turmas. Preparávamos os históricos escolares, primeiramente à mão para depois datilografar nas máquinas de escrever.”<sup>22</sup>

Finalizando os relatos relacionados à década de 1970, retornaremos ao endereço onde a escola encontra-se atualmente para evidenciar relatos que retratam o período final desta década, quando a escola começaria a ser construída.

Sobre a construção da escola no lugar onde era a lavanderia, S. N. e F. X. relatam acerca das suas lembranças junto à comunidade. Quando indagada sobre a construção, S. N. disse que “lembro das estacas que eles colocavam, com aquele barulho a gente ficava fascinado. Daí falaram que era a escola...meu Deus! Foi uma alegria, porque era pertinho. [...] Meus pais e os vizinhos ficaram numa felicidade só.”<sup>23</sup>

F. X., que sempre morou na frente do colégio, nos informou que a construção da escola foi a melhor coisa para a comunidade na época, ele comentou que “começaram a construir a escola, se não me engano, a partir de 1979, por ali. Foi a

<sup>22</sup> Entrevista realizada pela autora em dezembro de 2024.

<sup>23</sup> Entrevista realizada pela autora em setembro de 2024.

coisa mais útil para a comunidade porque nós estudávamos todos no Rocio, na escola Paroquial, [...] já meus irmãos e irmãs estudaram tudo aqui, na frente de casa.”<sup>24</sup>

#### 4.2.3 Década de 1980

No começo da década de 1980 o colégio Bento estava em funcionamento no bairro Jardim Araçá, como vimos nas descrições contidas no Projeto Político Pedagógico da escola Leôncio Correia (2022).

No início desta mesma década também estava sendo feita a construção em alvenaria do novo prédio da escola, no bairro Vila Rute, endereço atual do colégio, com sua inauguração em agosto de 1980, como já mencionado no Projeto Político Pedagógico do Colégio Bento Munhoz da Rocha Neto (2023).

Dessa maneira, iniciamos com lembranças correspondentes ao começo dos anos 1980, na localização do colégio no bairro Jardim Araçá.

O ex-aluno A. G. contou suas lembranças em relação a escola no início da década de 1980, comentando que

Lembro muito bem desse espaço físico como se fosse semana passada, entrando na escola pelo portão principal, à minha esquerda ficava a secretaria e direção, seguindo em frente ficava o pátio da escola que era circular, em volta, dois corredores levavam às salas e um aos banheiros e canchas. No pátio principal havia um mini círculo que usavam pra servir merendas. As salas de aula tinham grandes janelas basculantes. Era regra entrar em forma para se direcionar às salas de aula e no início das aulas cantávamos o Hino Nacional. Lembro dos jogos escolares, desfile na semana da pátria e aquela famosa fotografia com livros, para recordação, que iam tirar na escola.<sup>25</sup>

A recordação relacionada à fotografia tirada na escola mencionada pelo ex-aluno A. G., pode ser observada através da Figura 7, que mostra a imagem cedida pelo ex-aluno C. P., em sua primeira série, no ano de 1981, na escola Bento.

<sup>24</sup> Entrevista realizada pela autora em agosto de 2024.

<sup>25</sup> Entrevista realizada pela autora em janeiro de 2025.

FIGURA 7 – FOTO DE LEMBRANÇA ESCOLAR NA ESCOLA BENTO EM 1981



FONTE: Cristiano (1981)

A ex-aluna M. W. iniciou seus estudos no último ano no qual a escola ainda era chamada de Bento Munhoz da Rocha Neto.

Em seu relato ela recorda de significativas lembranças, contando que

estudei do ano de 1982 a 1989. As salas de aulas eram bem amplas, havia algumas carteiras de madeira com dois lugares, achava muito divertido sentar com minha amiga nestas carteiras! O pátio da escola era enorme, havia espaço pintado de branco porque quando o diretor tinha algo para falar a todos ele ficava neste lugar. [...] Outro espaço também no pátio era um lugar redondo de cimento que ficou ocupado para servir a merenda por um bom tempo. Na cozinha as merendeiras preparavam o achocolatado com bolachas, sopas e arroz com carne seca. Lembro dos desfiles da escola, nas datas comemorativas do aniversário da cidade e do dia Sete de Setembro. Iniciei na escola com 08 anos e sai com 14 anos foi um amadurecimento de conhecimento, as disciplinas e o ambiente escolar me permitiram o contato com experiências que não ocorriam dentro de casa, possibilitando descobrir habilidades que desconhecia. Foi um período muito bom, ao qual recordar me fez refletir o quanto foi bom o tempo que estudei nesta escola.<sup>26</sup>

A ex-aluna M. W. compartilhou a capa do seu Boletim Escolar do ano de 1982, quando estava na 2ª série na escola.

---

<sup>26</sup> Entrevista realizada pela autora em janeiro de 2025.

FIGURA 8 – CAPA DE IDENTIFICAÇÃO DO BOLETIM ESCOLAR DA ESCOLA BENTO MUNHOZ DA ROCHA NETO NO ANO DE 1982

ESTADO DO PARANÁ  
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO  
BOLETIM ESCOLAR  
ENSINO DE 1º GRAU - 1ª A 4ª SÉRIE  
U. E. de 1º Grau - Bento Munhoz da Rocha Netto  
ESTABELECIMENTO DE ENSINO  
LOCALIDADE: Qua  
MUNICÍPIO: Qua  
1982  
Márcia Elisa  
Vera Lucia Spitz  
PROFESSORA  
ALUNDA  
SÉRIE: 2ª  
TURMA: C  
TURNO: T  
29

FONTE: Márcia (1982)

A ex-aluna S. F., que também estudou no colégio no final da década de 1970 até o ano de 1982, relatou suas lembranças: “[...] tinha o aniversário de Paranaguá e o Sete de Setembro que nós desfilávamos né, íamos de ônibus, mas o fervo começava na escola, lembro da gente se arrumando, cantando o Hino, aprendendo a desfilar.”<sup>27</sup>

Ela ainda complementou pontuando uma recordação: “na volta do desfile, eles davam lanche. [...] Eram os professores que se juntavam e faziam o lanche para nós. Era um lanche maravilhoso! Então nós íamos... pensando na volta, era bem legal.”<sup>28</sup>

O ex-diretor E. C., que esteve na gestão da escola de 1980 a 1982, relatou que “neste período, o Colégio Municipal ‘Bento Munhoz da Rocha Netto’ mudou para Colégio Municipal ‘Leôncio Correia’, porque havia dualidade de denominação na mesma cidade, com outra instituição estadual”.<sup>29</sup>

Este relato do ex-diretor vai ao encontro das informações dispostas no PPP (2022) da escola Leôncio Correia que, como já mencionado anteriormente, teve o nome de Bento Munhoz da Rocha Neto até o ano de 1982.

O ex-diretor E. C. continuou comentando suas recordações e contou que:

Lembro com orgulho da nossa arquitetura, projeto arrojado, construído em blocos, com dependências amplas e bem equipadas. Lembro das atividades cívicas realizadas no pátio da nossa escola, com todas as turmas reunidas, toda a semana cantávamos os hinos Nacional, da nossa cidade e outros. Atividades estas recordadas por ex-alunos até hoje quando me encontram. Tenho boas recordações na minha memória afetiva, mantendo contato até hoje com professores, estudantes e funcionários e recente orgulho da eleição para prefeito gestão 2025/2028 de um de nossos alunos.<sup>30</sup>

<sup>27</sup> Entrevista realizada pela autora em outubro de 2024.

<sup>28</sup> *Idem*.

<sup>29</sup> Entrevista realizada pela autora em dezembro de 2024.

<sup>30</sup> Entrevista realizada pela autora em dezembro de 2024.



A ex-professora S. D., que trabalhou no colégio neste mesmo período também contou que: “tenho as melhores recordações, salas amplas e bem divididas, na época era a maior escola da rede municipal. Lembro dos nossos alunos na época das festas juninas, dos desfiles e hoje, um dos nossos alunos foi eleito prefeito municipal.”<sup>31</sup>

É interessante destacar que a escola Bento, quando começou no bairro Jardim Araçá, era percebida pelos estudantes com um grande espaço, no qual realizavam diferentes atividades.

As recordações dos ex-professores também pontuaram estas percepções como foi mencionado pela ex-professora D. C., que relatou, na década passada, suas lembranças quando ocorreu a mudança de prédio e do nome da escola para Bento Munhoz da Rocha Neto, como também mencionou o ex-diretor E. C., ao relatar sobre a arquitetura da escola e a ex-professora S. D., ao lembrar que a escola já foi a maior da rede municipal.

Ainda, é perceptível como as atividades cívicas envolvendo desfiles e cântico dos hinos marcaram as lembranças de alunos e professores em suas vivências na escola.

A ex-professora L. D., que atuou também como secretária neste período, relatou “lembro de uma situação que considero engraçada, quando o professor Edison, diretor na época, apontava na esquina com a sua moto, os alunos imediatamente corriam e se enfileiravam em sinal de respeito e ordem.”<sup>32</sup>

Para encerrarmos o primeiro momento da década de 1980, com lembranças referentes ao colégio Bento no bairro Jardim Araçá, que ocorreram no período de 1980 a 1982, vale destacar a Figura 9, abaixo, compartilhada pelo ex-aluno A. G., sua identidade estudantil.

---

<sup>31</sup> *Idem.*

<sup>32</sup> Entrevista realizada pela autora em dezembro de 2024.



FIGURA 9 – IDENTIDADE ESTUDANTIL ESCOLA BENTO MUNHOZ DA ROCHA NETO



FONTE: Ageu (1982)

A partir daqui, as recordações relatadas serão do colégio Bento no endereço no qual se encontra hoje, a Rua Francisco Machado, no bairro Vila Rute. Neste endereço, o colégio foi inaugurado no mês de agosto de 1980, em alvenaria.

As memórias e arquivos familiares mais remotos que foram compartilhados, referentes à escola neste bairro, datam do ano de 1983 em diante.

A ex-aluna M. R. relatou suas lembranças desta época, quando estudou no colégio. Ela disse que: “em 1983 eu entrei com treze anos, não estudei antes porque meu pai não deixava porque a escola era longe, aí com treze anos eu entrei aqui.”<sup>33</sup>

Quando indagada sobre suas lembranças em relação ao espaço físico ela disse que: “em volta tinha a cerca igual de campo de futebol com arame, não tinha muro na época.”<sup>34</sup> E sobre as atividades realizadas na escola, M. R. contou que

A que mais lembro e que mexe até hoje comigo era o hasteamento da bandeira, que era eu e o Valdinei. A professora saía na sala escolhendo, a turma tinha um pouquinho de ciúmes que era sempre eu e ele, foi uma das memórias que marcou e a quadrilha também que era muito top.<sup>35</sup>

A Figura 10 mostra a ex-aluna M. R. em uma das festas juninas da escola, participando da quadrilha no ano de 1985, como ela mencionou em seu relato.

<sup>33</sup> Entrevista realizada pela autora em setembro de 2024.

<sup>34</sup> *Idem*.

<sup>35</sup> Entrevista realizada pela autora em setembro de 2024.

FIGURA 10 – FOTOGRAFIA DE UM CASAL NA FESTA JUNINA

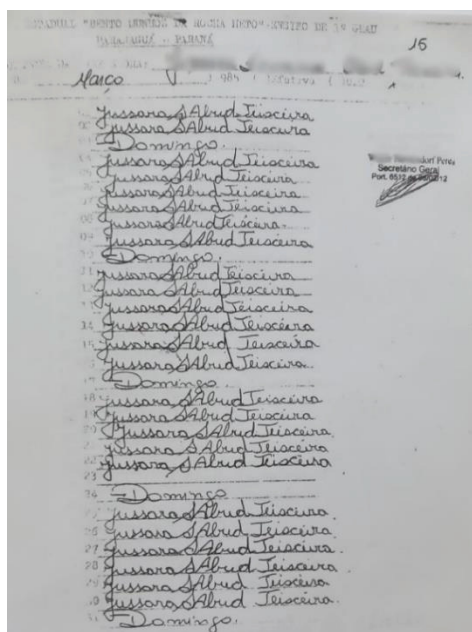


FONTE: Márcia R. (1985)

A ex-professora J. D. trabalhou no colégio Bento nesta mesma época e relatou que: “eu comecei a trabalhar no ano de 1985, fiquei mais ou menos uns dois anos lá e era um convênio entre estado e prefeitura. Depois eu saí de lá e depois de uns dez anos, mais ou menos eu retornei.”<sup>36</sup>

A ex-professora J. D. compartilhou uma cópia do documento referente ao seu registro ponto no ano de 1985, no colégio, como mostra a Figura 11.

FIGURA 11 – CÓPIA DO REGISTRO PONTO DA PROFESSORA NO MÊS DE MARÇO DE 1985



FONTE: Jussara (1985)

<sup>36</sup> Entrevista realizada pela autora em agosto de 2024.

Ao responder as perguntas relacionadas às suas lembranças sobre as aulas, a ex-professora J. D. mencionou que “eu recorro que quando comecei a trabalhar lá só havia cinco salas. [...] As aulas de Educação Física eram ministradas no bairro, perto do posto de saúde que tem um campo de futebol.”<sup>37</sup>

Complementando suas recordações, a ex-professora J. D. ainda contou: “minha sogra mora ao lado do colégio, então...onde eu ia era ‘oi, oi professora’ e até hoje, tem alguns que passam por mim e não esqueceram. Eu era convidada até para almoçar na casa dos alunos e eu ia porque aquele pedido vinha de uma criança.”<sup>38</sup>

A ex-diretora S. C. que iniciou seu trabalho na escola Bento nesta mesma época contou que: “entrei no colégio Bento, em Paranaguá, mais ou menos em 1985, como professora efetiva. [...] Em trinta de julho de 1993 passei a ser diretora, fui eleita pela comunidade e fui como diretora um bom tempo, até os anos 2000.”<sup>39</sup>

Quando indagada sobre suas lembranças em relação ao espaço físico, S. C. disse que

quando entrei lá o que me marcou bastante era que a escola não tinha muro, era cercada por arame farpado, a escola inteira. Então isso me marcou muito forte né, uma escola naquela situação, com arame farpado mesmo, que as crianças brincando poderiam se machucar, se encostar, rasgar o vestido, sua pele, braço, corpo, enfim, era um perigo. Foi aí que eu mandei tirar todo aquele arame farpado e construímos o muro da escola.<sup>40</sup>

A Figura 12 mostra a escola na época relatada pela ex-diretora S. C., quando ainda não possuía muros.

---

<sup>37</sup> Entrevista realizada pela autora em agosto de 2024.

<sup>38</sup> *Idem*.

<sup>39</sup> Entrevista realizada pela autora em novembro de 2024.

<sup>40</sup> Entrevista realizada pela autora em novembro de 2024.

FIGURA 12 - FOTOGRAFIA DA ESCOLA BENTO NA DÉCADA DE 1980



FONTE: Acervo da escola (s.d.)

O ex-aluno F. P. iniciou seus estudos no Bento no ano de 1985 e, dentre suas lembranças sobre o espaço físico, contou: “estudei da primeira até a oitava série, comecei em 1985. As salas eram arejadas, o pátio era grande. Atrás das salas havia canaletas onde os alunos escovavam os dentes e usávamos flúor dental.”<sup>41</sup>

Continuando os relatos sobre as recordações das atividades realizadas, F. P. disse que: “me lembro do Dia da Árvore e das comemorações nacionais. Lembro de ir de ônibus alugado até o ginásio Joaquim Tramujas para apresentação de show cover da Xuxa (risos). A relação entre pais, alunos e professores era muito familiar.”<sup>42</sup>

S. S., que foi aluna da escola Bento na década de 1960 contou que também trabalhou como merendeira da escola na década de 1980, iniciando mais ou menos, no ano de 1985.

Entre suas lembranças, S. S. contou sobre um horário diferenciado, que hoje já não existe mais: “nós pegávamos as crianças do período intermediário e a cozinha era ali, onde é hoje. As crianças que ficavam no primeiro período iam embora e vinham as crianças do segundo período e tinha um terceiro período até a parte da tarde.”<sup>43</sup>

S. S. ainda completou seu relato, lembrando das festividades realizadas: “geralmente faziam as festas juninas, a gente vinha ajudar a fazer a decoração e lembro de uma Copa do Mundo que fizeram os enfeites e as comemorações.”<sup>44</sup>

<sup>41</sup> Entrevista realizada pela autora em dezembro de 2025.

<sup>42</sup> *Idem.*

<sup>43</sup> Entrevista realizada pela autora em agosto de 2024.

<sup>44</sup> *Idem.*

A ex-aluna B. X. também recordou de alguns momentos nesta mesma década e contou que: “estudei por volta de 1986, a escola era bem menor do que é hoje, no pátio nós nos reuníamos pra cantar o hino nacional, hastear a bandeira. No Sete de Setembro nós fazíamos os ensaios para ir pra rua né, era muito bom.”<sup>45</sup>

Retratando as comemorações nacionais, a Figura 13 mostra o desfile ocorrido no Sete de Setembro do ano de 1985, no centro da cidade de Paranaguá.

FIGURA 13 – DESFILE CÍVICO NO SETE DE SETEMBRO DE 1985



FONTE: Acervo da escola (1985)

Sobre algumas atividades que aconteceram dentro e fora do ambiente escolar, B. X. disse: “nós íamos pra Curitiba, no zoológico e em parques pra visitar. [...] Tinham brincadeiras, jogos, ensaios de festa junina...nossa! As festas juninas aqui eram a coisa mais linda!”<sup>46</sup>

E, encerrando seu relato, B. X. contou que: “a gente tinha um grupo de amigas, se uma não ia a outra já ficava preocupada. É algo que marca a gente né. E até hoje eu tenho amizade com elas.”<sup>47</sup>

Iniciando seus estudos em 1987, o ex-aluno E. D. relatou suas lembranças ao contar que: “o espaço do colégio sempre foi muito pequeno. [...] Por ser pequeno, foi

<sup>45</sup> Entrevista realizada pela autora em setembro de 2024.

<sup>46</sup> Entrevista realizada pela autora em setembro de 2024.

<sup>47</sup> Entrevista realizada pela autora em setembro de 2024.



muito divertido estudar ali. A relação entre nós, alunos, era de muita amizade. Quando existia alguma desavença acabava por ali mesmo, pois a direção era pulso firme.”<sup>48</sup>

O ex-aluno F. G. que também estudou nesta década na escola contou em suas recordações que: “[...] as relações dos alunos e funcionários eram muito amistosas e tenho muitas lembranças dos ex-diretores, como o senhor Nelson, Fernando, Sandra.”<sup>49</sup>

F. G. compartilhou uma fotografia antiga relacionada ao colégio Bento. Sobre a foto ele disse que: “em um dos jogos escolares ficamos em segundo lugar perdendo para o time do Instituto. A escola Bento foi onde iniciei um ciclo de minha vida, onde meus filhos estudaram e hoje meus netos estudam.”<sup>50</sup>

FIGURA 14 – TIME DA ESCOLA BENTO NOS JOGOS ESCOLARES EM 1987



FONTE: Fabiano (1987)

A ex-aluna J. M. estudou no colégio entre os anos de 1988 e 1995, ela possui muitas recordações que também se relacionam com as lembranças de outros alunos e professores. J. M. relatou que:

A entrada era por um portão grande, não tinha muro, era uma tela de arame. [...] Não tínhamos quadra para praticar as aulas de Educação Física, íamos até a praça da Serraria do Rocha para praticar as aulas. Não havia refeitório também. As salas de aula eram com tacos de madeira no chão. As relações

<sup>48</sup> Entrevista realizada pela autora em agosto de 2024.

<sup>49</sup> Entrevista realizada pela autora em janeiro de 2025

<sup>50</sup> *Idem*.

eram muito fraternas, a turma era sempre a mesma, tirando aqueles que reprovavam. Lembro de quase todos os professores, do primeiro ano professora Luiza, do segundo professora Ramira...Ah, Dona Judite, merendeira, era tão atenciosa com todos, uma querida. Estudei na época que o diretor era o professor Fernando, depois a professora Sandra assumiu.<sup>51</sup>

É possível perceber que as lembranças de alunos e professores no colégio Bento construído em novo bairro remetem ao seu espaço físico considerado pequeno, mas também à proximidade entre os estudantes e professores decorrente do tamanho deste espaço, esboçando lembranças de afetividade.

É interessante destacar, ainda nesta década, o relato da S. M. que foi secretária e atuou como professora no colégio Bento e contou, entre outras, uma lembrança marcante que faz parte da História das lutas pela Educação no Estado do Paraná. Ela relatou: “eu trabalhei de 1988 a 1990. Na greve de 88 eu participei, eu estava lá, tenho as mordidas dos cachorros aqui e aqui.”<sup>52</sup>

A Figura 15 evidencia a notícia sobre o episódio relatado pela S. M., acima.

FIGURA 15 – JORNAL SOBRE A MANIFESTAÇÃO DOS PROFESSORES NO CENTRO CÍVICO, EM CURITIBA, EM AGOSTO DE 1988



FONTE: Correio de Notícias de 31/08/1988 – versão digitalizada. Disponível em [https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=325538\\_01&pesq=%22pol%C3%ADcia%20militar%20reprime%20manifesta%C3%A7%C3%A3o%20de%20professor%22&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=28741](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=325538_01&pesq=%22pol%C3%ADcia%20militar%20reprime%20manifesta%C3%A7%C3%A3o%20de%20professor%22&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=28741)

Para finalizar as recordações relacionadas a esta década, S. M. continuou seus relatos, dizendo que “quando eu entrei, era um convênio entre estado e município

<sup>51</sup> Entrevista realizada pela autora em janeiro de 2025.

<sup>52</sup> Entrevista realizada pela autora em agosto de 2024.

e funcionava três horários, de manhã, horário intermediário, e batia o sinal para o fim do intermediário e as professoras iam dar aulas nas suas turmas da tarde ainda.”<sup>53</sup>

Percebemos, após os relatos, as memórias das ex-funcionárias S. S. e S. M. em relação ao horário de aulas diferenciado que existiu na escola, chamado de horário intermediário.

Por fim, S. M. compartilhou uma fotografia do seu filho no colégio Bento no ano de 1989, sobre a foto ela contou que:

Esta foto é do meu filho mais velho. Ele estudava na escola Turma da Mônica. Ele não conseguiu a foto na escola dele porque já tinha passado, ele tinha ficado internado, com pneumonia. Aí eu pedi pro Seu Fernando, o diretor e pra Sandra, a vice-diretora se podia tirar a foto dele lá no Bento e ele disse que aquela semana estava pra vir o fotógrafo, que eu podia trazer o meu filho. O uniforme era padrão, de todas as escolas, mesmo da rede particular.<sup>54</sup>

FIGURA 16 – FOTO CLÁSSICA DE LEMBRANÇA ESCOLAR NA ESCOLA BENTO MUNHOZ DA ROCHA NETO EM 1989



FONTE: Sônia (1989)

A década de 1980 trouxe recordações através dos relatos e documentos em estado de arquivo familiar que evidenciam as transformações ocorridas no colégio Bento ao longo dos anos.

Mais recordações serão retratadas na década a seguir, de 1990.

<sup>53</sup> Entrevista realizada pela autora em agosto de 2024.

<sup>54</sup> *Idem*.



#### 4.2.4 Década de 1990

As lembranças desta década iniciam com os relatos da ex-professora S. C. que começou a trabalhar na escola Bento na década de 1980 e tornou-se diretora na década de 1990.

S. C. contou que: “[...] tenho várias lembranças boas da minha vivência na escola. Os alunos eram muito bons, eu os tinha como filhos. Quando tinha qualquer evento dentro ou fora do colégio, eles sempre estavam presentes.”<sup>55</sup>

Em relação às atividades realizadas S. C. relatou suas lembranças contando que

atrás da escola tinha um pequeno terreno e fizemos a horta escolar que as crianças junto com as serventes cuidavam, com alface, couve, cebolinha, salsinha. A gente participou de várias feiras de ciências, fizemos ali na rua, fechamos a rua principal da escola com bombeiros, a polícia militar dando apoio, com tendas, era assim, sensacional. A comunidade era muito participativa. Todo ano tinha concurso de vitrine das escolas, nós sempre concorriamos e ganhávamos. Era uma beleza fazer essas vitrines, era uma satisfação pra gente mostrar o trabalho da comunidade da nossa escola para Paranaguá, porque essas vitrines eram vitrines de lojas do centro de Paranaguá. Então todo ano uma escola era responsável por pegar uma certa loja e enfeitar a vitrine e aí tinha o concurso dessas vitrines. Também fizemos uma festa enorme quando o Bento fez dez anos de existência. Eu trouxe até a esposa do patrono da escola que morava em Curitiba, hoje falecida.<sup>56</sup>

A esposa do patrono da escola Bento Munhoz da Rocha Neto, mencionada pela ex-diretora S. C. era Flora Munhoz da Rocha.

FIGURA 17 – FOTOGRAFIA DA FEIRA DE CIÊNCIAS NA FRENTE DA ESCOLA



FONTE: Acervo da escola (s.d.)

<sup>55</sup> Entrevista realizada pela autora em novembro de 2024.

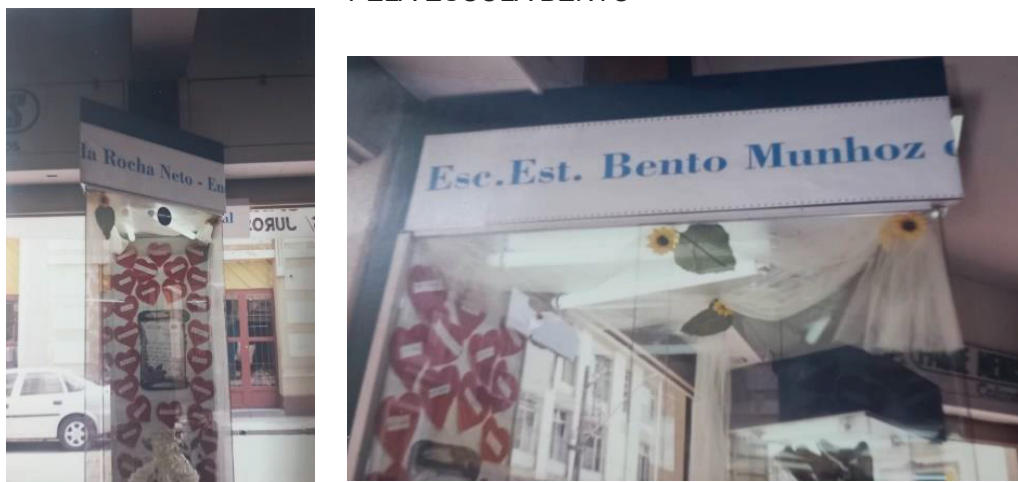
<sup>56</sup> *Idem.*

A Figura 17 mostra a feira de ciências que ocorria na frente da escola, com tendas, como relatou a ex-diretora S. C.

A Figura 18 retrata as fotografias da vitrine da loja Pague Menos Calçados, decorada pelo Colégio Bento para o concurso de vitrines mencionado pela ex-diretora S. C.

Esta loja fica localizada até os dias atuais no centro da cidade de Paranaguá.

FIGURA 18 – FOTOGRAFIAS DA VITRINE DA LOJA PAGUE MENOS CALÇADOS DECORADA PELA ESCOLA BENTO



FONTE: Acervo da escola (s.d.)

O ex-aluno R. M., estudante do colégio Bento nesta década, expôs algumas lembranças das suas vivências na escola. Ele disse que “no tempo que eu estudava tinha uma horta lá atrás e tinha vários legumes. [...] Não tinha quadra para fazermos a educação física, tínhamos que ir em uma pracinha fazer as devidas atividades.”<sup>57</sup>

Continuando seus relatos, R. M. contou um episódio marcante em relação à horta do colégio: “uma vez, no horário do intervalo, eu consegui encontrar uma abóbora gigantesca. Nesse dia foi uma festa! Eu corri em direção à cozinha e entreguei à Dona Sandra (Sandrinha). Pra mim foi um tempo muito bom!”<sup>58</sup>

O episódio da horta contado pelo ex-aluno condiz com as lembranças da ex-diretora S. C.

A Dona Sandrinha, como é chamada, relatada nas lembranças do ex-aluno, é a funcionária que ainda trabalha atualmente no colégio, sendo hoje a funcionária mais antiga em exercício no Bento.

<sup>57</sup> Entrevista realizada pela autora em novembro de 2024.

<sup>58</sup> *Idem*.

Como recordação marcante enquanto estudante do colégio Bento, a ex-aluna J. M. contou que: “marcante pra mim foi a oitava série, o ano da formatura. Fizemos tantas coisas para juntar dinheiro para a nossa colação. Festas, cinema, bingo, gincanas, foi um ano maravilhoso.”<sup>59</sup>

Continuando o relato sobre a formatura J. M. falou sobre um momento emocionante: “nossa formatura foi na igreja batista, meu pai estava internado e não foi. Recebi uma medalha de melhor aluna e a diretora mencionou que meu pai não podia estar lá para entregar por esse motivo. Foi muito emocionante!”<sup>60</sup>

Finalizando seu relato sobre a formatura J. M. completou mencionando que: “[...] depois da cerimônia fomos para uma missa na Igreja do Rocio e em seguida fechamos um restaurante com um coquetel. E ainda passamos uma semana em uma casa de praia, onde os professores se revezavam para ficar com a gente.”<sup>61</sup>

A Figura 19, mostra uma turma de oitava série em formatura no ano de 1993.

FIGURA 19 – FOTO POSTADA NO FACEBOOK: FORMATURA DA TURMA DE OITAVA SÉRIE DE 1993 DA ESCOLA BENTO



FONTE: Paranaguá em Foco (Facebook), 2021 Disponível em <https://www.facebook.com/ParanaguaEmFoco/photos/pb.100049241752347.-2207520000/1815896135238238/?type=3>

<sup>59</sup> Entrevista realizada pela autora em janeiro de 2025

<sup>60</sup> *Idem.*

<sup>61</sup> *Idem.*

O ex-aluno E. D. também relatou suas lembranças relacionadas a esta década na escola, contando que: “lembro que todos os anos existiam os jogos entre salas e a feira de ciências que se chamava Expoben e todos participavam. Na semana da pátria todos os alunos iam para o pátio para cantar o Hino [...]”<sup>62</sup>

E. D. também relatou que “naquela época não existia internet, então nós fazíamos muitas visitas na biblioteca do centro para fazer pesquisas [...]. Uma vez fizemos uma visita em Curitiba, em um planetário e também na UFPR.”<sup>63</sup>

O ex-aluno R. N. compartilhou um certificado de participação em uma das feiras de ciências, chamada de Expoben, lembrada nos relatos acima, do ex-aluno E. D.

FIGURA 20 – CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO NA FEIRA DE CIÊNCIAS DA ESCOLA BENTO



FONTE: Reginaldo (1994)

A ex-aluna J. M. também citou em suas lembranças relacionadas às atividades feitas na escola, a feira de ciências, dizendo que “são tantas lembranças, tínhamos a tradicional feira de ciências, festa junina, gincana para juntar prendas para a festa junina ou para conseguir materiais de limpeza para a escola.”<sup>64</sup>

J. M. ainda contou que: “[...] na semana da pátria cantávamos o Hino e recitávamos poemas. Íamos à biblioteca, no centro da cidade, fazer pesquisas. Lembro de uma viagem à Curitiba e um passeio até o museu também.”<sup>65</sup>

<sup>62</sup> Entrevista realizada pela autora em agosto de 2024.

<sup>63</sup> *Idem*.

<sup>64</sup> Entrevista realizada pela autora em janeiro de 2025.

<sup>65</sup> *Idem*.

Os ex-alunos J. M. e E. D. lembraram das idas para pesquisas à biblioteca no centro de Paranaguá, algo que ocorria muito.

No acervo da escola também foram encontradas fotografias que retratam a Expoben, feira de ciências que ocorria na escola. Como mostra a Figura 21.

FIGURA 21 – PAINEL DE APRESENTAÇÃO DA FEIRA DE CIÊNCIAS – EXPOBEN



FONTE: Acervo da escola (s.d.)

Continuando os relatos da ex-aluna J. M., quando indagada sobre a representação da escola para a sua formação, ela disse que

A escola ajudou na formação do meu caráter, sempre gostei muito de estudar, tínhamos excelentes professores, dedicados para quem aproveitava. Posso dizer que hoje sou uma pessoa de bem, fiz faculdade de Direito, porém não exerço a profissão. Me casei e me dediquei à minha família. Posso dizer que sou uma pessoa bem-sucedida graças a essa primeira infância que passei no colégio Bento.

A ex-aluna F. S. iniciou seus estudos no colégio no ano de 1993, sobre o espaço físico da escola ela contou que “[...] nessa época não tinha quadra atrás da escola, era um matagal (risos) mas eu amava ficar lá, lembro do canto onde fazíamos flúor, eu adorava cuidar da minha saúde bucal e tive boas influências nesta época.”<sup>66</sup>

<sup>66</sup> Entrevista realizada pela autora em janeiro de 2025.



F. S. continuou recordando: “eu amava o Dia das Mães, pois era a única data que tinha para me apresentar pra minha mãe que ia na escola me ver, lembro das serventes que me tratavam com muito amor. Foi a melhor época da minha vida [...]”<sup>67</sup>

Finalizando seus relatos, a ex-aluna F. S. completou: “cheguei a jogar futebol de salão pelos jogos escolares e conquistamos medalhas pro colégio, eu tinha muito orgulho de fazer parte dessa escola que permanece no meu coração até hoje.”<sup>68</sup>

Sobre o Dia das Mães, a ex-aluna E. A. compartilhou fotografias de uma atividade de apresentação para as mães da década de 1990 realizada na escola. As fotografias fazem parte da Figura 22, logo abaixo.

FIGURA 22 – APRESENTAÇÃO DO DIA DAS MÃES NA DÉCADA DE 1990



FONTE: Elizabeth (1996)

O ex-aluno J. S., estudante do Bento nesta época dos anos 1990 contou, dentre suas recordações, que

Estudei no colégio Bento entre os anos de 1990 e 1997, período onde iniciei e concluí o primeiro grau (como chamávamos na época). Nesse período o colégio não tinha quadras esportivas. Nossas atividades de Educação física eram realizadas na pracinha da Serraria, onde tínhamos um campo de futebol de areia e mastros para jogarmos vôlei. Participei dos jogos escolares, jogos intersalas, lembro-me de uma visita ao antigo cinema da nossa cidade, participei de algumas apresentações de dança e teatro e sempre nos reuníamos com grupos de sala para realizar as atividades na casa de outros alunos. No final do oitavo ano, o período da formatura ficou marcado, nossa turma se dedicou para uma viagem e para a festa de formatura, foi um período muito especial. Lembro também que tínhamos o tratamento bucal, onde deveríamos levar as nossas escovas de dente para a aula e nos fundos do colégio fazíamos gargarejo com flúor após escovação. Fizemos muitas amizades.<sup>69</sup>

<sup>67</sup> Entrevista realizada pela autora em janeiro de 2025.

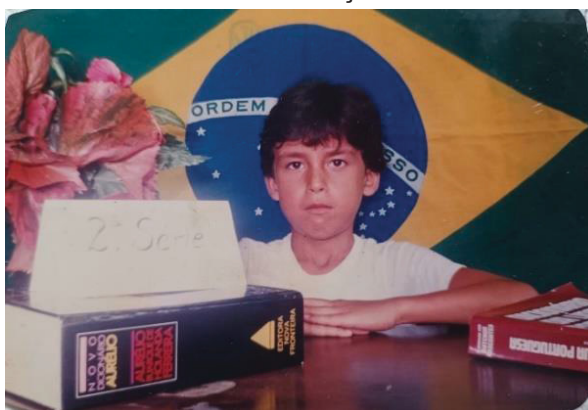
<sup>68</sup> Entrevista realizada pela autora em janeiro de 2025.

<sup>69</sup> *Idem*.

J. S. finalizou seu relato contando sobre a importância do colégio para a sua formação: “o colégio foi extremamente importante para a minha formação, lá conclui o fundamental que me deu base para o segundo grau, posteriormente minha graduação em administração e minhas pós-graduações.”<sup>70</sup>

O ex-aluno J. S. compartilhou fotografias de sua vivência escolar, explicando que “a primeira era uma foto típica tirada em sala por uma equipe externa para guardar a recordação dos primeiros anos de aula. Essa foi em 1991.”<sup>71</sup> É possível observar a fotografia na Figura 23.

FIGURA 23 – FOTO CLÁSSICA DE LEMBRANÇA ESCOLAR NA ESCOLA BENTO



FONTE: José (1991)

Sobre a Figura 24, J. S. explicou que “a segunda foto foi tirada na formatura da nossa classe no oitavo ano, provavelmente no final de 1997.”<sup>72</sup>

FIGURA 24 – FOTO TIRADA NA FORMATURA ESCOLAR DA OITAVA SÉRIE



FONTE: José (1997)

<sup>70</sup> *Idem.*

<sup>71</sup> Entrevista realizada pela autora em janeiro de 2025.

<sup>72</sup> *Idem.*



A ex-aluna P. N. estudou na década de 1990 no colégio Bento e relatou algumas de suas recordações sobre este período. Em relação às atividades realizadas ela contou que “saíamos no Sete de Setembro para desfiles no centro da cidade, a gente ia muito para o Sesc fazer trabalhos lá, o melhor lugar pra mim porque eu nunca tinha conhecido lugares assim, teve um piquenique lá dentro, foi muito legal.”<sup>73</sup>

P. N. ainda relatou que “tinha a feira de ciências também e lembro do professor Wistuba, eu acho que foi o melhor professor, ele era bem rígido.”<sup>74</sup>

O ex-professor W. J. também relatou lembranças da época que trabalhou no colégio Bento, dizendo que “lecionei no Bentinho, era assim que chamávamos a escola. Foi a primeira escola que lecionei, lá nos anos 90, acho eu.”<sup>75</sup>

No acervo de fotos da escola, foram encontradas fotografias com o ex-professor e algumas pichações nas paredes da escola.

A Figura 25 mostra a fotografia e logo abaixo podemos observar o relato do ex-professor sobre este episódio.

FIGURA 25 – FOTO DAS PICHACOES FEITAS NAS PAREDES DA ESCOLA



FONTE: Acervo da escola (s.d.)

Sobre as pichações, o ex-professor W. J. contou que: “a escola estava recém pintada e foi vandalizada com pichações. Foram tiradas algumas fotos para se fazer o boletim de ocorrência e documentação para o Núcleo Regional de Educação.”<sup>76</sup>

Anteriores a estas pichações, foram feitas outras, anos antes, como mostra a Figura 26, fotografia e descrição encontrada no acervo da escola.

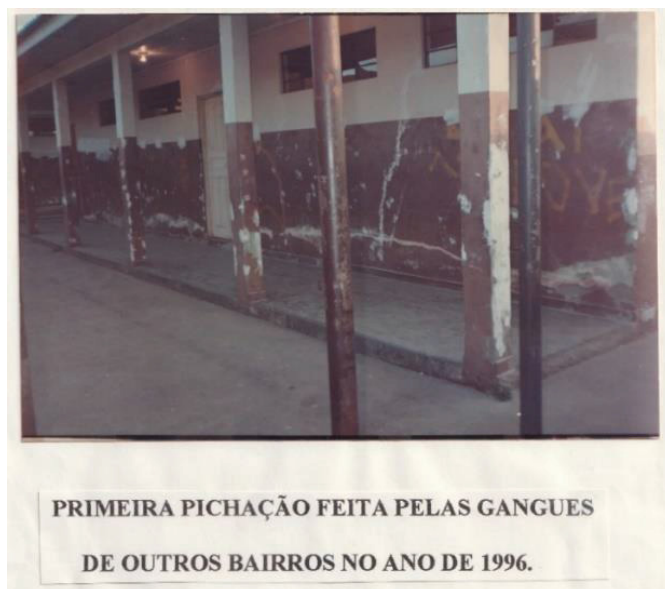
<sup>73</sup> Entrevista realizada pela autora em setembro de 2024.

<sup>74</sup> *Idem*

<sup>75</sup> Entrevista realizada pela autora em janeiro de 2025.

<sup>76</sup> *Idem*.

FIGURA 26 – FOTO DAS PICHAÇÕES FEITAS NA PAREDE DA ESCOLA EM 1996



FONTE: Acervo da escola (1996)

O episódio relatado acima, ocorrido na década de 1990 mostra que a vulnerabilidade social, aqui relacionada às consequências da depredação e do vandalismo, citada no PPP da escola atualmente, se faz presente desde décadas atrás.

Continuando os relatos, a ex-professora L. A. contou que:

Trabalhei entre os anos de 1994 e 1999. Os estudantes eram, na maioria, de famílias humildes e trabalhadoras. Os alunos eram comprometidos, muito participativos nos eventos, datas comemorativas, cívicas e de lazer. Também eram educados e suas famílias acompanhavam seu desenvolvimento educacional. Trabalhar no Bento foi muito importante, pois estava em início de carreira e ali aprendi muito com a diretora Sandra C. e demais professores da época. Pessoas que carrego no coração e mantenho amizade até hoje. Num tempo até trabalhei como uma espécie de coordenadora para ajudar a direção. Lembro-me também que alguns ex-alunos da antiga 4ª série, muitas vezes, retornavam no período vespertino para pedir sugestões de apresentações para trabalhos, para apresentarem no período matutino. Isso acontecia, pois eu fazia muitas apresentações com eles.<sup>77</sup>

A ex-professora L. A. compartilhou algumas fotografias das apresentações realizadas pelos alunos na escola.

Sobre a Figura 27 ela contou que: “aqui foi um teatro apresentado pelos alunos da 4ª série da época sobre os personagens do folclore brasileiro.”<sup>78</sup>

<sup>77</sup> Entrevista realizada pela autora em setembro de 2024.

<sup>78</sup> *Idem*.

FIGURA 27 – APRESENTAÇÃO DE TEATRO FEITO NA ESCOLA BENTO



FONTE: Laureci (1997)

De acordo com a ex-professora L. A., a Figura 28 retrata “uma apresentação da semana do folclore, onde trabalhamos as cantigas de roda. Essa turma era de 3ª série.”<sup>79</sup>

FIGURA 28 – APRESENTAÇÃO SOBRE O FOLCLORE



FONTE: Laureci (1997)

Dando continuidade, quando indagada sobre algum acontecimento marcante, nesta mesma época, a ex-aluna P. N. contou que “o primeiro ano foi marcante por que eu não fiz pré, então pra mim foi complicado aprender, mas tinha a professora Elair, um amor de pessoa, aprendi tudo com ela.”<sup>80</sup>

<sup>79</sup> Entrevista realizada pela autora em setembro de 2024.

<sup>80</sup> *Idem.*

Nesse momento a ex-aluna P. N. se emocionou ao recordar dessas lembranças. Prosseguindo, ela disse que “eu fiquei doente quando teve a separação dos meus pais e ela ia em casa. Lembrar é muito bom. Ela ia fazer as atividades comigo, eu acho que tive depressão. Eu lembro de tudo que ela fez por mim.”<sup>81</sup>

Muitos antigos estudantes guardam boas lembranças em relação aos professores e funcionários que marcaram sua vida escolar. E os relatos dos professores até aqui também demonstram que são recíprocas estas boas lembranças.

O ex-aluno G. C. estudou e atuou como voluntário no Colégio Bento. Em seu relato como estudante, sobre o espaço físico ele disse que “ingressei em 1995 e em 1997 me formei. O colégio era pequeno. Na época, todas as nossas atividades de Educação Física eram realizadas no campo da Serraria do Rocha.”<sup>82</sup>

Continuando seu relato, G. C contou que

Dentro do Colégio nós tivemos um ensino muito rigoroso, os alunos respeitavam muito os professores. A gente realizou muitas atividades, as feiras de Ciências que a gente sempre teve, os cursos, palestras. O ambiente era muito agradável. Eu gostava muito do professor Luis, de Educação Física, era uma pessoa íntegra e rigosora, gostava muito das instruções dele, como treinava no Rio Branco, a tarde, as aulas de Educação Física, pra mim, eram muito proveitosas. E a diretora Sandra C. era a nossa mãezona né, quando era pra chamar a atenção chamava, quando era pra elogiar, elogiava, era uma pessoa muito certa. Uma coisa que eu gostava, como eu morava na frente da escola, era que eu não precisava comprar lanche na hora do intervalo, eu pedia autorização pra diretora pra ir em casa e ela dizia que podia ir, eu ia e voltava no horário, todos os dias eu ia tomar café na minha casa e voltava no horário pra escola.<sup>83</sup>

A ex-aluna E. A. também estudou na década de 1990 e compartilhou recordações sobre o espaço físico do colégio. E. A. contou “[...] quadra para esporte não tínhamos, era utilizada a pracinha da Serraria do Rocha, para as aulas de Educação Física, em que o Prof. Eliezer de Educação Física nos levava”.<sup>84</sup>

Em relação às atividades marcantes realizadas no espaço escolar, E. A. relatou que

Como tínhamos o time de futsal feminino, treinávamos em outros bairros onde tinha quadra também. O que me lembro foi a nossa viagem para participar dos jogos escolares no estadual, onde em 98 ganhamos a medalha de ouro no futsal feminino, foi minha primeira viagem sozinha, para nós, na época, desbancarmos o Colégio Nova Geração que tinha um time forte, foi uma grande vitória! E ainda lembro que quando estava no 8º ano foi feito uma gincana em que eu e minhas amigas dublávamos as Spice Girls, ficamos dias

<sup>81</sup> Entrevista realizada pela autora em setembro de 2024.

<sup>82</sup> Entrevista realizada pela autora em janeiro de 2025.

<sup>83</sup> *Idem.*

<sup>84</sup> *Idem.*

ensaiando, assistindo clipes para pegar os trejeitos, como não tinha um espaço grande, a gincana foi feita na rua da frente, foi instalado um palco e a comunidade pôde prestigiar.<sup>85</sup>

Grande parte dos antigos estudantes recordam do espaço pequeno para as aulas de Educação Física e da saída da escola para a realização das atividades na praça do bairro próximo. É possível perceber que, por vários anos isso ocorreu na escola.

Após a reunião de lembranças relacionadas à década de 1990 dentro do colégio Bento, iniciaremos os relatos de situações e lembranças marcantes durante a década de 2000, no subitem a seguir.

#### 4.2.5 Década de 2000

Os anos 2000 guardam recordações marcantes nas lembranças dos estudantes e professores que estiveram no Colégio Bento.

À medida que nos aproximamos dos dias atuais, mais relatos e documentos em estado de arquivo familiar foram compartilhados.

No entanto, iniciamos os anos 2000 com fotografias de atividades realizadas em alusão aos 500 anos da chegada de Pedro Álvares Cabral ao país, que foram comuns a muitas escolas estaduais na época.

FIGURA 29 – CARTAZES PRODUZIDOS PELOS ALUNOS



FONTE: Acervo da escola (2000)

Vamos iniciar os relatos com a ex-aluna F. S., que começou seus estudos na década de 1990 e terminou na década de 2000. F. S. contou: “eu era uma criança

<sup>85</sup> Entrevista realizada pela autora em janeiro de 2025.

feliz...cresci cantando o hino nacional, aprendi muito no Bentinho...tive uma boa educação.”<sup>86</sup>

A ex-aluna F. S. continuou seu relato com recordações emocionantes

Dentro do colégio tinha muitas outras influências que eu sabia que não era o certo seguir. A diretora Sandra sempre conversava comigo e dizia que eu poderia mudar o meu futuro e surpreender as pessoas que acreditavam que eu não seria alguém. Eu estudei e me dediquei muito. Sabia que poderia mudar o meu destino. Sou muito grata e lágrimas caem dos meus olhos ao me lembrar de tudo que passei dentro dos muros da escola. O colégio Bento não foi apenas uma escola, mas uma segunda casa pra mim. Ali eu me apaixonei a primeira vez, eu fiz amizades que levo até hoje, aprendi a ser forte e que, se eu me dedicasse eu poderia ser alguém na vida. Tenho muito orgulho de ter passado por lá, Bentinho está eternamente em meu coração.<sup>87</sup>

F. S. compartilhou uma fotografia da sua formatura de oitava série, retratada na Figura 30.

FIGURA 30 – FOTO DE FORMATURA DE OITAVA SÉRIE



FONTE: Franciele (2000)

S. C. que iniciou no cargo de professora, foi diretora auxiliar, secretária e diretora da escola, recordou de algumas lembranças e atividades envolvendo os alunos da época.

S. C. relatou: “agradeço a Deus pelos anos vividos na Escola Bento Munhoz da Rocha Neto. Foram muitas alegrias, muitas lembranças de carinho e amor.”<sup>88</sup>

A ex-diretora S. C. continuou seu relato, recordando das atividades promovidas no colégio: “a escola passou a ter colação de grau com missas, cultos,

<sup>86</sup> Entrevista realizada pela autora em janeiro de 2025.

<sup>87</sup> *Idem*.

<sup>88</sup> Entrevista realizada pela autora em novembro de 2024.



coquetel, algumas viagens. Nos jogos escolares eu estava junto com eles, com o professor de Educação Física que na época era o professor Eliéser, excelente professor [...]”<sup>89</sup>

Finalizando seu relato, nas suas lembranças em relação aos estudantes, S. C. contou que: “eles mesmos, os alunos incentivavam, eles diziam “dire, vamos fazer isso, dire vamos fazer aquilo”. Era assim, eles me animavam, eu os animava, juntamente com os professores também muito animados.”<sup>90</sup>

No acervo da escola foram encontradas algumas fotos relacionadas aos jogos escolares, como mostra a Figura 31.

FIGURA 31 – FRENTE E VERSO DA FOTO DO TIME DE FUTEBOL FEMININO DA ESCOLA



FONTE: Acervo da escola (2001)

G. C., que foi aluno e mais tarde voluntário da escola relatou suas lembranças, dizendo que “em 1998 ingressei no Segundo Grau no colégio Estados Unidos da

<sup>89</sup> Entrevista realizada pela autora em novembro de 2024.

<sup>90</sup> *Idem*.



América. Eu conseguia estudar de noite e de manhã eu dava treino pra garotada no Bento, futebol, futsal feminino, como voluntário. Foram anos maravilhosos [...]”<sup>91</sup>

Quando indagado sobre uma recordação marcante, G. C. contou

A melhor lembrança que tenho no Bento foi quando montamos um time de futebol feminino, com esse time ganhamos vários jogos e conseguimos chegar até a final. Disputamos a final contra o colégio Anchieta com o ginásio dos esportes Joaquim Tramujas completamente lotado. Em todos os jogos do Bento a diretora liberava o pessoal pra torcer, era um espetáculo. No dia da final, a gente chegou no ginásio e já estava completamente lotado e todos gritavam ‘Bento, Bento, Bento’ eu até chorei, me emocionei, as meninas também se emocionaram. A final foi um jogo emocionante, eletrizante, lutamos até o final, mas, infelizmente, faltando cinco minutos pra acabar tomamos um gol do Anchieta. Fomos vice-campeões, levamos com muito orgulho esse troféu pro Bento e até hoje passo pelas meninas, a maioria casada, com filhos, passam por mim e falam ‘oi professor, tudo bem?’ Então ficamos com essa lembrança legal dos jogos escolares.<sup>92</sup>

Iniciamos a década de 2000 com lembranças que envolveram formaturas e jogos escolares, momentos que ficaram marcados na memória dos estudantes e professores que participaram destas atividades.

Dando continuidade aos relatos e lembranças, a ex-aluna P. N. compartilhou recordações sobre as relações entre os estudantes e a representação da escola para a sua formação, contando que “no meu tempo era mais calmo, as crianças eram mais educadas. Aprendi muita coisa na escola que resultou no que eu sou agora. Hoje em dia não deixo meus filhos faltarem na escola, fico em cima deles [...]”<sup>93</sup>

P. N. encontrou, no acervo da escola, uma fotografia de um momento do recreio dos estudantes. A Figura 32 mostra a imagem.

FIGURA 32 – FRENTE E VERSO DA FOTO DAS ESTUDANTES NO LANCHE



FONTE: Acervo da escola (2001)

<sup>91</sup> Entrevista realizada pela autora em janeiro de 2024.

<sup>92</sup> Entrevista realizada pela autora em janeiro de 2024.

<sup>93</sup> Entrevista realizada pela autora em setembro de 2024.

C. L. foi aluna e participou das atividades da escola depois de adulta como presidente da Associação de Pais, Mestres e Funcionários – APMF, no final dos anos de 1990 e decorrer dos anos 2000. Ela relatou que “quando meu filho veio pra cá comecei na APMF na época do diretor Seu José né, ficou pouco tempo ele aqui. Depois foi feita eleição e na época foi colocada outra direção, acho que a Sandra D.”<sup>94</sup>

Quando indagada sobre suas recordações, C. L. disse “a gente fazia muito evento. [...] Teve também o dinheirinho que eram os Bentos, os alunos tinham que fazer tarefas, as notas, o desempenho deles na sala de aula contava também.”<sup>95</sup>

Sobre as atividades que aconteciam no colégio, C. L. continuou seu relato: “tinham as festas juninas também [...] a gente via a alegria deles e se empolgava junto. Eu fiz parte da entrega do leite no programa leite das crianças, a gente fazia a parte da APMF de ajudar a entregar. Nossa! Era muito movimentada a escola.”<sup>96</sup>

No acervo da escola encontramos a fotografia que retrata uma parte das recordações da C. L. em relação à entrega do leite das crianças, como vemos ao observar a Figura 33.

FIGURA 33 – FOTO RELACIONADA AO PROGRAMA LEITE DAS CRIANÇAS



FONTE: Acervo da escola (2002)

A ex-aluna M. M. contou suas recordações e alguns momentos marcantes vividos nesta mesma época na escola, dizendo que

Estudei no Bento da 5ª série ao 3º ano do Ensino Médio. Nossa turma foi uma das primeiras do ensino médio no Bento porque até o ano de 2008 não tinha

<sup>94</sup> Entrevista realizada pela autora em setembro de 2024.

<sup>95</sup> *Idem.*

<sup>96</sup> *Idem.*

ensino médio na escola ainda, tanto que o nome era Escola Estadual e depois disso que veio a se chamar Colégio Estadual. No início, quando comecei a estudar não tinha a quadra que tem hoje atrás da escola, fazíamos aula de Educação Física ao lado das salas ou na praça da Serraria. Depois de uns anos a quadra foi feita, então passamos a fazer atrás das salas. Lembro que tínhamos o Grêmio estudantil, tínhamos o jornal do Bento, fizemos festas juninas e outras comemorações, tivemos nossa formatura. Nas festas sempre tinha a sala da danceteria que era muito requisitada, era a época dos passinhos né, então a gente se divertia. Me recordo da vez que fomos ao zoológico de Curitiba, foi uma bonificação por gincana eu acho, mas foi a primeira vez que sai de Paranaguá, pra nós era algo muito especial e ficou guardado na memória até hoje, foi um dia muito alegre, fomos de ônibus com professores, fizemos piquenique.<sup>97</sup>

A ex-professora J. D. compartilhou uma fotografia de uma viagem com a escola Bento até o zoológico de Curitiba. Provavelmente não era a turma da M. M., mas ocorreu nesta mesma década e no mesmo lugar que ambas, ex-professora e ex-aluna, guardam estas lembranças.

FIGURA 34 – PASSEIO NO ZOOLÓGICO DE CURITIBA



FONTE: Jussara (2002)

O ex-professor V. M. trabalhou no Bento e relatou: “eu entrei no estado em 2005 e a primeira escola que eu escolhi para trabalhar foi ali que era onde eu tinha aulas à noite né, trabalhei só a noite num primeiro momento.”<sup>98</sup>

V. M. contou sobre uma atividade que chamou sua atenção quando trabalhou no colégio: “[...] achava interessante uma atividade que era feita que eles chamavam

<sup>97</sup> Entrevista realizada pela autora em novembro de 2024.

<sup>98</sup> Entrevista realizada pela autora em agosto de 2024.

de bentos, a escola criou uma moeda e isso estava atrelada à nota do aluno, quanto melhor fosse, ele recebia o bento como se fosse um dinheiro da escola”.<sup>99</sup>

Concluindo seu relato sobre a atividade, V. M. ainda disse que “e eles tinham, uma ou duas vezes ao ano, um evento com teatro, filmes, atividades esportivas, então isso movimentou muito a escola, lembro que foi muito interessante [...]”.<sup>100</sup>

A lembrança do ex-professor V. M. e da C. L. sobre a atividade escolar envolvendo o dinheiro ‘bento’ pode ser evidenciada através da Figura 35 que mostra a imagem de alguns dados do projeto intitulado “Projeto Valorização”.

FIGURA 35 – INFORMAÇÕES SOBRE O PROJETO VALORIZAÇÃO REALIZADO NA ESCOLA

## PROJETO VALORIZAÇÃO

ESCOLA ESTADUAL BENTO MUNHOZ DA ROCHA NETO

1ª Fase – Período de 18/05/2005 a 08/07/2005

### Justificativa

Após a verificação da aprendizagem do primeiro bimestre e da crescente violência dentro do ambiente escolar se fez necessária a introdução de um Projeto para Motivação da Aprendizagem, do Respeito às Normas Internas, Voluntariado, e a Valorização do Patrimônio Escolar.

### Objetivo Geral

- ▶ Resgatar a Aprendizagem
- ▶ Diminuir a violência

### Objetivos Específicos

- ▶ Motivar a aprendizagem através de Gincanas culturais.
- ▶ Incentivar o Voluntariado através de campanhas
- ▶ Respeitar às Normas Escolares Internas quanto;
  - \* Uso do Uniforme
  - \* Assiduidade
  - \* Pontualidade

### Participantes

Alunos, Professores, funcionários, APMF e pais.

### Cargo de cada elemento participante dentro do Projeto

Aluno – Povo que cria as leis e as cumpre.

Professor e Pedagogos – Órgãos fiscalizadores

Secretaria – Setor Administrativo e Financeiro.

Serviços gerais – Setor organizacional

APMF – Recursos Financeiros

Direção – Poder executivo

### Estratégias

“Criar dentro da escola uma nacão que prioriza o estudo, mas que também pune severamente os atos infracionais”.

Para que o aluno tenha um “salário” garantido ele necessita apenas respeitar as normas internas e estudar.

Aquele aluno que busca melhores salários pode aumentá-lo através de gincanas e arrecadações.

O Primeiro passo do projeto é criar as normas internas, as leis para respeitá-las.

### Desenvolvimento

Cada aluno terá um salário por bimestre. Sua folha de pagamento será o seu boletim. Suas faltas serão os descontos obrigatórios.

Outros descontos serão oriundos dos problemas do tipo; falta do uniforme; chegar atrasado para as aulas; advertências escritas; etc.

O aumento do seu salário dar-se-á através de arrecadações e gincanas culturais realizadas no intervalo das aulas e no intervalo para o lanche.

Ao final da primeira fase, o aluno estará de posse de diversos pontos que serão trocados por moeda corrente interna. “BENTOS”.

Com essa moeda o aluno poderá comprar em um Bazar, realizado pela APMF com a colaboração da comunidade e empresários, diversos itens como; Bonés, Camisetas, Bolsas Escolares, Material Escolar, Lanche, Brinquedos Educativos, Passeios em Companhia de Professores, etc.

Cada aluno ao entregar a arrecadação receberá um vale para ser trocado pela moeda corrente em data a ser determinada para o “Dia do Pagamento” para ser “gasto” no bazar.

### Valorização (quanto vale em bentos?)

Arrecadação	Pontos
Produtos	B\$ bentos
Latinha já amassadas (cada)	0,50
Latinha sem amassar (cada duas)	0,50
Garrafas pet amassadas (cada duas)	0,50
Garrafas pet sem amassar (cada quatro)	0,50

- Esses itens serão vendidos para angariar fundos para a compra de mercadorias para o bazar além de fazer parte da campanha de Reciclagem que a escola já realiza.

### Como é a nossa moeda



FONTE: Acervo da escola (2005)

O ex-aluno I. B. também estudou nesta década no colégio e contou que: “estudei em 2006, 2007 e 2008 e o primeiro semestre de 2009. O quinto ano eu fazia lá no colégio Maria de Lourdes Morozowski e o que me chamou a atenção pra vir pra cá no ano de 2006 era porque aqui tinham os ‘bentinhos’, tinha discoteca.”<sup>101</sup>

<sup>99</sup> *Idem.*

<sup>100</sup> Entrevista realizada pela autora em agosto de 2024.

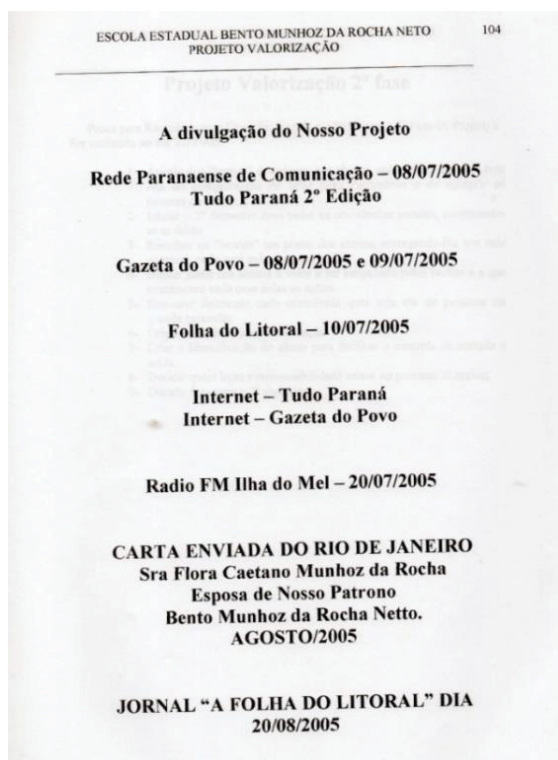
<sup>101</sup> *Idem.*

I. B. recordou das atividades relacionadas ao Projeto Valorização na época em que estudava no Bento, contando que

Era a moeda própria do bento, que eram os bentos, era voltado mais para o público do colégio, mas, as vezes a gente conseguia vir com um primo, com alguém, pegar alguns bentinhos que dividiam pra gente participar um pouco. Então, no outro ano eu vim por isso, tinha a discoteca, tinham as compras que você fazia com o dinheiro do colégio conforme as notas boas que você tirava. As salas de aulas eram como se fossem algumas feiras, tinha a feirinha de frutas e alimentos, itens de artesanato, mas a sensação mesmo era a discoteca que tinha. Então era legal, a gente criava laços, fazia amizades. Tinha um período específico pra essas atividades, era depois dos boletins, conforme a nota que tirava, ganhava uma quantia de bentos.<sup>102</sup>

Foram realizadas matérias de jornais sobre o Projeto Valorização, como podemos observar nos registros do acervo da escola, na Figura 36.

FIGURA 36 – DOCUMENTO DO ACERVO DA ESCOLA COM INFORMAÇÕES SOBRE A DIVULGAÇÃO DO PROJETO VALORIZAÇÃO



FONTE: Acervo da escola (2005)

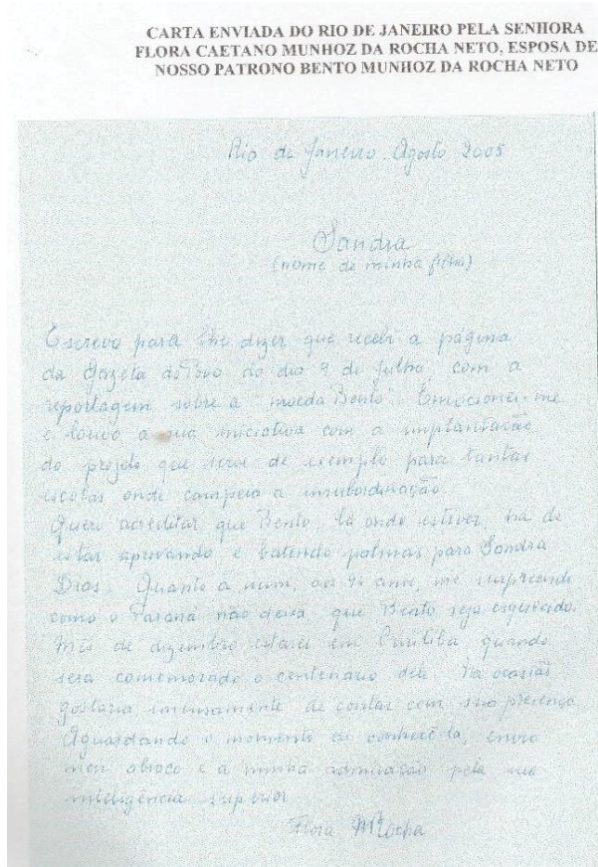
No documento acima é possível observar que em agosto de 2005 o colégio recebeu uma carta enviada pela Sra. Flora Caetano Munhoz da Rocha, esposa do patrono da escola, Bento Munhoz da Rocha Netto, referente ao Projeto Valorização.

<sup>102</sup> Entrevista realizada pela autora em agosto de 2024.



Na Figura 37 vemos a carta recebida.

FIGURA 37 – COPIA DA CARTA ENVIADA PELA SRA FLORA CAETANO MUNHOZ DA ROCHA

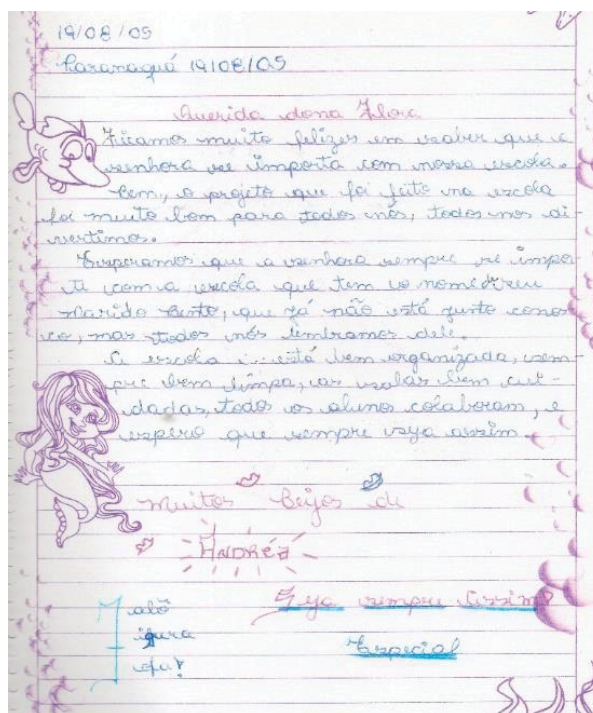


FONTE: Acervo da escola (2005)<sup>103</sup>

Alguns estudantes responderam a carta da Senhora Flora, como podemos observar na Figura 38.

<sup>103</sup> Conteúdo da carta: "Rio de Janeiro, agosto, 2005. Sandra (nome da minha filha). Escrevo para lhe dizer que recebi a página da Gazeta do Povo do dia 9 de julho, com a reportagem sobre a 'moeda Bento'. Emocionei-me e louvo a sua iniciativa com a implantação do projeto que serve de exemplo para tantas escolas onde campeia a insubordinação. Quero acreditar que Bento, lá onde estiver, há de estar aprovando e batendo palmas para Sandra Dias. Quanto a mim, aos 94 anos, me surpreendo como o Paraná não deixa que Bento seja esquecido. Mês de dezembro estarei em Curitiba quando será comemorado o centenário dele. Na ocasião, gostaria imensamente de contar com sua presença. Aguardando o momento de conhecê-la, envio meu abraço e a minha admiração pela sua inteligência superior. Flora Munhoz da Rocha (assinatura)."

FIGURA 38 – CARTA DE RESPOSTA À DONA FLORA, ESCRITA POR ESTUDANTE DA ESCOLA



FONTE: Acervo da escola (2005)<sup>104</sup>

O relato dos estudantes e professores que estiveram na escola durante o desenvolvimento do Projeto Valorização retrata as recordações dos momentos de atividades envolvidas no projeto. E os arquivos encontrados no acervo da escola evidenciam a existência e a execução destas atividades que se tornaram marcantes para os participantes.

Quando indagado sobre a representação da escola para a sua formação, o ex-aluno I. B. disse que “a escola Bento representa pra mim esse vínculo com a localidade, com a região, esse sentimento de pertencimento, pelo fato de estar aqui no bairro, o lugar onde nasci e convivi com minha família.”<sup>105</sup>

Continuando seu relato I. B. mencionou uma questão importante pela qual o bairro passa atualmente: “[...] hoje em dia a gente vê o avanço da indústria para dentro

<sup>104</sup> Conteúdo da carta: “Paranaguá, 19/08/05. Querida Dona Flora, ficamos muito felizes em saber que a senhora se importa com nossa escola. Bem, o projeto que foi feito na escola foi muito bom para todos nós, todos nos divertimos. Esperamos que a senhora sempre se importe com a escola que tem o nome de seu marido Bento, que já não está junto conosco, mas todos nós lembramos dele. A escola está bem organizada, sempre bem limpa, as salas bem cuidadas, todos os alunos colaboram e espero que sempre seja assim. Muitos beijos de Andréa. Seja sempre assim, especial.”

<sup>105</sup> Entrevista realizada pela autora em agosto de 2024.



do bairro né, e isso deixa muitas pessoas tristes de serem realocadas, de serem intimadas pelo poder público ou pela iniciativa privada em vender suas residências.”<sup>106</sup>

Concluindo, o ex-aluno I. B. ainda disse que

O colégio Bento é essa questão de resistência, sendo inovador, atendendo a comunidade, o Bento representa muito isso, a comunidade escolar que passou aqui pelo Bento tem esse legado de pertencimento, de lutar pela região em que mora e representar esse local.<sup>107</sup>

Finalizando as recordações pertinentes a esta década, a ex-aluna M. M. pontuou suas lembranças, contando que: “éramos muito unidos, um ajudava o outro, tanto em atividades, como quando ocorria algum problema...os professores eram maravilhosos, sinto saudades!”<sup>108</sup>

M. M. também contou sobre um momento vivido por ela em sua trajetória escolar: “no primeiro ano do Ensino Médio ganhei uma bolsa de estudos para estudar no colégio CEMD. Estudei seis meses lá e no segundo ano do Ensino Médio quis voltar para o Bento, não me adaptei no CEMD<sup>109</sup>, o Bento sempre foi o meu lugar.”<sup>110</sup>

Continuando com suas lembranças dentro do colégio, a ex-aluna M. M. contou que: “tenho muitas professoras queridas, duas delas dão aula até hoje na escola, professora Fernanda de Português e professora Andreia de Inglês. O diretor Everton, na minha época era vice-diretor. Muito querido e atencioso, como é até hoje.”<sup>111</sup>

O colégio mencionado pela aluna, no qual ganhou bolsa de estudos, é um colégio da rede particular de ensino do município de Paranaguá.

Os arquivos e lembranças da década de 2000 se cruzam entre memórias e evidências de atividades marcantes realizadas no colégio.

#### 4.2.6 Década de 2010

As recordações desta década iniciam com a continuação dos relatos da ex-aluna M. M., que estudou até o ano de 2010 no colégio.

---

<sup>106</sup> *Idem.*

<sup>107</sup> Entrevista realizada pela autora em agosto de 2024.

<sup>108</sup> Entrevista realizada pela autora em novembro de 2024.

<sup>109</sup> Centro Educacional Mobi Dick, escola privada no município.

<sup>110</sup> *Idem.*

<sup>111</sup> *Idem.*

M. M. disse que “[...] foi no colégio Bento que me encontrei, se eu pudesse estudaria até hoje lá. Mas a gente cresce. Espero do fundo do meu coração que não fechem a escola, e que muitas crianças se encontrem lá, como eu me encontrei.”<sup>112</sup>

A ex-aluna compartilhou algumas fotografias de seu arquivo familiar do Histórico Escolar do Ensino Médio e da sua formatura, em 2010. Como é possível observar nas Figuras 39 e 40.

FIGURA 39 – HISTÓRICO ESCOLAR DO ENSINO MÉDIO NO COLÉGIO

ESTADO DO PARANÁ  
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

HISTÓRICO ESCOLAR DO ENSINO MÉDIO POR BLOCOS DE DISCIPLINAS SEMESTRAIS

ESTABELECIMENTO: BENTO M DA ROCHA NETO, C E-EF M		BAIRRO: VL RUTE		CEP: 83.221-540
ENTIDADE MANTENEDORA: GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ		Nº: 1341		
ENDEREÇO: RUA FRANCISCO MACHADO		E-MAIL: pngbentomunhoz@seed.pr.gov.br		
TELEFONE - FAX: 4134225289		NRE: PARANAGUA		
MUNICÍPIO: PARANAGUA				
ATO OFICIAL DO ESTABELECIMENTO RES 2888/1999 DOE 25/10/1999		ATO OFICIAL DO CURSO RES 5621/2014 DOE 12/11/2014		
CGM: _____		ALUNO(A): _____		CPF: _____
SEXO: F		DATA DE NASCIMENTO: _____		
MUNICÍPIO/UF: PARANAGUA / PR		RG/UF: _____		PAÍS: BRASIL
FILIAÇÃO: _____				
<b>DISCIPLINAS</b>				
		1ª SÉRIE	2ª SÉRIE	3ª SÉRIE
		Notas ou Menções	Notas ou Menções	Notas ou Menções
<b>BLOCO 1 - BASE NACIONAL COMUM</b>				
BIOLOGIA		7,8	8,0	10,0
EDUCAÇÃO FÍSICA		8,6	8,5	8,0
FILOSOFIA		-	8,5	10,0
HISTÓRIA		7,8	8,5	10,0
LÍNGUA PORTUGUESA		7,0	8,4	8,9
<b>BLOCO 1 - PARTE DIVERSIFICADA</b>				
L.E.M.-ESPANHOL		9,3	-	9,8
L.E.M.-INGLÊS		7,7	8,4	-
LITERATURA E REDAÇÃO		8,8	-	-
<b>BLOCO 2 - BASE NACIONAL COMUM</b>				
ARTE		9,4	9,5	8,0
FÍSICA		7,9	8,7	8,0
GEOGRAFIA		8,5	10,0	8,0
MATEMÁTICA		8,1	10,0	10,0
QUÍMICA		8,1	10,0	10,0
SOCIOLOGIA		7,5	8,5	10,0
<b>RESULTADO</b>				
		APROVADO	APROVADO	APROVADO
<b>SÉRIES / BLOCOS</b>		<b>ESTABELECIMENTO</b>		
<b>ANO</b>		<b>MUNICÍPIO/UF</b>		
<b>LEI Nº</b>				
<b>TOTAL HORAS</b>				
1º	2008	9394/96	800	COLÉGIO CEMO D.E-EF-E MÉDIO
2º	2008	9394/96	600	COLÉGIO CEMO D.E-EF-E MÉDIO
3º	2009	9394/96	400	BENTO M DA ROCHA NETO, C E-EF M
4º	2009	9394/96	400	BENTO M DA ROCHA NETO, C E-EF M
5º	2010	9394/96	400	BENTO M DA ROCHA NETO, C E-EF M
6º	2010	9394/96	400	BENTO M DA ROCHA NETO, C E-EF M

Atividade de Complementação Curricular:

<b>SÍNTESE DO SISTEMA DE AVALIAÇÃO</b> Para Aprovação exige-se Média igual ou superior a 6,0 e Frequência igual ou superior a 75%.	<b>OBSERVAÇÕES</b> Aluno criado da rede privada de ensino.
---	---

CERTIFICADO DE CONCLUSÃO

Certificamos que \_\_\_\_\_, concluiu o ENSINO MÉDIO POR BLOCOS DE DISCIPLINAS SEMESTRAIS nos termos da Lei nº 9394/96, Res. nº 5590/08 - GS/SEED e normas do Sistema Estadual de Ensino.

Paranaguá, 5 de dezembro de 2019

Secretário(a): ANDERSON LIMA FERNANDES  
Res. 5590/08 - DOE 09/02/2018

Diretor(a): EVERTON VIEIRA BORGES  
Res. 741/2018 - DOE 14/03/2018

FONTE: Morgana (2019)

<sup>112</sup> *Idem.*

FIGURA 40 – FOTO DE FORMATURA NO COLÉGIO BENTO



FONTE: Morgana (2010)

O. M. foi aluno no Colégio Bento e relatou “eu voltei a estudar depois de adulto, em 2012, 2013, mais ou menos. Trabalhava de dia e estudava a noite.”<sup>113</sup>

Recordando com gratidão e emoção O. M. continuou seu relato contando que

O professor Danilo esperava eu chegar, quando eu chegava já estava tudo no quadro o que ele tinha que passar, mas ele só fazia a explicação quando eu chegava, eu trabalhava perto do pátio dos caminhões, chegava atrasado, mas ele esperava. Eu só tenho a agradecer, chega a me emocionar. Tenho só lembranças boas dos professores, quando eles me encontram no centro, no Rocio, sempre vem aquela lembrança gostosa, que eles me ensinaram e ajudaram a conseguir meu diploma, tanto é que quando eu peguei meu diploma da faculdade, a primeira coisa que eu fiz foi vir aqui agradecer a todos que me ajudaram muito a chegar onde eu cheguei hoje.<sup>114</sup>

F. X. foi professor no colégio nesta década, dentre suas lembranças, contou que: “trabalhei em 2012, 2013, 2014, se não me engano nestes anos. O que mais me marcou aqui no Bento foi o desafio de levar os alunos pra Porto Seguro na Bahia e pra Vitória, no Espírito Santo, isso em 2013.”<sup>115</sup>

Sobre esta marcante lembrança, F. X. continuou contando que

<sup>113</sup> Entrevista realizada pela autora em agosto de 2024.

<sup>114</sup> *Idem.*

<sup>115</sup> *Idem.*

Os alunos foram apresentar uns trabalhos que nós desenvolvíamos na escola, um projeto de estudo do tempo e do clima, de captação de água da chuva e sobre doenças hídricas também, como a dengue e leptospirose. Pra Porto Seguro, na Bahia, fomos de avião e pra Vitória nós fomos de van. A Sandra D., diretora na época, e o vice Everton nos ajudaram no contato com a APP que cedeu uma van e nós fomos em 12 alunos e quatro professores pra Vitória. Isso marcou, passeamos muito, foi uma coisa fantástica, fomos com alunos do Bento, do Zilá e do Cidália. Em Porto Seguro foram quatro dias e em Vitória foi uma semana, ninguém queria vir embora (risos). Todos se comportaram bem, foi muito bom, isso marcou minha trajetória aqui no Bento, os diretores toparam, acreditaram e deram essa oportunidade pros alunos, fizeram campanha, rifas, correram atrás de recursos.<sup>116</sup>

Atividades dentro e fora do ambiente escolar marcam memórias, como as viagens relatadas pelo ex-professor, a formatura retratada pela ex-aluna ou o dia a dia escolar com atitudes de compreensão para com os estudantes, como mostrou o ex-aluno O. M.

Dando continuidade às lembranças relacionadas às atividades, foram compartilhadas fotografias de atividades que ocorreram no ano de 2016 no colégio, durante a chamada Semana de Integração, que teve como tema: “Identidade da comunidade escolar”.

Estas atividades mostram a apresentação dos livros confeccionados pelos estudantes com entrevistas feitas na comunidade escolar sobre as transformações ocorridas no bairro na escola. Como mostra a Figura 41.

FIGURA 41 – FOTO DE ATIVIDADE DA SEMANA DE INTEGRAÇÃO NO COLÉGIO



FONTE: A autora (2016)

<sup>116</sup> Entrevista realizada pela autora em agosto de 2024.

A ex-professora L. S. também relatou algumas de suas recordações quando trabalhou no colégio, ela contou que: “tive alunos maravilhosos ali, inclusive um deles veio a estudar na IFPR com meu filho. Hoje ele é engenheiro, está lá em Pernambuco.”<sup>117</sup>

L. S. continuou contando sobre o reencontro com seu ex-aluno do colégio Bento: “meu filho ia de van pro IFPR e quando a van abriu eu vi ele lá dentro e ele falou pro meu filho ‘eu não acredito, você é filho da professora Leila’ e desceu pra me abraçar! Ver hoje ele formado, são coisas que você volta lá no tempo, muito bom.”<sup>118</sup>

Sobre as atividades realizadas no colégio a ex-professora L. S. relatou que: “eu trazia muitas aulas práticas, então eles eram bem participativos, ficavam literalmente encantados, bem legal assim, até me emociona em falar.”<sup>119</sup>

Finalizando seu relato L. S. contou sobre alguns momentos marcantes

lembro que levei alguns alunos para conhecer o patrimônio histórico da nossa cidade e o passeio culminou em comer pastel no mercado, foi muito bom. Algo assim, que foi bem legal na escola, foi a questão de trabalhar o dia da consciência negra, os professores sempre procuraram dar o melhor de si e foram feitos trabalhos e exposições maravilhosas dentro da escola.

A ex-professora L. S. compartilhou algumas fotografias das atividades feitas sobre a consciência negra dentro da escola, como é possível observarmos na Figura 42.

---

<sup>117</sup> Entrevista realizada pela autora em setembro de 2024.

<sup>118</sup> *Idem.*

<sup>119</sup> *Idem.*

FIGURA 42 – FOTOS DA OFICINA DE TURBANTES REALIZADA NAS ATIVIDADES SOBRE A CONSCIÊNCIA NEGRA



FONTE: Leila (2017)

A ex-aluna C. S. relatou lembranças que coincidem com algumas recordações da professora Leila.

C. S. contou “estudei até 2019. [...] Lembro que fiz uma apresentação com o professor Vinicius de Arte, sobre as danças africanas no Dia da Consciência Negra e, da feira de Ciências que sempre fazíamos com a professora Michele.”<sup>120</sup>

Continuando seus relatos C. S. disse que: “lembro que já visitamos o Porto de Paranaguá e Matinhos na feira de Ciências. Os professores eram muito gentis e amorosos com os alunos, tenho ótimas lembranças e muito carinho por todos.”<sup>121</sup>

Finalizando seu relato, C. S. completou dizendo que: “eu gostava muito de jogar vôlei na quadra. Ainda ficávamos para o almoço no projeto Mais Educação. Fiz muitos amigos que carrego até hoje, professoras que são minhas amigas e clientes.”<sup>122</sup>

A atividade mencionada pela ex-aluna no dia da Consciência Negra vai ao encontro das lembranças partilhadas pela ex-professora sobre a mesma data.

A Feira de Ciências lembrada pela ex-aluna acontece atualmente e chama-se Expobento, dessa feira que ocorre na escola, muitos trabalhos saem para serem

<sup>120</sup> Entrevista realizada pela autora em janeiro de 2025.

<sup>121</sup> *Idem.*

<sup>122</sup> Entrevista realizada pela autora em janeiro de 2025.



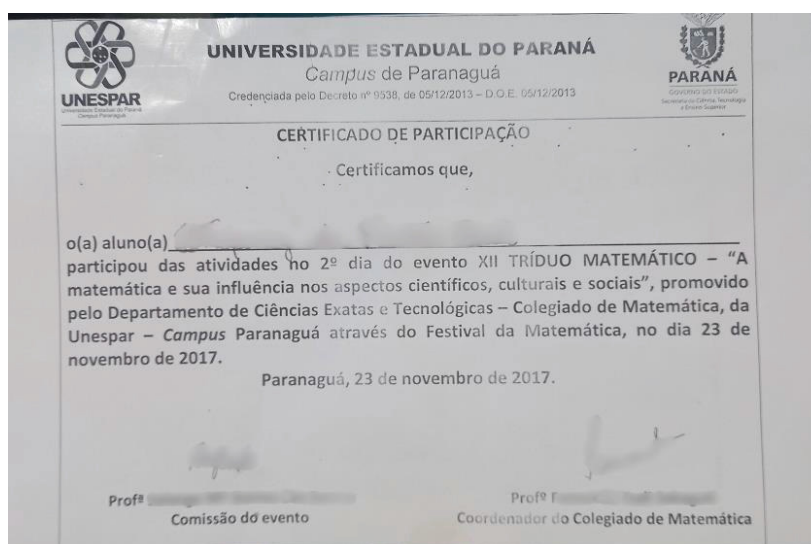
apresentados na feira que ocorre em Matinhos, na UFPR litoral, e alguns já foram apresentados na UNESPAR, em Paranaguá.

A ex-aluna S. R. compartilhou um certificado de apresentação de trabalho na UNESPAR, Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranaguá, como mostra a Figura 43.

Sobre a imagem, ela explicou que

a Expobento 2017 foi sobre ‘A Matemática está em tudo’, falamos sobre a Matemática na água, o grupo era composto por três pessoas e depois da apresentação na escola ficamos em primeiro lugar e fomos apresentar o trabalho no Campus da UNESPAR com o qual ganhamos esse certificado que ficou de lembrança com o grupo.<sup>123</sup>

FIGURA 43 – CERTIFICADO DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO NA UNESPAR – PARANAGUÁ



FONTE: Sthefany (2017)

A ex-aluna C. S. também compartilhou uma fotografia da sua turma no nono ano, tirada na escola, em 2019, como mostra a Figura 44.

<sup>123</sup> Entrevista realizada pela autora em outubro de 2024.

FIGURA 44 – FOTO DA TURMA DE NONO ANO NO COLÉGIO BENTO



FONTE: Camille (2019)

Atrás, à direita da fotografia compartilhada pela aluna, é possível observar o painel do “Centro de Memórias” da escola, um painel interativo que, quando inaugurado, recebeu uma reportagem feita pelo jornal local, como podemos observar na Figura 45.

FIGURA 45 – REPORTAGEM DE JORNAL SOBRE A INAUGURAÇÃO DO CENTRO DE MEMÓRIAS NO COLÉGIO BENTO



FONTE: Folha do Litoral de 03/09/2018 – versão digitalizada. Disponível em <https://folhadolitoral.com.br/colunistas/coluna-do-guru/inaugurado-o-centro-de-memorias-do-colegio-estadual-bento-munhoz-da-rocha-neto/>

Finalizando as lembranças relacionadas à década de 2010, o ex-aluno G. H. contou “estudei até 2022, [...] até o terceiro ano do ensino médio. Participei da Expobento e lembro do dia que fomos para a UFPR Litoral, em Matinhos, e apresentei um trabalho sobre compostagem relacionado a uma composteira doméstica.”<sup>124</sup>

Quando indagado sobre suas recordações sobre as relações entre os estudantes, G. H. disse que

Era difícil, principalmente lá por meados de 2016, pois no início eu não sabia diferenciar brincadeira de zoação, então foi difícil nos primeiros anos, mas no ensino médio fui melhorando essas questões sociais. Me recordo do apoio, principalmente dos professores Everton e Marçal e sou grato ao meu amigo Luis por ter me incentivado a ingressar na universidade, íamos a pé pro SESC no curso pré-vestibular, hoje em dia ele faz licenciatura em Matemática e eu faço administração de empresas na UNESPAR – Campus de Paranaguá.<sup>125</sup>

Os relatos e lembranças desta década guardam atividades dentro e fora do ambiente escolar, como os passeios, apresentações e a feira de ciências, que acompanha a escola a muito tempo, com a mudança de nome de Expoben para Expobento.

Para a próxima e última década, ainda não finalizada, os relatos e documentos encontrados em estado de arquivo familiar guardam recordações que dão continuidade às lembranças aqui evidenciadas.

#### 4.2.7 Década de 2020

As recordações que iniciam esta década, em andamento, coincidem com um momento em comum, passado a nível mundial, a pandemia do Covid-19.

Assim, a lembrança que começa estes anos é a continuação do relato do ex-aluno G. H. Quando indagado sobre recordações a respeito de atividades realizadas, o aluno contou que “teve até um dia que participei remotamente da Expobento, na época da pandemia, com trabalho sobre a representatividade negra no universo do psychedelic trance.”<sup>126</sup>

Durante a pandemia, com as aulas acontecendo remotamente, a feira de ciências, Expobento ocorreu também de maneira remota, como lembra o ex-aluno.

<sup>124</sup> Entrevista realizada pela autora em janeiro de 2025.

<sup>125</sup> *Idem*.

<sup>126</sup> Entrevista realizada pela autora em janeiro de 2025.

Na Figura 46 observamos a imagem do cartaz de divulgação da feira online e a página da feira na rede social Instagram.

FIGURA 46 – POSTAGEM DE DIVULGAÇÃO DA FEIRA DE CIÊNCIAS EXPOBENTO-ON E PERFIL DE PUBLICAÇÃO DOS TRABALHOS DA FEIRA NO INSTAGRAM



FONTE: Expo.bento (Instagram) 2020 Disponível em <https://www.instagram.com/expo.bento/>

Devido a pandemia e a suspensão das aulas no modelo presencial, iniciou-se em 2020 a modalidade de aula virtual através da plataforma Google Meet. Alguns projetos que já estavam sendo desenvolvidos no colégio tiveram continuidade dentro dessa modalidade, como vemos na Figura 47 através da reportagem.

FIGURA 47 – REPORTAGEM SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO PET SAÚDE DURANTE A PANDEMIA



FONTE: Folha do Litoral de 17/09/2020 – versão digitalizada. Disponível em <https://folhadolitoral.com.br/editorias/cidadania/projeto-pet-saude-oferece-melhor-qualidade-de-vida-aos-estudantes-do-colegio-bento-rocha/>

Na Figura 48 é possível observarmos a fotografia da tela de uma aula de História, em maio de 2021, durante as aulas virtuais devido a pandemia.

FIGURA 48 – FOTO DA TELA DO COMPUTADOR EM AULA DE HISTÓRIA ATRAVÉS DA PLATAFORMA GOOGLE MEET



FONTE: A autora (2021)

O ex-aluno R. F. finalizou seus estudos no colégio nesta época, em seus relatos disse que “tenho muitas recordações em relação às atividades e



apresentações, principalmente em datas comemorativas nas quais o colégio era sempre decorado e sempre podíamos juntar os amigos e professores para poder se divertir.<sup>127</sup>

R. F. ainda contou: “me recordo dos passeios no cinema, teatro, museu, parque aquático. As atividades extracurriculares que pude fazer graças ao colégio foram de muita ajuda para o meu desenvolvimento como profissional e como pessoa.”<sup>128</sup>

E como uma recordação marcante da sua vivência escolar no Bento, R. F. contou que

Minha recordação mais marcante, sem dúvidas foi em 2021, quando em conjunto, a sala inteira do 3º A fez uma pintura em uma das paredes do colégio, onde pintamos a representação da luta contra o racismo e, como uma inspiração para a pintura optamos por uma amiga muito querida por todos. O colégio foi um grande preparador para a vida, nos preparou para sermos adultos responsáveis, profissionais e respeitosos.<sup>129</sup>

O ex-aluno R. F. compartilhou uma fotografia, postada no Facebook, da pintura feita em conjunto com a turma, relatada por ele em suas recordações.

FIGURA 49 – FOTO DE ATIVIDADE DE PINTURA REALIZADA NO COLÉGIO



FONTE: Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto (Facebook) 2021 Disponível em <https://www.facebook.com/colegioestadualbentomunhozdarochaneto/photos/pb.100042749155172.-2207520000/6925633804114157/?type=3>

<sup>127</sup> Entrevista realizada pela autora em janeiro de 2025.

<sup>128</sup> *Idem.*

<sup>129</sup> *Idem.*



A ex-aluna M. C., estudante do colégio Bento durante este período contou sobre algumas de suas recordações, dizendo que “[...] tenho recordações, especialmente da Expobento, que em todos os anos passávamos para a segunda fase, o dia da Consciência Negra, onde realizávamos pesquisas e apresentações.”<sup>130</sup>

Sobre a feira de ciências, M. C. ainda relatou que: “a Expobento foi marcante, em cada stand aprendíamos coisas novas pelo próprio desempenho dos alunos, era uma experiência surreal, sempre nos empenhávamos para ir para a segunda fase.”<sup>131</sup>

Quando indagada sobre a representação da escola para a sua formação como um todo, a ex-aluna disse que “o colégio foi mais que um lugar de estudos, aprendi coisas fundamentais, desenvolvi o pensamento crítico, a confiança em mim mesma [...]. Descobri meus interesses, superei desafios e cresci como pessoa.”<sup>132</sup>

A ex-aluna M. C. compartilhou uma fotografia da sua formatura do Ensino Médio pelo colégio Bento, como mostra a Figura 50.

FIGURA 50 – FOTO DE FORMATURA DO ENSINO MÉDIO PELO COLÉGIO



FONTE: Manuella (2022)

A ex-aluna G. M. também relatou em algumas de suas lembranças recordações das mesmas atividades mencionadas pela ex-aluna M. C.

---

<sup>130</sup> *Idem.*

<sup>131</sup> Entrevista realizada pela autora em janeiro de 2025.

<sup>132</sup> *Idem.*

Em seu relato, G. M. contou: “o que me marcou foi a Expobento, participei de praticamente todas. A segunda fase sempre era fora da escola, na maioria das vezes era na praia e eu já fui uma vez.”<sup>133</sup>

G. M. finalizou seu relato continuando a falar sobre a Expobento, enfatizando que: “era algo diferente, eu não tinha visto ainda em outro colégio e isso me ajudou na parte de lidar com as pessoas, eu sempre fui muito comunicativa, mas a escola ajudou por conta de apresentações onde tinha que falar em público.”<sup>134</sup>

As recordações das alunas remetem à feira de ciências, chamada Expobento e a segunda fase relatada pela aluna ocorre até os dias atuais na UFPR Litoral. Os trabalhos apresentados na escola são avaliados pelos professores e convidados, e os classificados são apresentados na feira que ocorre na Universidade, no município de Matinhos.

A Figura 51 mostra a apresentação dos trabalhos desenvolvidos na Expobento que passaram para a segunda fase e foram para a feira na UFPR Litoral.

FIGURA 51 – APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS DA FEIRA DA UFPR LITORAL – 2023



FONTE: A autora (2023)

O ex-aluno L. P. compartilhou recordações sobre o tempo em que esteve no colégio Bento, dizendo que “me recordo das feiras de ciências que aconteciam no

<sup>133</sup> Entrevista realizada pela autora em janeiro de 2025.

<sup>134</sup> *Idem.*

Bento, chamadas de Expobento. Havia também eventos como os da Consciência Negra que sempre tinham apresentações relacionadas a cultura negra.”<sup>135</sup>

L. P. também mencionou que: “lembro o quão simpáticos eram os professores, Alceu e Marçal, ambos professores de Educação Física, sempre com brincadeiras sadias entre os alunos e motivando bastante a gente.”<sup>136</sup>

Em seu relato, L. P. recordou do período pandêmico vivido por todos, contando que: “mesmo em época de pandemia, os profissionais do colégio se empenhavam, correndo atrás e melhorando o colégio, também na entrega dos kits de comida para famílias de alunos que possuíam alguma dificuldade.”<sup>137</sup>

Quando perguntado sobre a importância do colégio para a sua formação, o ex-aluno contou que

O colégio teve grande importância na minha formação, eu via que algumas pessoas levavam o colégio como algo que você vai ali em determinado horário, estuda e pronto, vida que segue; não, não, os professores ali mudaram minha vida, sempre me ensinando coisas novas, disciplina e responsabilidade. Já fui várias vezes no colégio ajudar em alguma coisa, como ajudar a pintar, ajudar a entregar as cestas para as famílias, ajudar a entregar o leite, entre outras coisas. O colégio Bento me fez ser uma pessoa melhor, pois vim de um ambiente rodeado de violência e drogas e, atualmente, graças ao colégio, estou no 3º ano da faculdade de Matemática – licenciatura e há dois anos trabalhando na Cattalini, sem contar que o colégio também me proporcionou bolsa gratuita de curso técnico por dois anos que me ajudou bastante. Quero, sempre que tiver oportunidade, retribuí-los por tudo que fizeram por mim.<sup>138</sup>

A Figura 52 retrata uma postagem na página do colégio, no Facebook, mostrando alguns trabalhos desenvolvidos pelos estudantes do colégio durante as atividades pertinentes à Consciência Negra, como lembraram alguns estudantes que relataram recordações de atividades.

---

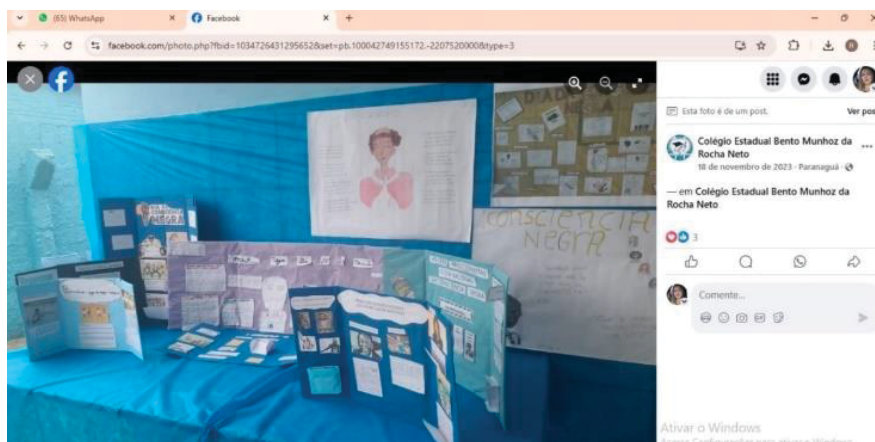
<sup>135</sup> Entrevista realizada pela autora em janeiro de 2025.

<sup>136</sup> *Idem.*

<sup>137</sup> *Idem.*

<sup>138</sup> *Idem.*

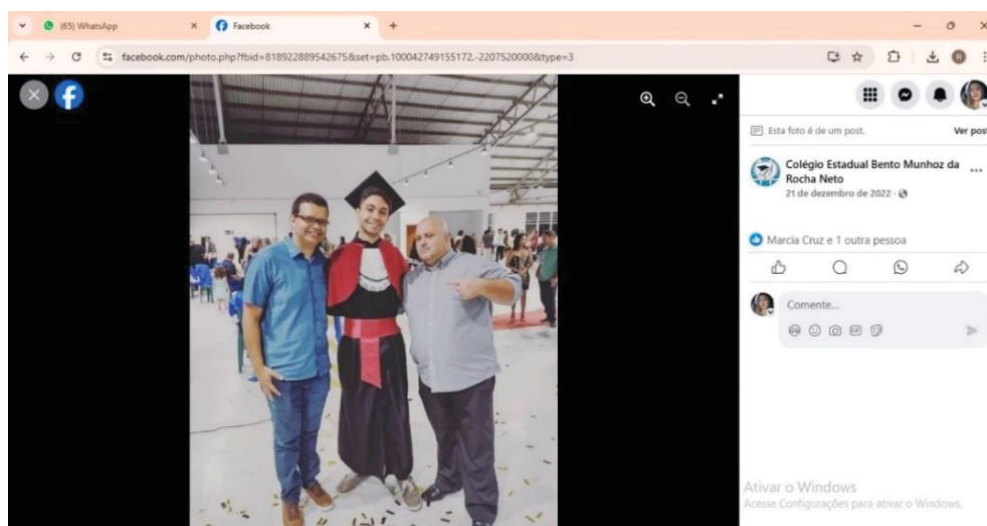
FIGURA 52 – POSTAGEM NO FACEBOOK: TRABALHOS DESENVOLVIDOS NO COLÉGIO SOBRE A CULTURA AFROBRASILEIRA



FONTE: Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto (Facebook) 2023 Disponível em <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1034726431295652&set=pb.100042749155172.-2207520000&type=3>

Na página da escola no Facebook foram postadas fotografias da formatura do ex-aluno L. P. Na Figura 53 é possível observar uma destas fotografias. Ao lado do aluno estão o diretor e vice-diretor do colégio.

FIGURA 53 – POSTAGEM DE FOTOGRAFIA DE FORMATURA DO ENSINO MÉDIO NA PÁGINA DO FACEBOOK DO COLÉGIO



FONTE: Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto (Facebook) 2022 Disponível em <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=818922889542675&set=pb.100042749155172.-2207520000&type=3>

Os relatos e arquivos familiares sobre o Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto se encerram por aqui.

Esta trajetória, evidenciada pelas pessoas que conviveram nas dependências do Colégio ao longo dos anos, mostra que os documentos encontrados em estado de arquivo familiar e os relatos guardados nas memórias dos indivíduos, quando reunidos, podem revelar uma História viva, cheia de movimento, de acontecimentos comuns e particulares.

Sabemos que o dia a dia de uma instituição escolar é permeado por diferentes situações, conflitos e adversidades, com acontecimentos negativos, muitas vezes. No entanto, foi possível perceber, através das memórias aqui evidenciadas, que as pessoas tendem a relatar as boas lembranças vividas, os momentos que marcaram positivamente suas memórias.

Muitos participantes agradeceram a motivação decorrente da pesquisa, em buscar em suas memórias lembranças adormecidas ou buscar em seus documentos, evidências que remetem a momentos nostálgicos de sua vida escolar.

Foi perceptível a falta de documentos encontrados em estado de arquivo familiar que evidenciassem as atividades ou os momentos vividos dentro das salas de aula do Colégio. Um fator importante que nos leva a refletir sobre a importância de registrar não só as atividades que ocorrem fora da sala de aula, mas também aquelas que acontecem diariamente no ambiente escolar.

A História aqui revelada, reunida com base em diversas vivências marcantes, pode agora propiciar aos estudantes atuais do Colégio Bento o contato com a História da sua escola, muitas vezes da sua localidade, dos seus parentes também.

Por isso, baseado neste capítulo, foi produzido um material didático que consiste em um E-book, um livro eletrônico, com visual didático voltado para o trabalho com os estudantes nas aulas de História. Este material encontra-se em anexo ao final da dissertação.

Para torná-lo mais dinâmico para a utilização dos estudantes, o conteúdo sobre a História do Colégio com base nas entrevistas, documentos em estado de arquivo familiar e da escola, foi sintetizado, recebendo um design mais atrativo, reduzindo o número de páginas, mas evidenciando como um todo a essência da pesquisa.

O trabalho com este material didático pode propiciar aos estudantes entender as transformações e mudanças ocorridas ao longo da existência da escola, através

da leitura e observação de imagens retratadas pelas pessoas de sua convivência, tornando esta História mais rica, mais viva, mais significativa.

No trabalho com a História Local, os documentos encontrados em estado de arquivo familiar podem auxiliar na evidência de acontecimentos, na complementação de fatos, na desconstrução de narrativas dominantes.

Em seu trabalho com arquivos e ensino de História, o autor Ivo Matozzi (2009) evidencia os benefícios oferecidos pela História Local

a descoberta do valor cognitivo das histórias locais em relação à história geral;- a consciência de que não existe lugar que não possa ser objeto interessante de estudos históricos;- a capacidade de compreender que cada história local é entrelaçada com os processos históricos gerais;- a capacidade de compreender que os processos históricos gerais se compõem da multiplicidade das histórias locais;- o crescimento do conhecimento da região que funciona como quadro de referência espacial;- o aumento de interesse cívico na gestão de problemas locais. (Matozzi, 2009, p.331)

Estes benefícios não se podem esperar somente do ensino geral de História. Isso enfatiza a certeza de que a História Local deveria ser realizada a qualquer nível escolar. No entanto, a dificuldade em relação aos materiais adequados para a efetivação de um ensino inteligente da História Local, acaba colocando um distanciamento na realização dessa prática docente. “Claro que a história local é uma coisa boa! Mas se os professores não dispõem de instrumentos, arquivar a história local torna-se uma utopia.” (Matozzi, 2009, p. 332)

Assim, o E-book produzido como resultado da pesquisa realizada através desta dissertação, tem o papel de proporcionar aos professores um material onde estão arquivados documentos que evidenciam a História Local proveniente do bairro, do Colégio, do espaço escolar presente nas diversas memórias que auxiliaram nesta produção.

A História aqui revelada, tanto no corpo da dissertação, como no material didático, evidencia os laços de identidade da comunidade, de pertencimento, de afeto pelo local de vivência.

Como afirmam Schmidt e Cainelli (2009, p. 66) “um dos principais significados apontados para a aprendizagem histórica é transformar informações em conhecimentos...” As autoras elucidam esta explicação utilizando o conceito de *literacia histórica*, que compreende que o objetivo do ensino da História é levar os métodos, os procedimentos, os conteúdos, os temas e as técnicas utilizadas pelo



historiador até a população, não no sentido de transformar todos em historiadores, mas no sentido de ensinar a pensar historicamente.

O desenvolvimento desta pesquisa e a construção do material didático tem o intuito de proporcionar este desenvolvimento não só da aprendizagem histórica dos estudantes, mas também do conhecimento metodológico por parte do professor, no intuito de auxiliar a aprimorar a sua prática docente.

Entrementes, é importante destacar que a concepção que norteia esta pesquisa parte da História Social aqui explorada com vistas ao desenvolvimento do ensino de História. Assim, nas palavras de Fenelon, podemos observar que

Para o ensino, a História Social ofereceu a possibilidade de substituir perspectivas exclusivamente lineares de uma história contínua e factual, proporcionando ocasião para o surgimento de propostas e estudos temáticos, nem sempre entendidos e aceitos, mas de reconhecida validade, para quantos pretendam desenvolver, em seus alunos, habilidades incontestáveis quanto à formação do raciocínio e do pensar históricos.” (Fenelon, 1993, p.76)

No artigo *Cultura e História Social: historiografia e pesquisa*, Déa Ribeiro Fenelon (1993) também expressa que, nessa legitimação de novas áreas de investigação proporcionadas pela História Social, foi trazida à tona a variedade de registros documentais que possibilitaram investigações antes consideradas inviáveis pela inexistência de fontes.

E, ao explorar estes registros documentais em sala de aula, é necessário destacar as colocações de Schmidt e Cainelli (2009, p.117) que evidenciam que “o trabalho com o documento histórico em sala de aula exige do professor que ele próprio amplie sua concepção e o uso do próprio documento.”

As autoras elucidam que o professor não deve se restringir somente ao documento escrito, mas inserir o aluno na compreensão de outros tipos de documentos, como os iconográficos, as fontes orais, os testemunhos da história local, utilizando também, as linguagens contemporâneas como a informática, a fotografia, o cinema. (Schmidt e Cainelli, 2009)

Assim, os documentos não serão vistos como o fim em si mesmos, mas como motivadores de problematizações e perguntas de alunos e professores, na busca por estabelecer um diálogo entre o presente e o passado, a partir do conteúdo histórico ensinado. (Schmidt e Cainelli, 2009)

As colocações acima explicitadas tornam evidente a importância do uso do documento histórico em sua pluralidade em sala de aula, proporcionando a professores e estudantes, pensar, de fato, historicamente.

As colocações de Fernandes (2017) reforçam a importância do documento em sua diversidade como potencial material pedagógico no trabalhado em sala de aula. A autora menciona que

Como material pedagógico, textos, fotos, mapas ou objetos passam a ter funções diferentes da sua finalidade original, mas é importante que suas metamorfoses sejam conhecidas e trabalhadas nas situações de ensino, para que não fiquem esvaziados de seus percursos e significados sociais. Aliás, como obras sociais e culturais, esses materiais possuem grandes potencialidades educativas porque, por meio deles, é possível: cultivar procedimentos de pesquisa; explorar métodos de coleta de dados; desenvolver atitudes questionadoras para aprender a interrogar obras, seus usos e suas mensagens; indagar suas relações com indivíduos, grupos, locais e sociedades; interpretar discursos; analisar representações; entre outras possibilidades. (Fernandes, 2017, p. 296)

Os documentos recolhidos no processo de desenvolvimento desta pesquisa resultaram na construção do E-book, material didático que pode possibilitar grandes potencialidade educativas.

Assim, baseado na concepção da História Social, com o objetivo de desenvolver a aprendizagem histórica e possibilitar o estudo de diferentes fontes, o material didático aqui produzido fornece aos estudantes o contato com documentos sobre a sua realidade que não são encontrados nos livros didáticos. Por isso, os autores Lia, Costa e Monteiro (2013, p. 44), afirmam que “quanto mais carente é um determinado assunto de informações nos materiais didáticos, mais interessante é a proposta de produzir sobre o mesmo.”

Os professores que fizerem uso do material didático em suas aulas podem encontrar aqui, no quarto capítulo da dissertação, um aprofundamento com mais discussões e informações acerca da História revelada pelos olhos da comunidade escolar, a História viva do Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho “O Ensino de História e o Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto (Paranaguá-Pr): entre a História contada e a História revelada pelos olhos da comunidade escolar”, traçou um estudo que buscou evidenciar a construção da história do Colégio através das memórias e documentos em estado de arquivo familiar de ex-funcionários, ex-alunos e ex-professores, pessoas que tiveram alguma relação com este local ao longo de suas vivências.

O título do trabalho faz menção entre a História contada, aquela encontrada nos documentos oficiais, conhecida e repassada entre os interessados, e a História revelada, aquela até então guardada nas memórias, nos álbuns, nas gavetas, em caixas, no próprio acervo da escola, evidenciadas aqui por meio das entrevistas, relatos, dos documentos em estado de arquivo familiar e do acervo de fotografias da própria Escola.

Assim, a História que poderia ser revelada pelas memórias da comunidade e por seus arquivos familiares motivou os estudos e pesquisas decorrentes deste trabalho.

Para fundamentar e orientar esta pesquisa debruçamo-nos inicialmente, nas análises entorno da História Local, conceituando-a, localizando-a dentro da historiografia brasileira e identificando-a no Ensino de História.

Estas análises reforçaram a importância e o uso da História Local no ambiente escolar, promovendo o estudo acerca da Educação História, o campo que envolve como um todo esta pesquisa.

O trabalho também buscou o estudo sobre o desenvolvimento da Consciência Histórica, com vistas a uma aprendizagem histórica dos estudantes, pois, por mais que a pesquisa tenha sido construída por meio dos arquivos, sendo um trabalho historiográfico, seu desenvolvimento foi com vistas à aprendizagem histórica, cumprindo a função de socializar, de entrelaçar as fontes que contam a história do colégio para que a comunidade a conheça, e a função de contribuição para com o Ensino de História Local dentro e fora do espaço da escola.

As pesquisas que embasaram este trabalho, por si só promoveram conhecimento e reflexões acerca da prática docente pela autora, resultando em novas percepções para os caminhos percorridos dentro do Ensino de História, reflexões e percepções estas que podem ser observadas dentro desta pesquisa.

Outro motivador para o desenvolvimento da pesquisa foi a possibilidade de evidenciar, com aprofundamento, o estudo acerca de uma localidade, de um bairro, de uma Escola na qual centenas de estudantes permanecem diariamente.

Trazer à tona a escrita da História contada por diversas pessoas presentes na vivência dos estudantes, dos professores, destacando que a construção da História feita por todos, pelas pessoas comuns, torna esta história viva, rica, significativa, também impulsionou o desenvolvimento deste trabalho.

O material didático resultante desta pesquisa consiste em um E-book com o título “Colégio Bento Munhoz da Rocha Neto: Histórias guardadas e reveladas”, composto pelos relatos oriundos das entrevistas feitas com antigos alunos, funcionários e professores e as fotografias compartilhadas dos arquivos familiares, do acervo da escola, das redes sociais.

Como o 4º capítulo do trabalho, este E-book foi dividido por décadas, a partir da década de 1950 até a década atual, carregado de histórias engraçadas, emocionantes, nostálgicas.

Apesar do E-book ser o resultado deste trabalho, seu título difere do título da dissertação por entendermos que seu público-alvo é composto por professores e alunos do Ensino Fundamental II, obtendo assim, um formato voltado para o pedagógico, visto que, ao título da dissertação, ouve uma adequação ao trato acadêmico.

Diante da crescente plataformização e da dificuldade no encontro de materiais que abordem a História Local voltada para os estudantes do Fundamental II e do Ensino Médio, acreditamos que o trabalho com o E-book, decorrente desta pesquisa, possa oportunizar ao professor um recurso didático para as aulas de História um tanto quanto personalizado à realidade dos estudantes do Colégio Bento, ao explorar as fontes orais e materiais nele encontradas, proporcionando aos estudantes um estudo significativo acerca do seu local de vivência.

Este material pode proporcionar a compreensão acerca do significado da escola como local de produção do conhecimento e como local de desenvolvimento do papel social, percebendo-se que a vivência no ambiente escolar perpassa o institucional, inspirando os estudantes de hoje a perceberem a grandeza desta dimensão.

A utilização do E-book em sala de aula não necessita de um roteiro prévio sobre seu uso. As fontes nele contidas podem ser exploradas levando em

consideração a criatividade do professor e as necessidades dos estudantes, de acordo com o seu ano de estudo.

A conclusão desta pesquisa e a produção do E-book, ainda que sejam atividades que poderiam continuar sendo produzidas, diante da grande demanda de entrevistados e do passar dos anos, deixou um sentimento de satisfação com os resultados obtidos.

Ainda que o material tenha construído a História de um estabelecimento de ensino da cidade de Paranaguá, este material pode servir de apoio e exemplo para outros pesquisadores diante de outras instituições que possuem ligações com seus diversos estudantes.

Aqui, deixamos o alvorecer de uma construção histórica produzida pela reunião das memórias de diversas pessoas que, em seus anos de convívio no ambiente escolar fizeram História e revelaram suas lembranças proporcionando o conhecimento da dimensão e riqueza dessa história de significados, afetos, saudades, contada por muitos.

Através da utilização do E-book em sala de aula, os estudantes terão contato com esta produção percebendo, na prática, como todos produzimos história e como as memórias evidenciam as rupturas e permanências ao longo do tempo, as transformações pelas quais o seu bairro, a sua escola, os estudantes passaram, valorizando a História Local, a sua identidade, a noção de pertencimento, desenvolvendo assim, a sua Consciência Histórica.

## REFERÊNCIAS

- AIRES, Joares de Paula. Ensino de História do Paraná na Educação Básica durante a Primeira República (1889-1930): Entre discursos e representações. 2022. 257 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2022.
- ALBERTI, Verena. Manual de História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M. de. O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região. *Fronteiras, Dourados, MS*, v. 10, n. 17, p. 55-67, 5 jul. 2008.
- AMADO, Janaína. História e Região: reconhecendo e construindo espaços. In: SILVA, Marcos A. (org.) República em migalhas — História Regional e Local. São Paulo: Marco Zero, 1990.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos: arquivos pessoais*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998.
- BARCA, Isabel. Educação Histórica numa sociedade aberta. Currículo sem fronteiras, [S. l.] v.7, n.1, p.5-9, jan/jun. 2007.
- BARCA, Isabel. Educação Histórica: uma nova área de investigação. *Revista da Faculdade de Letras: História*. Porto: III Série. Vol. 02, p.13-21. 2001.
- BARROS, José D'Assunção. A História Social: seus significados e seus caminhos. LPH – Revista de História da UFOP, n.15, 2005.
- BARROS, José D'Assunção. História Local e História Regional - A Historiografia do pequeno espaço. *Revista Tamoios, São Gonçalo*, v. 18, n. 2, p. 22-53, jul./dez. 2022.
- BATISTELLA, Alessandro. O paranismo e a invenção da identidade paranaense. *Revista Eletrônica História em Reflexão: UFGD – Dourados*. Vol. 6, n. 11, jan/jun. 2012.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2008.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar. 370 f. Tese de Doutorado, Departamento de História FFLCH-USP, São Paulo, 1993
- BOURDIN, Alain. A questão local. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.



BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. MEC/SEF. Parâmetros Curriculares Nacionais: História, Geografia. Brasília: 1997.

CAMARGO, Geraldo Leão Veiga de. Paranismo: Arte, ideologia e relações sociais no Paraná. 1853 – 1953. 2007. 213 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Curitiba, 2007.

CERRI, Luis Fernando. Ensino de História e Consciência Histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

CRUZ, Márcia Elizandra Xavier da. A Ecopedagogia e o Ensino das Ciências Ambientais na comunidade escolar do Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto em Paranaguá – Pr. 2023, 83 f. Dissertação (Mestrado em Ensino das Ciências Ambientais) – Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral, Matinhos, 2023.

FENELON, Déa Ribeiro. Cultura e História Social: historiografia e pesquisa. Proj. História, São Paulo, v. 10, p. 73-90, dez. 1993.

FERNANDES, Antonia Terra de Calazans. Produção e uso do material didático. In: ALVEAL, Carmem Margarida Oliveira, FAGUNDES, José Evangelista, ROCHA, Raimundo Nonato Araújo da (orgs). Reflexões sobre História Local e Produção de Material Didático. Natal: EDUFRN, 2017.

FREITAS, Waldomiro Ferreira de. História de Paranaguá: das origens à atualidade. Paranaguá, IHGP, 1999.

GARCIA, Tânia Maria F. Braga; SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Recriando Histórias a partir do olhar das crianças. Ijuí: Editora Unijuí, 2011.

GERMINARI, Geyso. Arquivar a vida: uma possibilidade para o ensino de História. Roteiro, Joaçaba, v. 37, n. 01, p. 51-70, jan./jun. 2012.

GERMINARI, Geyso; BARBOSA, Marcos Roberto. A cognição histórica situada: expectativas curriculares e metodologias de ensino. Antíteses, Londrina, v. 5, n. 10, p. 741-760, jul/dez. 2012.

GERMINARI, Geyso; BUCZENKO, Gerson. “História Local e Identidade: Um Estudo de Caso na Perspectiva da Educação Histórica”. Revista História & Ensino, Londrina, v. 2, n.18, p. 125-142, jul/dez. 2012.

GERMINARI, Geyso. O uso metodológico de documentos em estado de arquivo familiar no Ensino de História. Curitiba: WAS Edições, 2021.

GERMINARI, Geyso, URBAN, Ana Cláudia. Educação Histórica e a contribuição na formação de professores: experiências de pesquisa. Roteiro. Joaçaba, v.4, p 1-22, jan/dez.2020.

GEVAERD, Rosi Terezinha Ferrarini. História do Paraná: A construção do código disciplinar e a formação de uma identidade paranaense. 2003, 200 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Curitiba, 2003.

GIAROLA, F. R. Uma história paulista do Brasil: identidade regional e história nacional no manual didático A Linda História de Meu País. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais – RBHCS, Rio Grande, RS, v. 13, n. 27, p. 132-148, jul./dez 2021.

GOMES, Ângela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos. Estudos históricos: arquivos pessoais, Rio de Janeiro, v. 11, N. 21, p. 121-127, 1998.

GOLÇALVES JÚNIOR, Ernani Brito. O impresso como estratégia de intervenção social: Educação e História na perspectiva de Dario Vellozo (1885-1937). 2011. 104 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Curitiba, 2011.

GONÇALVES, Márcia de Almeida. História local: o reconhecimento da identidade pelo caminho da insignificância. In: MONTEIRO, Ana Maria F. C.; GASPARELLO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (orgs). Ensino de história: sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007.

GUIMARÃES, Manoel L. S. Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 5–27, 30 jan. 1988.

IBGE. Censo Demográfico 2022: Brasil, Paraná, Paranaguá. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/paranagua/panorama> Acesso em 17 de ago. de 2025.

IPHAN. PRONAC 220245 – Marco Zero: Projetos arquitetônicos e de restauro da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário – Paranaguá. Caderno de Educação Patrimonial. Paranaguá, Inspire-C Arquitetura, Urbanismo e Patrimônio Cultural, 2024.

JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco. Historiografia, uma questão regional? São Paulo no período Republicano, um exemplo. In: SILVA, Marcos A. (org.) República em migalhas — História Regional e Local. São Paulo: Marco Zero, 1990.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.

LIA, Cristine Fortes, COSTA, Jéssica Pereira, MONTEIRO, Katani Maria Nascimento. A produção de material didático para o ensino de História. *Revista Latino-Americana de História*, Rio Grande do Sul, v. 2, n. 6, p. 40-51, ago. 2013.

LYRA, Cyro I. C. de O; PARCHEN, Rosina C. A; LA PASTINA FILHO, José. *Espiraís do tempo – bens tombados do Paraná*. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2006.

MARTINS, Marcos Lobato. *História Regional*. In: PINSKY, Carla B.(org). *Novos Temas nas aulas de História*. São Paulo, Editora Contexto, 2010, p.153- p.151.

MATTOZZI, Ivo. *Arquivos Simulados e Didática da Pesquisa Histórica: Para um sistema educacional integrado entre arquivos e escolas*. Tradução: Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schmidt. *História Revista*, Goiânia, v. 4, n. 1, p. 321-336, jan./jun. 2009. Título original: *Archivi simulati e didattica dela ricerca storica: per um sistema formativo integrato tra archivi e scuole*.

MESQUITA, Maria José; PICANÇO, Jefferson de Lima. *A cartografia primitiva da baía de Paranaguá (séculos XVI-XVII) e os limites da América portuguesa*. In: IV Simpósio Luso-brasileiro de Cartografia Histórica. Faculdade de Letras. Universidade do Porto, Porto, 2011.

NORA, Pierre. *Entre memória e História: a problemática dos lugares*. Projeto História. São Paulo. 10ª Edição, p.7-18. 1993.

PARANÁ. Secretaria Estadual de Educação. *Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto*. Projeto Político Pedagógico, 2023.

PARANÁ. Secretaria Estadual de Educação. Núcleo Regional de Paranaguá. *Setor de Documentação Escolar*, [s.d.]

PARANAGUÁ. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Educação e Ensino Integral. *Escola Municipal em tempo Integral* Leôncio Correia. Projeto Político Pedagógico, 2022

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História Regional e Transformação Social*. In: SILVA, Marcos A. (org.) *República em migalhas — História Regional e Local*. São Paulo: Marco Zero, 1990

PROCHASSON, Christophe. “Atenção: verdade! Arquivos privados e renovação das práticas historiográficas. *Estudos históricos: arquivos pessoais*, Rio de Janeiro, v. 11, N. 21, P. 105-119, 1998.

RÜSEN, Jörn. “Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão”. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão

Chaves de (org.). Jörn Rüsen e o ensino de História. Curitiba: Editora da UFPR, 2010, p.23-40.

RÜSEN, Jörn. Razão Histórica: teoria da História: fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

SADDI, Rafael. Didática da História como sub-disciplina da Ciência Histórica. História e Ensino, Londrina, v. 6, n. 1, p. 61-80, 2010.

SAMUEL, Raphael. "Documentação – história local e história oral". Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 9, n. 19, p. 219-243, set. 1989/fev. 1990.

SANTOS, Edilene Maria Leite dos. Caminhos do Ensino de História para as turmas de 1ª a 4ª séries das escolas municipais de Curitiba-Pr: dos Estudos Sociais ao currículo básico (1975-1988). 2023. 183 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Curitiba, 2023.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Caderno de História: O uso escolar do documento histórico. Curitiba, UFPR/PROGRAD, 1997.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. História do Ensino de História no Brasil: uma proposta de periodização. Revista História da Educação, Rio Grande do Sul, v. 36, n. 37, p. 73-91, mai/ago. 2012.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. Ensinar história. São Paulo: Scipione, 2004.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. Ensinar história. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2009.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. O historiador e a pesquisa em Educação Histórica. Educar em Revista, Curitiba, v. 35, n. 74, p.35-53, mar./abr. 2019

SILVA, Alcíia Mariani Lucio Lendes da. A Lei 5.692/71 e o Serviço de Orientação Educacional do CEP. In: GONÇALVES, Nadia G., RANZI, Serlei M. F. (orgs). Educação na ditadura civil-militar: políticas, ideários e práticas (Paraná, 1964-1985). Curitiba: Ed. UFPR, 2012, p. 43-50.

SILVA, Rogério Chaves da. Matriz disciplinar de Jörn Rüsen: uma reflexão sobre os princípios do conhecimento histórico. Revista Outros Tempos, Tocantins, v.8, n. 11, 2011.

SUKOW, Nikita M. História Local como um pressuposto epistemológico da didática da História: um estudo a partir da perspectiva da Educação Histórica. 2019. 210 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Curitiba, 2019.

SUKOW, Nikita M; URBAN, Ana Cláudia. Didática da História e História Local: uma contribuição para o debate na Educação História. In: BRITO, Glaucia da Silva (org). Cultura, escola e processos formativos em Educação: percursos metodológicos e significados. Rio de Janeiro: Business Graphics Editora, 2020, p. 43-58.

THOMPSON, Paul. A voz do passado – História Oral. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

TOLEDO, M. Leopoldina Tursi. “História Local, historiografia e ensino: sobre as relações entre teoria e metodologia no ensino de História”. Revista Antíteses, Londrina, v.3, n.6, p.743-758, jul./dez.2010.

## **APÊNDICE - A**

### **INSTRUMENTO DE PESQUISA – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA**

**OBJETIVO:** Levantar memórias e relações estabelecidas entre os entrevistados e a escola

**INTRODUÇÃO:** De acordo com Barros (2022) o local pode ser entendido como um simples ponto cartografável em um mapa, sem atribuição de sentido ou significado, um mero ponto mapeável. Já um lugar é a transformação do local a partir da atribuição de sentidos a ele por alguém, um lugar é significativo, nomeado, singular. Diante disso, este estudo busca evidenciar o Colégio Bento Munhoz da Rocha Neto como um lugar, dotado de sentidos e significados para as pessoas que, com ele, possuem alguma relação.

#### **PARTICIPANTES: Ex-funcionários do Colégio Bento Munhoz da Rocha Neto**

1 – Em que década ou durante qual período você trabalhou no Colégio Bento Munhoz da Rocha Neto em Paranaguá? Quais funções desenvolveu?

2 – Que recordações você possui em relação às dependências da escola, o espaço físico?

3 – Que recordações você possui em relação aos funcionários, a comunidade escolar ou aos estudantes durante o período em que você trabalhou na instituição?

4 – Você participou de alguma atividade com a escola fora das suas dependências? Como passeios, aulas de campo, atividades extracurriculares, acompanhamento de estudantes? Se sim, como foi?

5 – Gostaria de contar sobre alguma lembrança que possui em relação a sua vivência na escola?

#### **PARTICIPANTES: Ex-alunos do Colégio Bento Munhoz da Rocha Neto**

1 – Em que década ou em qual período você estudou no Colégio Bento Munhoz da Rocha Neto, em Paranaguá? Em quais séries?

2 – Durante o período no qual você estudou na escola, você recorda como era seu espaço físico? Como eram as salas de aulas, pátio, refeitório, quadra, possui alguma lembrança em relação a isto?



3 – Você tem lembrança de atividades que você realizou dentro da escola como atividades em sala de aula, apresentações, datas comemorativas?

4 – Você tem lembrança de alguma atividade que você realizou pela escola, mas fora do ambiente escolar, como passeios, aulas de campo, visitas guiadas, atividades extracurriculares? Como foi?

5 – De modo geral, como eram as relações entre os estudantes durante o período no qual você estudou na instituição?

6 – Que recordação você tem, como mais marcante, em relação ao colégio?

7 – O que você acha que a escola representou para a sua formação como um todo?

**PARTICIPANTES: Moradores antigos do bairro onde a escola se encontra ou já esteve**

OBJETIVO: Coletar informações relevantes sobre as mudanças e transformações pelas quais a escola passou.

1 – Desde que ano ou década você mora no bairro?

2 – Da época em que começou a morar no bairro, até os dias atuais, é possível perceber transformações relevantes no entorno da escola?

3 – No local onde a escola está atualmente, existia outra construção?

4 – Você lembra da época na qual a escola foi inaugurada no bairro? De lá pra cá, que mudanças foram possíveis de perceber no prédio físico da escola?

5 – Você acha que a escola teve e tem papel importante para os moradores do bairro?

**APÊNDICE - B**

**INSTRUMENTO DE PESQUISA – FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO DOCUMENTO EMPRESTADO**

Tipo de documento:

\_\_\_\_\_

Ano ou década na qual foi produzido:

\_\_\_\_\_

De quem foi coletado:

\_\_\_\_\_

Contato do proprietário do documento:

\_\_\_\_\_

Informações relevantes sobre este documento:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Data da coleta: \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ /2024

## APÊNDICE C

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: Uma construção da História do lugar: O Colégio Bento Munhoz da Rocha Neto de Paranaguá-Pr pelos olhos da comunidade escolar

Pesquisador/a responsável: Prof. Dr. Ana Cláudia Urban

Pesquisador/a assistente: Profª Renata Fernandes Neves

Local da Pesquisa: Universidade Federal do Paraná

Endereço: Rua XV de Novembro, Centro – Curitiba-Pr

Você está sendo convidado/a a participar de uma pesquisa. Este documento, chamado “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” visa assegurar seus direitos como participante da pesquisa. Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para tirar suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou depois de assiná-lo, você poderá buscar orientação junto a equipe de pesquisadores. Você é livre para decidir participar e pode desistir a qualquer momento, sem que isto lhe traga prejuízo algum.

A pesquisa intitulada Uma construção da História do lugar: O Colégio Bento Munhoz da Rocha Neto de Paranaguá-Pr pelos olhos da comunidade escolar, tem como objetivo Construir a História da Escola a partir das memórias, arquivos familiares e experiências dos sujeitos que com ela se relacionaram e relacionam.

Participando do estudo você está sendo convidado/a a: responder uma entrevista com perguntas relacionadas à sua vivência na escola Bento Munhoz da Rocha Neto e/ou contribuir com o empréstimo de documentos em estado de arquivo familiar, juntamente com uma descrição sobre o documento, como no caso de fotografias ou objetos, informando a época e sua relação com as memórias escolares. Ressaltando que, no caso do empréstimo de documentos, eles serão digitalizados ou fotocopiados e devolvidos aos proprietários em pleno estado de conservação.

#### **Desconfortos e riscos:**

- i) Desconfortos e riscos: podem ocorrer por meio de constrangimentos em relação as perguntas das entrevistas, ofensa e/ou difamação de terceiros mencionados durante a entrevista, ou medo relacionado a publicação de documentos pessoais na pesquisa;
- ii) Providências e cautelas: No intuito de minimizar e precaver os riscos, será realizado o esclarecimento dos objetivos da pesquisa, destacando a garantia de confidencialidade aos participantes. No caso de risco ou desconforto, havendo ofensa ou difamação, tais dados não serão utilizados na pesquisa, não sendo publicados. No caso de constrangimento, haverá a possibilidade de recusa a responder alguma pergunta da entrevista e a liberdade em interromper a participação na entrevista e, no caso de medo relacionado a publicação dos documentos pessoais, o participante tem a liberdade de optar por não ser identificado, tendo sua imagem ou qualquer informação de identificação borrados, da mesma maneira que serão borrados com recurso digital as faces de terceiros presentes nas fotografias coletadas. E ainda, a indenização por dano decorrente da pesquisa nos termos da lei.
- iii) Forma de assistência e acompanhamento: a garantia de confidencialidade aos participantes da pesquisa, tendo sua identidade mantida em sigilo, exceto quando houver

manifestação explícita em sentido contrário e indenização de dano decorrente da pesquisa nos termos da Lei.

iv) **Benefícios:** os benefícios aos participantes da pesquisa poderão ser observados após a conclusão da dissertação e também com uma exposição digital com as fontes recolhidas durante o desenvolvimento do trabalho, evidenciando a trajetória do estabelecimento de ensino através do material produzido pela comunidade escolar, que poderá acessar e “se encontrar” na criação da História da escola, contada por ela, evidenciando que a construção da História é parte integrante da vivência de todas as pessoas, sendo importante para a noção de pertencimento, conhecimento, valorização e identidade.

Os dados obtidos para este estudo serão utilizados unicamente para essa pesquisa e armazenados pelo período de cinco anos após o término da pesquisa, sob responsabilidade do (a) pesquisador (a) responsável (Resol. 466/2012 e 510/2016).

**Forma de armazenamento dos dados:** Em arquivo físico e digital sob os cuidados do pesquisador, garantindo a confidencialidade dos mesmos e assegurando ao participante a devolução do material em perfeito estado. No caso dos documentos escritos e fotografias, logo após sua digitalização e, no caso de objetos, a devolução ocorrerá após sua utilização na pesquisa, ocorrendo esta devolução no decorrer do mês de novembro de 2024.

**Sigilo e privacidade:** Você tem garantia de manutenção do sigilo e da sua privacidade durante todas as fases da pesquisa, exceto quando houver sua manifestação explícita em sentido contrário. Ou seja, seu nome nunca será citado, a não ser que você manifeste que abre mão do direito ao sigilo.

(    ) Permito a gravação de imagem, som de voz e/ou depoimentos e a utilização dos documentos, por mim emprestados, unicamente para esta pesquisa e tenho ciência que a guarda dos dados são de responsabilidade da pesquisadora, que se compromete em garantir o sigilo e privacidade dos dados.

(    ) Não permito a gravação de imagem, som de voz e/ou depoimentos e nem a utilização dos meus documentos para esta pesquisa.

**Ressarcimento e Indenização:** As despesas necessárias para a realização da pesquisa como o transporte/deslocamento são de responsabilidade dos pesquisadores. Os participantes não terão nenhum custo ao participarem da pesquisa.

Diante de eventual despesa, você será ressarcido pelo (s) pesquisador (es). Você terá a garantia ao direito à indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.

**Resultados da pesquisa:** Você terá garantia de acesso aos resultados da pesquisa. Que poderão ser acessados após a defesa da dissertação, por meio da exposição digital dos documentos encontrados em estado de arquivo familiar que constroem a História do Colégio Bento Munhoz da Rocha Neto e serão divulgados, através da professora pesquisadora assistente, por meio de endereço eletrônico, para a comunidade escolar.

#### **Contato:**

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com o(s) pesquisador(es):

Pesquisador responsável: Profª Dr. Ana Cláudia Urban

Endereço: Rua Rockefeller, 57, Campus Rebouças – Departamento de teoria e prática de ensino DTPEN setor de Educação.

Telefone: 41 996014002

E-mail: [claudiaurban@uol.com.br](mailto:claudiaurban@uol.com.br)

Pesquisadora assistente: Profª Renata F. Neves

Tel: 41 984541649

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais do Setor de Ciências Humanas (CEP/CHS) da Universidade Federal do Paraná, rua General Carneiro, 460 – Edifício D. Pedro I – 11º andar, sala 1121, Curitiba – Paraná, Telefone: (41) 3360 – 5094 ou pelo e-mail [cep\\_chs@ufpr.br](mailto:cep_chs@ufpr.br).

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP): O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. Desempenha um papel coordenador da rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em pesquisas.

Você tem o direito de acessar este documento sempre que precisar. Para garantir seu direito de acesso ao TCLE, este documento é elaborado em duas vias, assinadas e rubricadas pela pesquisadora e pelo/a participante/responsável legal, sendo que uma via deverá ficar com você e outra com a pesquisadora

Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da UFPR sob o número CAAE nº [77448124.0.0000.0214 ] e aprovada com o Parecer número 6.897.530 emitido em 19 de junho de 2024.

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter lido este documento com informações sobre a pesquisa e não tendo dúvidas, informo que aceito participar.

Nome do/a participante da pesquisa:

---

---

(Assinatura do/a participante da pesquisa)

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

## APÊNDICE D

TABELA DE ENTREVISTAS REALIZADAS		
Entrevistados	Década na qual esteve na escola	Função na escola
S. S.	1965 / 1985	Aluno / Merendeiro
S. M.	1988 a 1990	Secretário
S. N.	Mora desde 1970 no bairro	Morador antigo
F. X.	Década de 1970 / 2012 a 2014	Morador antigo /Professor
D. C.	1977	Professor
E. F.	1977 a 1981	Professor
S. F.	1978 a 1982	Aluno
L. D.	Década de 1970 - 1980	Secretário/Professor
A. G.	Década de 1970 - 1980	Aluno
M. W.	1982 a 1989	Aluno
E. C.	1980 a 1982	Diretor
S. D.	Década de 1980	Professor
M. R.	1983 a 1985	Aluno
J. D.	1985 a 1987 / década de 1990 - 2000	Professor
S. C.	1985 a 2002	Diretor
F. P.	1985 a 1992	Aluno
B. X.	1986 a 1987	Aluno
E. D.	1987 a 1996	Aluno
F. G.	Década de 1980	Aluno
J. M.	1988 a 1995	Aluno
R. M.	1992	Aluno
F. S.	1993 a 2000	Aluno
E. A.	1990 a 1998	Aluno
J. S.	1990 a 1997	Aluno
P. N.	1994 a 2001	Aluno
W. J.	Década de 1990	Professor
L. A.	De 1994 a 1999	Professor
G. C.	1995 a 1997 / 1998 a 2002	Aluno / voluntário
R. H.	1994 a 2002	Aluno
C. L.	1990 a 2000	Presidente APM
M. M.	2004 a 2011	Aluno
V. M.	2005	Professor
I. B.	2006 a 2009	Aluno
R. C.	2007 a 2010	Professor
O. M.	2012 a 2013	Aluno
L. S.	2006 a 2017	Professor
C. S.	2015 a 2019	Aluno
G. H.	2016 a 2022	Aluno
R. F.	2014 a 2021	Aluno
M. C.	2017 a 2022	Aluno
G. M.	2016 a 2022	Aluno
L. P.	2016 a 2022	Aluno
	De ago./2024 a jan./2025	42 entrevistas/ 39 utilizadas



---

# COLÉGIO BENTO MUNHOZ DA ROCHA NETO: MEMÓRIAS GUARDADAS E REVELADAS

Renata Fernandes Neves

DÉCADAS DE HISTÓRIA NA MEMÓRIA DA  
COMUNIDADE ESCOLAR

# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO AO LEITOR.....	03
O COLÉGIO BENTO MUNHOZ DA ROCHA NETO.....	04
A HISTÓRIA REVELADA.....	08
DÉCADA DE 1960.....	09
DÉCADA DE 1970.....	10
DÉCADA DE 1980.....	14
DÉCADA DE 1990.....	23
DÉCADA DE 2000.....	30
DÉCADA DE 2010.....	40
DÉCADA DE 2020.....	49
PALAVRAS FINAIS AO LEITOR.....	59
AO PROFESSOR.....	60
REFERÊNCIAS.....	62

# QUERIDO LECTOR,



QUE TAL VIAJAR POR UMA HISTÓRIA VIVA?

UMA HISTÓRIA CONSTRUÍDA ATRAVÉS DAS DIVERSAS LEMBRANÇAS DE PESSOAS QUE GUARDARAM EM SUAS MEMÓRIAS E EM SEU CORAÇÃO AS MAIS VARIADAS VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS.

ESPERO QUE NESSA LEITURA VOCÊ SE IDENTIFIQUE COM ESSAS RECORDAÇÕES, PERCEBENDO O PODER QUE TODOS NÓS TEMOS DE CONSTRUIR UMA HISTÓRIA DE SABERES, DE SIGNIFICADOS, UMA HISTÓRIA MARCANTE E CATIVANTE.



# O COLÉGIO BENTO MUNHOZ DA ROCHA NETO

O colégio foi fundado no ano de 1953, na rua Arthur Bernardes, no bairro Vila Cruzeiro, e iniciou com o nome de “Casa Escolar Porto dos Padres”.

Em 1975 passou a chamar-se “Grupo Escolar Professor Bento Munhoz da Rocha Neto” e em 1976 começou a fazer parte do Complexo Escolar “João Guilherme”.

Do ano de 1977 até o ano de 1982 passou a funcionar no prédio da atual Escola Municipal Leônicio Correia com o nome de Unidade Escolar Municipal de 1º grau “Bento Munhoz da Rocha Netto”.

No ano de 1980, foi realizada a construção de uma nova escola em alvenaria, no endereço onde a escola encontra-se hoje, na rua Francisco Machado, no bairro Vila Rute, inaugurada no dia 04 de agosto.

Esta é a placa de inauguração da escola em 1980, presente até hoje em uma de suas paredes.

Entre o ano de 1980 e 1982, funcionaram em Paranaguá, duas escolas com o nome “Bento Munhoz da Rocha Neto”.

Uma escola ficava no prédio onde era a escola Leônicio Correia e a outra, se encontra no endereço atual, inaugurada em agosto de 1980.

Figura 1: Placa de Inauguração



FONTE: A autora (2024)



Figura 2: Fotografia atual da frente do Colégio Bento



Fonte: Marçal Lombardi (2024)

A foto ao lado mostra o Colégio Bento atualmente.

Foi a partir de 2008 que o Ensino Médio noturno começou a ser ofertado na instituição e a Escola passou a se chamar “Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto – Ensino Fundamental e Médio”.



A partir de agora vamos conhecer o Colégio Bento através das lembranças e fotografias guardadas por antigos alunos e professores que estudaram na escola e carregam consigo marcas das suas experiências dentro dos muros do Colégio.

Estas lembranças foram recolhidas por meio de entrevistas que aconteceram no período de agosto de 2024 a janeiro de 2025.

Em seus relatos, os entrevistados foram identificados através das letras iniciais dos seus nomes e sobrenomes.





# A HISTÓRIA REVEZADA

A História aqui desenvolvida foi dividida cronologicamente por décadas, desde a fundação do Colégio.

Como já mencionado, o ano da fundação do Colégio Bento foi em 1953 com o nome “Casa Escolar Porto dos Padres”. Nesta década de 1950 não foram encontrados registros de documentos em estado de arquivo familiar e tão pouco pessoas que estudaram e possuem recordações.

Por isso, partiremos da década de 1960.



# DÉCADA DE 1960

S. S. estudou nesta década, provavelmente do ano de 1965 em diante. O nome do colégio era outro, ela contou que “*escrevia em meu caderno Escola Isolada do Porto dos Padres; olha, escola isolada, porque era isolada mesmo, eu lembro que era uma mataqueira, não tinha casas...*”

Sobre a escola, S. S. disse que “*eram duas salas de madeira, uma de frente pra outra. Na sala que eu estudava tinha a Classe A, Classe B, Classe C, era dividido assim e era uma professora só.*”

Sobre os conteúdos, S. S. contou que “*eu fiz até a Classe C, eu sabia a tabuada do dois até o dez, sabia fazer conta de dois números na chave...sabia fazer conta de vírgula e até hoje eu lembro quando a professora dizia ‘vírgula embaixo de vírgula, já falei pra vocês’, eu gostava de fazer que só, sabia a tabuada né...*”





# DÉCADA DE 1970

Vamos iniciar as recordações pela localização atual da escola durante a primeira metade e início da segunda metade da década de 1970, portanto, um período no qual a escola ainda não havia sido construída no endereço atual.

S. N, que mora no bairro desde 1970, contou sobre outra construção que havia no local onde a escola está hoje, ela disse que *“tinha a lavanderia, com vários tanques e a gente se reunia para lavar roupa ali, pegar água pra trazer pra casa pra fazer alimento, a gente utilizava a água de lá.”*

F. X. que é morador antigo no bairro, também contou sobre o local onde a escola está hoje e disse que *“no lugar do Colégio era uma lavanderia pública, um espaço pro pessoal lavar roupa porque não tinha água encanada na época né, então eles montaram um sistema de água, eu acho que era com poço na época, com bombas e todo mundo lavava roupa ali, vinham de longe lavar roupa...”*

S. M., que percorreu as ruas da cidade a trabalho em sua juventude, inclusive a Rua Francisco Machado, como vemos através da Figura 3, também relatou recordações relacionadas à época da lavanderia pública. Ela falou sobre o local dizendo que “era repartido em tanques, tinham umas máquinas pra ajudar o povo ali. Então eu conversava com as mulheres e eu lembro que muitas delas iam na prefeitura conversar com o prefeito. Eu tenho a impressão que era o Nelson Barbosa ainda. Iam conversar com ele para aproveitarem aquela lavanderia para a construção da escola, para que as crianças não fossem muito longe.”

A empresa com o nome escrito no verso da foto, era responsável por trabalhos relacionados a projetos de infraestrutura na cidade.

Figura 3: Fotografia Rua Francisco Machado



Fonte: Sônia, 1974



F.X. continuou suas lembranças contando que *“a lavanderia funcionou, se eu não me engano, até 1974, aí já veio a água encanada na região e ela foi desativada. Depois eles desmancharam porque tinham algumas pessoas que usavam o espaço pra deixar cavalos e gado e ficava muita sujeira. Então eles começaram a se articular pra montar a escola.”*

Agora, partiremos para as lembranças sobre o Colégio Bento quando ele funcionou na atual escola “Leônicio Correia”.

D. C. foi professora na antiga escola “Nestor Victor”, primeiro nome da escola Leônicio Correia. E ela contou que em 1977 a mudança do nome para Bento Munhoz da Rocha Netto veio junto com a mudança do prédio onde funcionava a escola. Ela disse que *“em 1977 eu estava lecionando numa escola pequena que ficava na Vila Paranaguá, chamava-se Escola Municipal “Nestor Victor”, eram quatro salas de aula. Naquela época não tínhamos quase espaço de pátio para brincarem durante o intervalo, mas logo veio a boa notícia! A escola Municipal ‘Nestor Victor’ passaria da Vila Paranaguá para o Jardim Araçá com outro nome: Escola Municipal ‘Bento Munhoz da Rocha Netto’. Professores e alunos vibraram, trazendo um certo encantamento ao nos depararmos com a nova Escola. Tudo novo, bonito, um pátio gigante! Havia espaço para toda e qualquer brincadeira. Na parte central do pátio, entre os blocos, era tudo coberto, se chovesse, os alunos podiam brincar no pátio, sem problemas.”*



S. F. iniciou seus estudos no Colégio Bento por volta de 1978 e recorda de algumas lembranças em relação a este espaço da Escola. Ela contou: “*lembro que tinha uma construção no meio do pátio, como uma roda de cimento, nós pegávamos merenda ali. O espaço da Escola era bem grande, acho que era uma das maiores Escolas, com muitas salas. Na época era uma construção bem contemporânea, toda feita de ferro e concreto, as salas eram espaçosas com janelas grandes. Tinha vidro embaixo, no pé da gente, e a janela abria e fechava como se fosse basculante e tinha uns jardins nas salas. Era uma Escola muito linda.*”

A figura 4 mostra a construção circular mencionada pela ex-aluna S. F., no pátio da Escola.

Figura 4: Construção de cimento no pátio da escola



FONTE: <https://www.facebook.com/photo?fbid=10153354463074351&set=g.1633378693564346>



# 1980

No começo da década de 1980 o Colégio Bento estava em funcionamento no bairro Jardim Araçá e também estava sendo feita a construção em alvenaria do novo prédio da Escola, no bairro Vila Rute, endereço atual do Colégio.

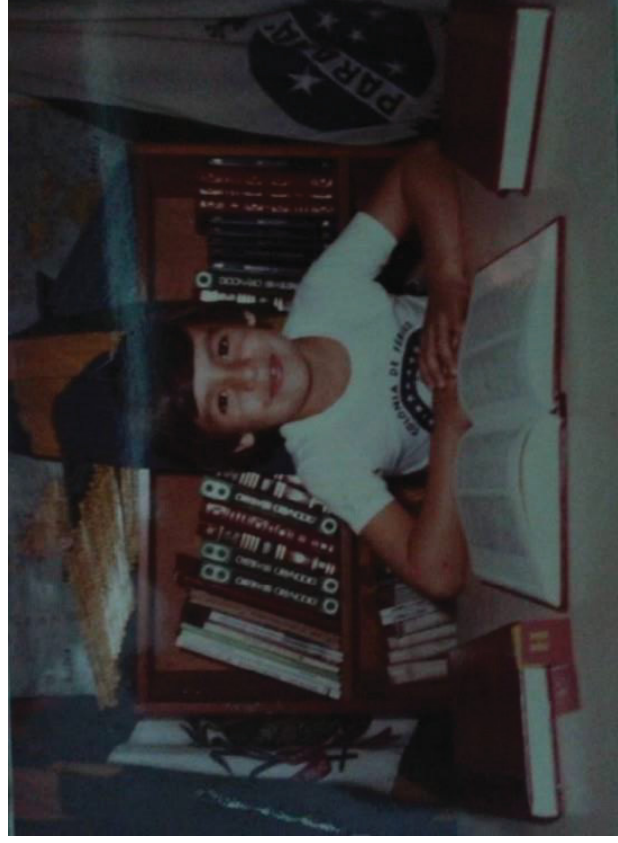
Vamos começar com as lembranças do início dos anos 1980, na localização do Colégio no bairro Jardim Araçá.

A. G. contou suas lembranças do início da década de 1980, comentando que: *“lembro muito bem desse espaço físico como se fosse semana passada, entrando na Escola pelo portão principal, à minha esquerda ficava a administração da Escola, secretaria e direção, seguindo em frente ficava o pátio que era circular, em volta, dois corredores levavam às salas e um aos banheiros e canchas esportivas. No pátio principal havia um mini círculo que usavam pra servir merendas e também um pequeno palco para as atividades cívicas. As salas de aula tinham grandes janelas basculantes. Era regra entrar em forma para se direcionar às salas de aula e no início das aulas cantávamos o Hino Nacional. Lembro dos jogos escolares, desfile na semana da pátria ou no aniversário da cidade e aquela famosa fotografia com livros, para recordação, que iam tirar na escola.”*



A recordação relacionada à fotografia tirada na Escola, mencionada pelo ex-aluno A.G., pode ser observada através da imagem abaixo, que mostra a fotografia do ex-aluno C.P., em sua primeira série, no ano de 1981, na Escola Bento.

Figura 5: Lembrança escolar na Escola Bento



FONTE: Cristiano (1981)

M. W. iniciou seus estudos no último ano no qual a Escola ainda era chamada de Bento Munhoz da Rocha Netto. Ela recorda que: *“As salas de aula eram bem amplas, havia algumas carteiras de madeira com dois lugares, achava muito divertido sentar com minha amiga nestas carteiras! O pátio da escola era enorme, havia espaço pintado de branco porque quando o diretor tinha algo para falar a todos ele ficava neste lugar, no pátio também tinha um lugar redondo de cimento que ficou ocupado para servir a merenda por um bom tempo. Foi um período muito bom, ao qual recordar me fez refletir o quanto foi bom o tempo que estudei nesta Escola.”*

Figura 6: Capa do Boletim Escolar

ESTADO DO PARANÁ  
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO  
BOLETIM ESCOLAR  
ENSINO DE 1º GRAU - 1ª A 4ª SÉRIE  
ESTABELECIMENTO DE ENSINO

LOCALIDADE: *Rua* MUNICÍPIO: *Rua*

ALUNO(A): *Marcia Elza W. dos Santos* ANO LETIVO: *1982* Nº: *29*

PROFESSOR(A): *Leza Búcio Spitz* SÉRIE: *2ª* TURMA: *C* TURNO: *T*

FONTE: Márcia (1982)

Na figura 6 é possível observar a capa do boletim da ex-aluna, do ano de 1982, último ano em que a Escola Bento funcionou no endereço do bairro Jardim Araçá.



S. F., que estudou no Colégio até o ano de 1982, contou que : *“as festas juninas sempre foram muito legais, muito caprichadas. Eu fui sinhazinha, era muito divertido. E tinha o aniversário de Paranaguá e o Sete de Setembro que nós desfilávamos né, íamos de ônibus, mas o fervo todo começava na escola, então a gente se arrumava lá, eu tenho lembrança disso, da gente cantando o Hino, aprendendo a desfilar. Depois que voltávamos do desfile, normalmente eles davam alguma coisa. Anos depois eu fiquei sabendo que não era o município que fornecia, mas eram os professores que se juntavam com a equipe diretiva e faziam um lanche para nós. Era um lanche maravilhoso! Então nós íamos... pensando na volta, era bem legal.”*

O professor E. C., que esteve na gestão da Escola de 1980 a 1982, relatou que *“neste período, o Colégio Municipal ‘Bento Munhoz da Rocha Netto’ mudou para Colégio Municipal ‘Leônicio Correia’, porque havia dualidade de denominação na mesma cidade, com outra instituição estadual”*.

O ano de 1982 foi o último ano do Colégio Bento no endereço do Jardim Araçá, com a troca do nome como o diretor E. C. falou.

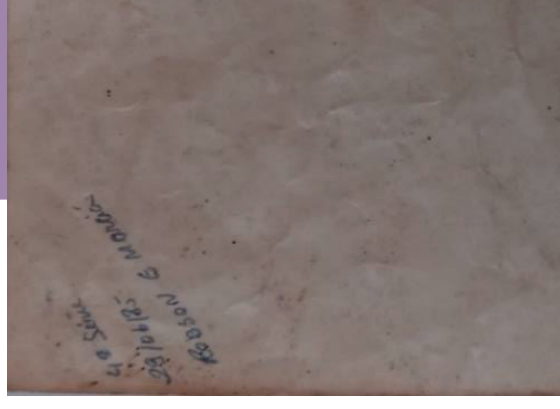
A partir daqui passou a existir somente uma Escola com o nome Bento Munhoz da Rocha Netto, no endereço atual da Escola, na Rua Francisco Machado.



M. R. contou suas lembranças desta época, quando estudou no Colégio. Ela disse que: *“em 1983 eu entrei com treze anos, não estudei antes porque meu pai não deixava por que à Escola era longe, aí com treze anos eu entrei aqui.”*

Sobre o espaço e as atividades feitas na Escola, M. R. contou que: *“em volta tinha a cerca igual de campo de futebol com arame, não tinha muro na época. A atividade que mais lembro e que mexe até hoje comigo era o hasteamento da bandeira, que era eu e o Valdinei, nós dois que hasteávamos a bandeira. A professora saía na sala escolhendo, a turma tinha um pouquinho de ciúmes que era sempre eu e ele, foi uma das memórias que marcou a quadrilha também que era muito top.”*

Figura 7: Fotografia casal festa junina na escola



FONTE: Márcia R. (1985)

S. C. que iniciou seu trabalho na escola Bento nesta mesma época contou que: *“entrei no Colégio Bento, em Paranaguá, mais ou menos no ano de 1985, como professora efetiva. Em 1988 eu fui Diretora auxiliar do professor Fernando (em memória) e no finalzinho de 1989 eu fui secretária geral do Colégio até 1993. Em julho de 1993 passei a ser Diretora, fui eleita pela comunidade e fui como Diretora até os anos 2000. Quando entrei lá o que me marcou bastante era o fato da Escola não ter muro, a escola inteira era cercada por arame farpado. Isso me marcou muito forte né, uma Escola naquela situação, com arame farpado mesmo, que as crianças brincando poderiam se machucar, era um perigo. Foi aí que eu mandei tirar todo aquele arame farpado e construímos o muro da escola.”*

Figura 8: Fotografia da Escola Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto na década de 1980



FONTE: Acervo da escola (s.d.)



Figura 9: Foto do Desfile Cívico de Sete de Setembro de 1985 da Escola Bento Munhoz da Rocha Neto



Fonte: Acervo da escola (1985)

F. P. iniciou seus estudos no Bento em 1985 e contou: *“estudei da primeira série do fundamental até a oitava série, comecei no ano de 1985. Lembro que todos os alunos iam ao pátio pra cantar o Hino Nacional. Atrás das salas lembro que haviam canaletas de escoamento onde os alunos escovavam os dentes e usávamos flúor dental. As datas comemorativas eram sempre lembradas! Até hoje me lembro do Dia da Árvore e das comemorações nacionais.”*





F. G. que também estudou nesta década na Escola contou que: *“As relações dos alunos e funcionários eram muito amistosas e tenho muitas lembranças dos ex-diretores, como o senhor Nelson, Fernando, Sandra. Em um dos jogos escolares ficamos em segundo lugar perdendo para o time do Instituto. A Escola Bento foi onde iniciei um ciclo de minha vida, onde meus filhos estudaram e hoje meus netos estudam.”*

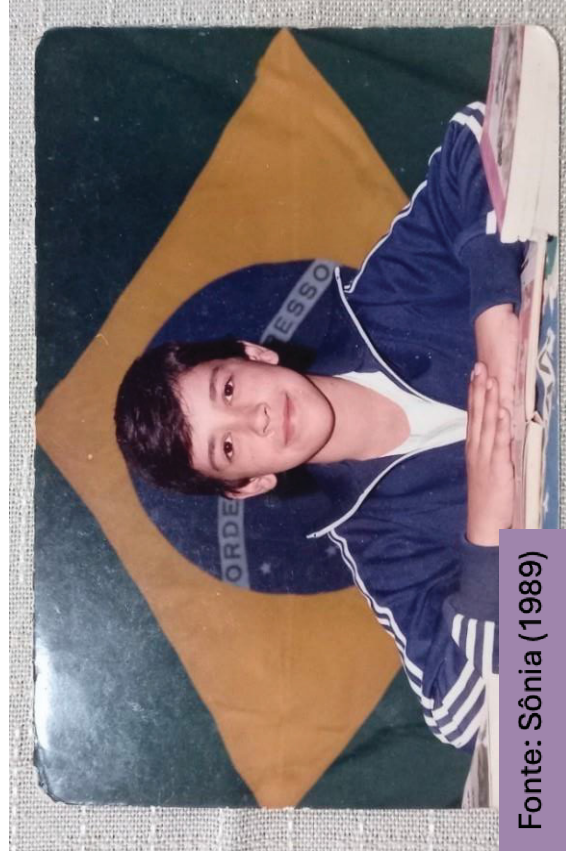
Figura 10: Time da Escola Bento nos jogos escolares, em 1987.



Fonte: Fabiano (1987)

S. M. compartilhou uma fotografia do seu filho no Colégio Bento no ano de 1989, sobre a foto ela contou que: *“esta foto é do meu filho mais velho. Ele estudava na Escola Turma da Mônica. Ele não conseguiu a foto na Escola dele porque já tinha passado, ele tinha ficado internado, com pneumonia. Como eu trabalhava lá no Bento, pedi pro Seu Fernando, o diretor e pra Sandra, a vice-diretora se podia tirar a foto dele lá no Colégio e ele disse que aquela semana estava pra vir o fotógrafo, que eu podia trazer o meu filho. O uniforme era padrão, de todas as escolas, mesmo da rede particular.”*

Figura 11: Foto clássica de lembrança escolar



Fonte: Sônia (1989)



# 1990

As lembranças desta década iniciam com relatos da ex-professora S. C. que começou a trabalhar na Escola Bento na década de 1980 e se tornou diretora na década de 1990.

S. C. contou que: *“tenho várias recordações, várias lembranças boas com relação a minha vivência na Escola. [...] A gente participou de várias feiras de ciências, fizemos ali na rua, fechamos a rua principal da Escola com bombeiros, a polícia militar dando apoio, com tendas, era sensacional. A comunidade era muito participativa. Todo ano tinha concurso de vitrine das Escolas, nós sempre concorriamos e ganhávamos. Era uma beleza a gente fazer essas vitrines, era uma satisfação pra gente mostrar o trabalho da comunidade da nossa Escola para Paranaguá, porque essas vitrines eram vitrines de lojas do centro de Paranaguá. Todo ano uma Escola era responsável por pegar uma certa loja e enfeitar a vitrine e aí tinha o concurso dessas vitrines. Também fizemos uma festa enorme quando o Bento fez dez anos de existência. Eu trouxe até a esposa do patrono da escola que morava em Curitiba, hoje falecida.”*

Figura 12: Feira de Ciências que acontecia na frente da escola.



Figura 13: Fotografias da Vitrine da Loja Pague Menos Calçados, decorada pelo Colégio Bento.



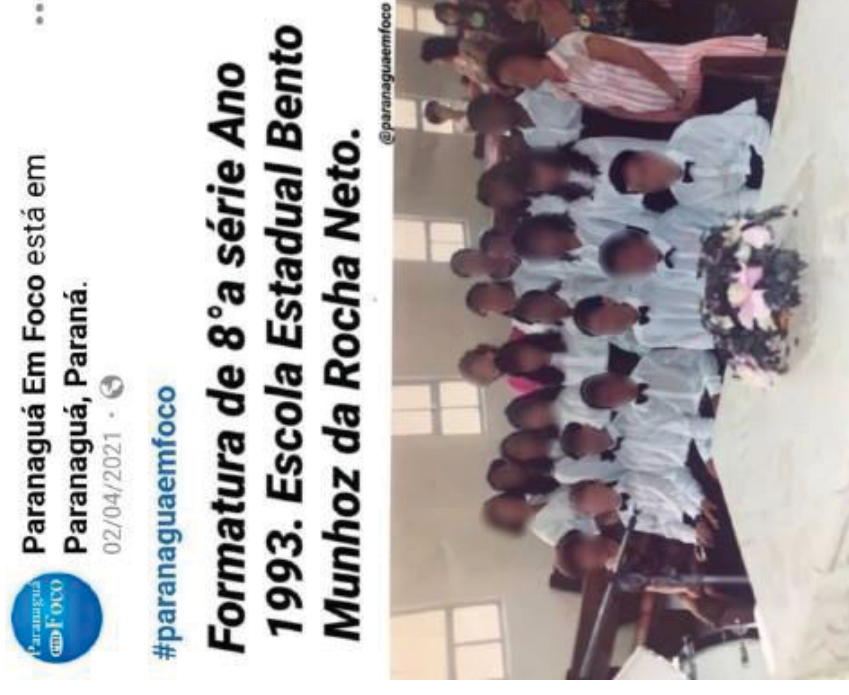
Fonte: Acervo da escola (s.d.)





A ex-aluna J. M. contou que: “marcante pra mim foi a oitava série, o ano da formatura. Fizemos tantas coisas para juntar dinheiro para a nossa colação. Festas, cinema, bingo, gincanas, foi um ano maravilhoso. Nossa formatura foi na igreja batista, meu pai estava internado e não foi. Recebi uma medalha de melhor aluna e a diretora mencionou que meu pai não podia estar lá presente para entregar por esse motivo. Foi muito emocionante, já que meus pais sempre foram muito presentes. Minha irmã e meus primos também estudaram lá, nossa família era muito conhecida na Escola. Depois fomos para uma missa na Igreja do Rocio e em seguida fechamos um restaurante com um coquetel para todos os alunos e familiares. E ainda passamos uma semana em uma casa de praia que alugamos, onde os professores se revezavam para ficar com a gente.”

Figura 14: Fotografia postada no Facebook da turma de 8ª série do Colégio Bento, em sua formatura, no ano de 1993.



FONTE: <https://www.facebook.com/ParanaguaEmFoco/photos/pb.100049241752347.-2207520000/1815896135238238/?type=3>



O ex-aluno E. D. também relatou suas lembranças relacionadas a esta década na Escola, contando que: *"lembro que todos os anos existiam os jogos entre salas e também a feira de ciências que se chamava Expoben e todos os alunos participavam. Na semana da pátria todos os alunos iam para o pátio para cantar o Hino da Independência e o Nacional. Naquela época não existia internet, então nós fazíamos muitas visitas na biblioteca do centro para fazer as pesquisas pedidas pelos professores. Uma vez fizemos uma visita em Curitiba em um planetário e na UFPR."*

Fonte: Acervo da escola (s.d.)

Figura 15: Painel de apresentação da Feira de Ciências, Expoben, realizada na década de 1990.



F. S. iniciou seus estudos no Colégio no ano de 1993, ela contou que “*Eu amava o dia das mães, pois era a única data que tinha pra me apresentar pra minha mãe que ia na Escola me ver, lembro também das serventes que me tratavam com muito amor. Foi a melhor época da minha vida, me sentia acolhida e segura lá dentro.*”

Figura 16: Fotografias de uma apresentação do Dia das Mães, na década de 1990.



Elizabeth, 1997

P. N. estudou na década de 1990 no Colégio Bento e relatou algumas de suas recordações sobre este período. Em relação às atividades realizadas ela contou que: *“saíamos muito no Sete de Setembro para desfiles no centro da cidade, a gente ia muito para o Sesc fazer trabalhos lá, o melhor lugar pra mim quando criança porque eu nunca tinha conhecido lugares assim, teve um piquenique lá dentro, foi muito legal.”*

Continuando os relatos, a professora L. A. contou que: *“trabalhei entre os anos de 1994 e 1999. Os alunos eram comprometidos, muito participativos nos eventos, datas comemorativas, cívicas e de lazer. Também eram educados e suas famílias acompanhavam seu desenvolvimento educacional. Trabalhar no Bento foi muito importante, pois estava em início de carreira e ali aprendi muito com a diretora Sandra C. e demais professores da época.”*



Figura 17: Foto de apresentação de teatro de fantoches, realizado pelos alunos da 4ª série, sobre os personagens do folclore brasileiro.



Laureci, 1994.

Figura 18: Foto de apresentação durante a semana do folclore, turma de 3ª série do Colégio Bento.



Laureci, 1994.



# Década de 2000

Iniciamos os anos 2000 com as fotografias da Figura 19, de atividades realizadas em alusão aos 500 anos da chegada de Pedro Álvares Cabral ao Brasil, comum a muitas escolas estaduais na época.

Figura 19: Cartazes feitos pelos alunos



Fonte: Acervo da escola (s.d.)





A ex-aluna F. S. começou seus estudos na década de 1990 e terminou na década de 2000. Ela contou que: *“eu era uma criança feliz...cresci cantando o hino nacional, aprendi muito no Bentinho...tive uma boa educação. Ali eu me apaixonei a primeira vez, eu fiz amizades que levo até hoje, aprendi a ser forte e que, se eu me dedicasse eu poderia ser alguém na vida. Tenho muito orgulho de ter passado por lá, Bentinho está eternamente em meu coração.”*

Figura 20: Fotografia de formatura da 8ª série da Escola Bento



FONTE: Franciele (2000)

G. C., que foi aluno e mais tarde voluntário da escola relatou suas lembranças, dizendo que: *“a melhor lembrança que tenho no Bento foi quando montamos um time de futebol feminino, com esse time ganhamos vários jogos e conseguimos chegar até a final. Disputamos a final contra o Colégio Anchieta com o ginásio dos esportes Joaquim Tramuja completamente lotado. Em todos os jogos do Bento a diretora liberava o pessoal pra torcer, era um espetáculo. No dia da final, a gente chegou no ginásio e já estava completamente lotado e todos gritavam “Bento, Bento, Bento”, eu até chorei, me emocionei, as meninas também se emocionaram. A final foi um jogo emocionante, eletrizante, lutamos até o final, mas, infelizmente, faltando cinco minutos pra acabar tomamos um gol do Anchieta. Fomos vice-campeões, levamos com muito orgulho esse troféu pro Bento e até hoje passo pelas meninas, a maioria casada, com filhos, passam por mim e falam ‘oi professor, tudo bem?’ Então ficamos com essa lembrança legal dos jogos escolares.”*

Figura 21: Troféus de jogos escolares disputados pela Escola.





A ex-aluna M. M. contou suas recordações e alguns momentos marcantes vividos nesta mesma época na escola, dizendo que “estudei no Bento da 5ª série ao 3º ano do Ensino Médio, acredito que tenha sido do ano de 2004 a 2011. No início, não tinha a quadra que tem hoje atrás da escola, fazíamos aula de Educação Física ao lado das salas ou na praça da Serraria. Depois de uns anos a quadra foi feita, então passamos a fazer atrás das salas. Lembro que tínhamos o Grêmio estudantil, tínhamos o jornal do Bento, fizemos festas juninas e outras comemorações, tivemos nossa formatura. Nas festas sempre tinha a sala da danceteria que era muito requisitada, era a época dos passinhos né, então a gente se divertia. Me recordei da vez que fomos ao zoológico de Curitiba, foi uma bonificação por gincana eu acho, mas foi a primeira vez que sai de Paranaguá, pra nós era algo muito especial e ficou guardado na memória até hoje, foi um dia muito alegre, fomos de ônibus com professores, fizemos piquenique...”

A ex-professora J. D. compartilhou uma fotografia de uma viagem com a Escola Bento até o zoológico de Curitiba. Provavelmente, não era a turma da ex-aluna M. M., mas ocorreu nesta mesma década e no mesmo lugar que ambas, ex-professora e ex-aluna, guardam estas lembranças.

Figura 22: Fotografia de passeio dos alunos da Escola Bento ao Zoológico de Curitiba.



Jussara, 2002

O ex-professor V. M. trabalhou no Bento e relatou:  
*“eu entrei no estado em 2005 e a primeira escola que eu escolhi para trabalhar foi ali que era onde eu tinha aulas à noite né, trabalhei só a noite num primeiro momento”.*

V. M. contou sobre uma atividade que chamou sua atenção quando trabalhou no colégio: *“[...] achava interessante uma atividade que era feita que eles chamavam de bentos, a escola criou uma moeda e isso estava atrelada à nota do aluno, quanto melhor fosse, ele recebia o bento como se fosse um dinheiro da escola”.*





Figura 23: Informações encontradas no acervo da Escola sobre o Projeto Valorização, que continha a moeda Bento.

## PROJETO VALORIZAÇÃO

ESCOLA ESTADUAL BENTO MUNHOZ DA ROCHA NETO

1ª Fase – Período de 18/05/2005 a 08/07/2005

### Justificativa

Após a verificação da aprendizagem do primeiro bimestre e da crescente violência dentro do ambiente escolar se fez necessária a introdução de um Projeto para Motivação da Aprendizagem, do Respeito às Normas Internas, Voluntariado, e a Valorização do Patrimônio Escolar.

### Objetivo Geral    Objetivos Específicos

- ▶ Resgatar a Aprendizagem
- ▶ Diminuir a violência
- ▶ Motivar a aprendizagem através de Gincanas culturais.
- ▶ Incentivar o Voluntariado através de campanhas
- ▶ Respeitar às Normas Escolares Internas quanto;

\* Uso do Uniforme

\* Assiduidade

\* Pontualidade

Alunos, Professores, funcionários, APMF e pais.

### Cargo de cada elemento participante dentro do Projeto

Aluno – Povo que cria as leis e as cumpre.

Professor e Pedagogos – Órgãos fiscalizadores

Secretaria – Setor Administrativo e Financeiro.

Serviços gerais – Setor organizacional

APMF – Recursos Financeiros

Direção – Poder executivo

### Estratégias

“Criar dentro da escola uma nção que prioriza o estudo, mas que também pune severamente os atos infracionais”.

Para que o aluno tenha um “salário” garantido ele necessita apenas respeitar as normas internas e estudar.

Aquele aluno que busca melhores salários pode aumentá-lo através de gincanas e arrecadações.

O Primeiro passo do projeto é criar as normas internas, as leis para respeitá-las.

### Desenvolvimento

Cada aluno terá um salário por bimestre. Sua folha de pagamento será o seu boletim. Suas faltas serão os descontos obrigatórios.

Outros descontos serão oriundos dos problemas do tipo; falta do uniforme; chegar atrasado para as aulas; advertências escritas; etc.

O aumento do seu salário dar-se-á através de arrecadações e gincanas culturais realizadas no intervalo das aulas e no intervalo para o lanche.

Ao final da primeira fase, o aluno estará de posse de diversos pontos que serão trocados por moeda corrente interna. “BENTOS”.

Com essa moeda o aluno poderá comprar em um Bazar, realizado pela APMF com a colaboração da comunidade e empresários, diversos itens como; Bonés, Camisetas, Bolsas Escolares, Material Escolar, Lanche, Brinquedos Educativos, Passetes em Companhia de Professores, etc.

Cada aluno ao entregar a arrecadação receberá um vale para ser trocado pela moeda corrente em data a ser determinada para o “Dia do Pagamento” para ser “gasto” no bazar.

### Valorização (quanto vale em bentos?)

Arrecadação	Pontos
Produtos	B\$ bentos
Latinha já amassadas (cada)	0,50
Latinha sem amassar (cada duas)	0,50
Garrafas pet amassadas (cada duas)	0,50
Garrafas pet sem amassar (cada quatro)	0,50

- Esses itens serão vendidos para angariar fundos para a compra de mercadorias para o bazar além de fazer parte da campanha de Reciclagem que a escola já realiza.

### Como é a nossa moeda





Figura 24: Documento do acervo da Escola com informações sobre a divulgação do Projeto Valorização.

ESCOLA ESTADUAL BENTO MUNHOZ DA ROCHA NETO 104  
PROJETO VALORIZAÇÃO

### Projeto Valorização 2ª fase

#### A divulgação do Nosso Projeto

Rede Paranaense de Comunicação – 08/07/2005  
Tudo Paraná 2ª Edição

Gazeta do Povo – 08/07/2005 e 09/07/2005

Folha do Litoral – 10/07/2005

Internet – Tudo Paraná  
Internet – Gazeta do Povo

Radio FM Ilha do Mel – 20/07/2005

CARTA ENVIADA DO RIO DE JANEIRO  
Sra Flora Caetano Munhoz da Rocha  
Esposa de Nosso Patrono  
Bento Munhoz da Rocha Netto.  
AGOSTO/2005

JORNAL “A FOLHA DO LITORAL” DIA  
20/08/2005

Figura 25: Cópia da carta enviada pela Senhora Flora Caetano Munhoz da Rocha sobre o Projeto Valorização.

CARTA ENVIADA DO RIO DE JANEIRO PELA SENHORA  
FLORA CAETANO MUNHOZ DA ROCHA NETO, ESPOSA DE  
NOSSO PATRONO BENTO MUNHOZ DA ROCHA NETO

Rio de Janeiro, Agosto 2005

Sandra  
(nome de minha filha)

Escrevo para lhe dizer que recebi a página da Gazeta do Povo do dia 9 de julho, com a reportagem sobre a 'moeda Bento'. Emocionei-me e louvo a sua iniciativa com a implantação do projeto que serve de exemplo para tantas escolas onde campeia a insubordinação.

Quero acreditar que Bento, lá onde estiver, há de estar aprovando e batendo palmas para Sandra Dias. Quanto a mim, aos 94 anos, me surpreende como o Paraná não deixa que Bento seja esquecido. Mês de dezembro estarei em Curitiba quando será comemorado o centenário dele. Na ocasião, gostaria imensamente de contar com sua presença.

Aguardando o momento de conhecê-la, envio meu abraço e a minha admiração pela sua inteligência superior.

Flora Munhoz

Conteúdo da carta: Rio de Janeiro, agosto, 2005.

Sandra (nome da minha filha).

Escrevo para lhe dizer que recebi a página da Gazeta do Povo do dia 9 de julho, com a reportagem sobre a 'moeda Bento'. Emocionei-me e louvo a sua iniciativa com a implantação do projeto que serve de exemplo para tantas escolas onde campeia a insubordinação.

Quero acreditar que Bento, lá onde estiver, há de estar aprovando e batendo palmas para Sandra Dias. Quanto a mim, aos 94 anos, me surpreende como o Paraná não deixa que Bento seja esquecido. Mês de dezembro estarei em Curitiba quando será comemorado o centenário dele. Na ocasião, gostaria imensamente de contar com sua presença.

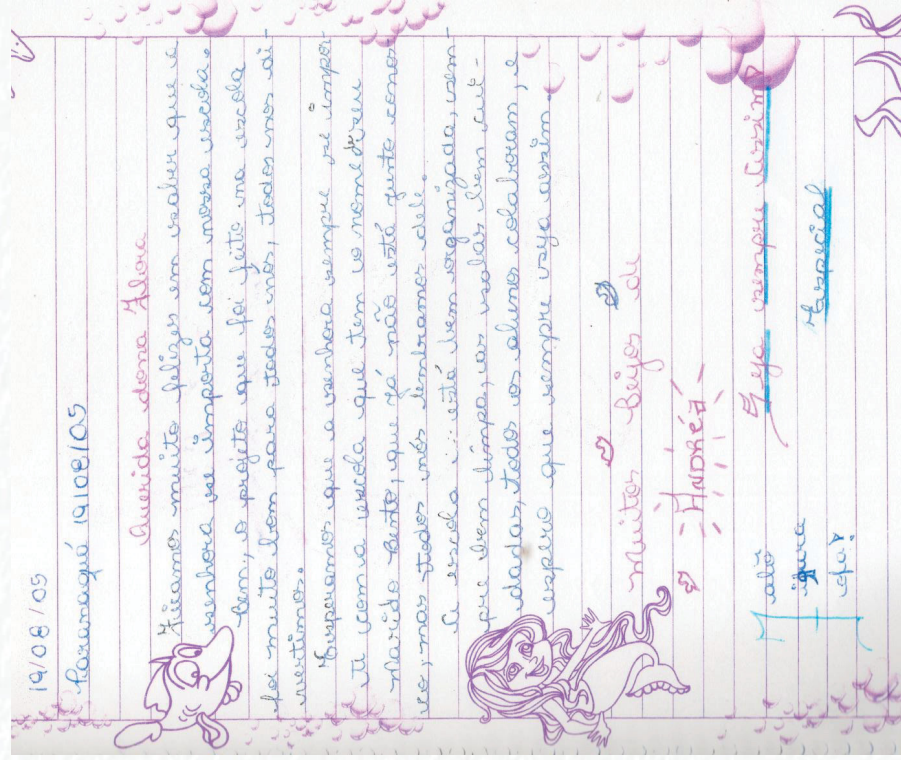
Aguardando o momento de conhecê-la, envio meu abraço e a minha admiração pela sua inteligência superior.

Flora Munhoz da Rocha (assinatura).





Figura 26: Cópia de uma das cartas escritas por estudante do Colégio Bento, em resposta à Senhora Flora.



Conteúdo da carta: Paranaguá, 19/08/05.

Querida Dona Flora, ficamos muito felizes em saber que a senhora se importa com nossa escola. Bem, o projeto que foi feito na escola foi muito bom para todos nós, todos nos divertimos.

Esperamos que a senhora sempre se importe com a escola que tem o nome de seu marido Bento, que já não está junto conosco, mas todos nós lembramos dele.

A escola está bem organizada, sempre bem limpa, as salas bem cuidadas, todos os alunos colaboram e espero que sempre seja assim.

Muitos beijos de Andréa. Seja sempre assim, especial.





O ex-aluno I. B. relatou sobre a representação da Escola para a sua formação, dizendo que “o que à Escola Bento representa pra mim é esse vínculo com a localidade, com a região, esse sentimento de pertencimento, pelo fato de estar aqui no bairro, o lugar onde nasci e convivi com minha família, então acho que essa é a maior ligação que levo, a questão do pertencimento à localidade e isso é uma coisa salutar porque muitas pessoas se baseiam por isso aqui.”

Finalizando as recordações desta década, a ex-aluna M. M. contou que: “éramos muito unidos, um ajudava o outro, tanto em atividades, como quando ocorria algum problema...os professores eram maravilhosos, sinto saudades! No primeiro ano do Ensino Médio ganhei uma bolsa de estudos para estudar no colégio CEMD (Centro Educacional Moby Dick, escola privada no município). Estudei seis meses lá e no segundo ano do Ensino Médio quis voltar para o Bento, não me adaptei no CEMD, o Bento sempre foi o meu lugar. Tenho muitas professoras queridas, duas delas dão aula até hoje na escola, professora Fernanda de Português e professora Andreia de Inglês. O diretor Everton, na minha época era vice-diretor. Muito querido e atencioso, como é até hoje.”





# Década de 2010

As recordações desta década iniciam com a continuação dos relatos da ex-aluna M.M., que estudou até o ano de 2010 no Colégio.

M.M. disse que *“minhas maiores recordações são a formatura, as festas. Foi no Colégio Bento que me encontrei, se eu pudesse estudaria até hoje lá. Mas gente cresce e tem que seguir em frente.”*

Figura 27: Foto de formatura no Colégio Bento Munhoz da Rocha Neto, no ano de 2010.



Fonte: Morgana, 2010



O. M. foi aluno no Colégio Bento e relatou “eu voltei a estudar depois de adulto, em 2012, 2013, mais ou menos. Trabalhava de dia e estudava a noite. O professor Danilo esperava eu chegar, quando eu chegava já estava tudo no quadro o que ele tinha que passar, mas ele só fazia a explicação quando eu chegava, eu trabalhava perto do pátio dos caminhos, chegava atrasado, mas ele esperava. Eu só tenho a agradecer, chega a me emocionar. Tanto é que quando eu peguei meu diploma da faculdade, a primeira coisa que eu fiz foi vir aqui agradecer a todos que me ajudaram a chegar onde eu cheguei hoje.”

F.X. também foi professor no Colégio nesta década, dentre suas lembranças, contou que: “trabalhei em 2012, 1013, 2014, se não me engano nestes anos. O que mais me marcou aqui no Bento foi o desafio de levar os alunos para Porto Seguro, na Bahia e pra Vitória, no Espírito Santo, isso em 2013. Os alunos foram apresentar trabalhos que nós desenvolvíamos na Escola, um projeto de estudo do tempo e do clima, de captação de água da chuva e sobre doenças hídricas também, como a dengue e a leptospirose.”





Dando continuidade às lembranças relacionadas às atividades, foram compartilhadas fotografias de atividades que ocorreram no ano de 2016 no Colégio, durante a chamada Semana de Integração, que teve como tema: “Identidade da comunidade escolar.”

Figura 28: Fotografia de atividade na Semana de Integração mostrando apresentação dos livros confeccionados pelos estudantes com entrevistas feitas na comunidade escolar sobre as transformações ocorridas no bairro do Colégio.



A autora, 2016



Figura 29: Fotografias de atividades relacionadas à Consciência Negra, feitas no Colégio



Leila, 2017

A professora L.S. também relatou algumas de suas recordações quando trabalhou no Colégio, ela contou que: *“tive alunos maravilhosos. Lembro que levei alguns alunos para conhecer o patrimônio histórico da nossa cidade e o passeio culminou em comer pastel no mercado, foi muito bom. Algo assim, que foi bem legal na escola, foi a questão de trabalhar o dia da Consciência Negra, os professores sempre procuraram dar o melhor de si e foram feitos trabalhos maravilhosos dentro da Escola.”*

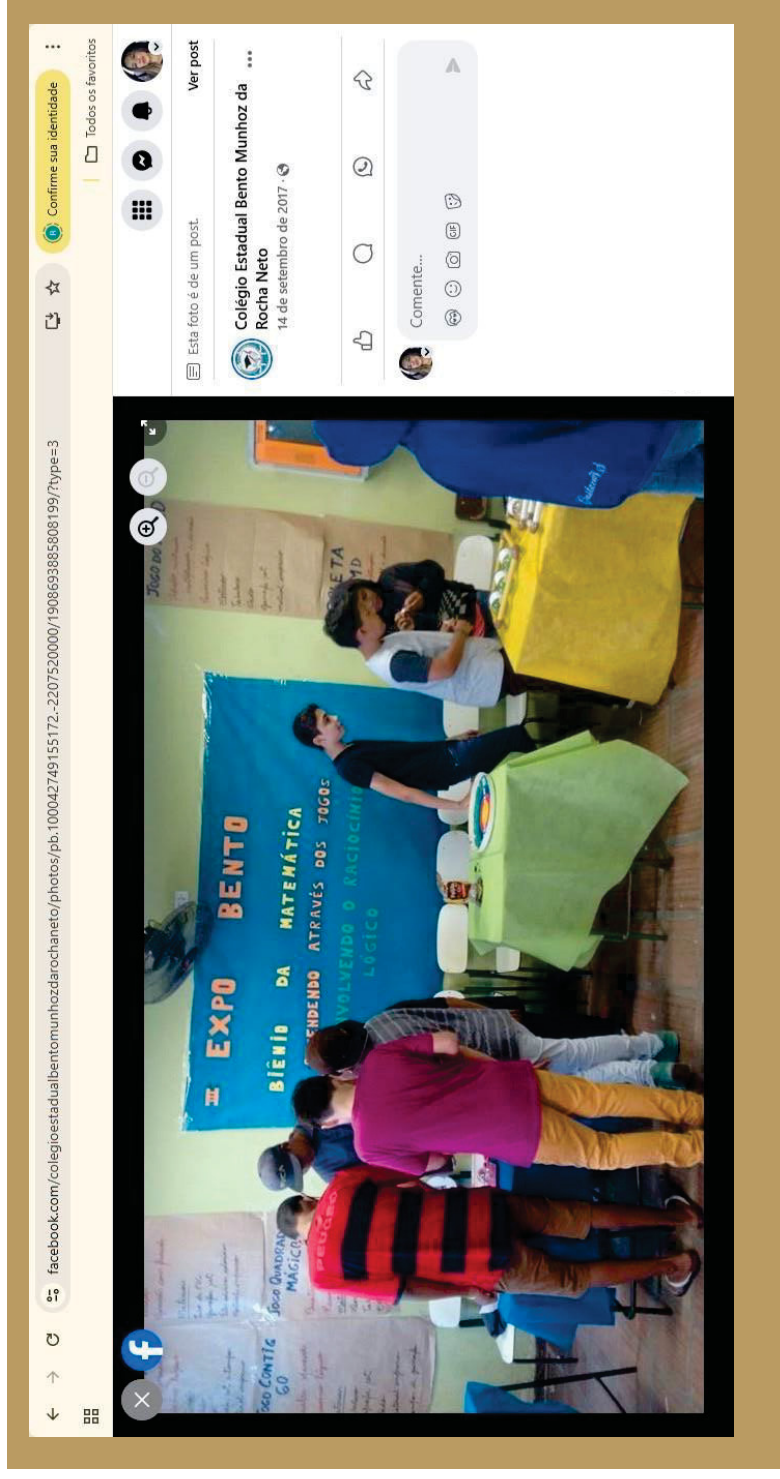


A ex-aluna C. S. contou lembranças que coincidem com algumas recordações da professora L S.: *“estudei de 2015 até 2019, do sexto até o nono ano. Lembro que fiz uma apresentação na sétima série, com o professor Vinicius de Arte, sobre as danças africanas no Dia da Consciência Negra e também, todos os anos tínhamos a feira de Ciências que sempre fazíamos com a professora Michele. Lembro que já visitamos o Porto de Paranaguá e Matinhos na feira de Ciências. Os professores sempre foram muito gentis e amorosos com os alunos, tenho ótimas lembranças e muito carinho por todos.”*

A Feira de Ciências lembrada pela ex-aluna acontece atualmente e chama-se ExpoBento, dessa feira que ocorre na Escola, muitos trabalhos saem para serem apresentados na feira que ocorre em Matinhos, na UFPR litoral, e alguns já foram apresentados na UNESPAR, em Paranaguá.



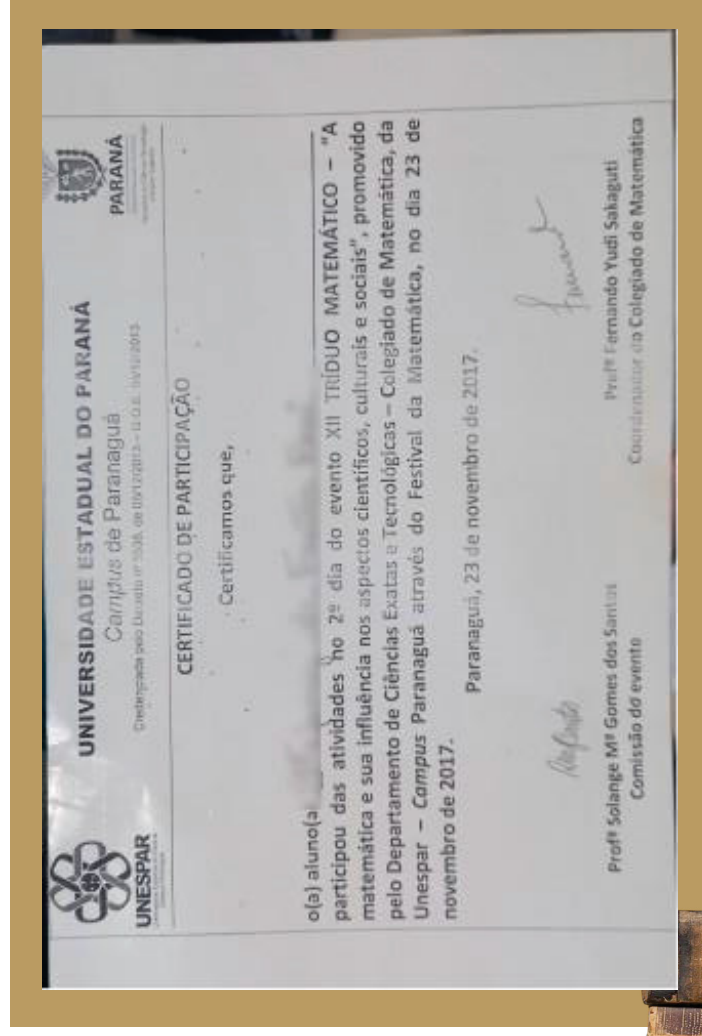
Figura 30: Apresentação da Feira Expobento em 2017



FONTE: <https://www.facebook.com/colégioestadualbentomunhozdarochnetofotos/pb.100042749155172-2207520000/1908693885808199/?type=3>



Figura 31 : Apresentação da Feira Expobento em 2017



FONTE: Sthefany, 2017

Sobre a imagem, a ex-aluna explicou que: “a ExpoBento 2017 foi sobre ‘A Matemática está em tudo’, falamos sobre a Matemática na água, o grupo era composto por três pessoas e depois da apresentação na escola ficamos em primeiro lugar e fomos apresentar o trabalho no Campus da Universidade Estadual do Paraná- Campus Paranaguá com o qual ganhamos esse certificado que ficou de lembrança com o grupo.”

Figura 32 : Reportagem do Jornal local sobre a inauguração do Centro de Memórias do Colégio.



Figura 33: Estudantes observando o Centro de Memórias



Fonte: Jornal Folha do Litoral, setembro, 2018

Finalizando as lembranças relacionadas à década de 2010, o ex-aluno G. H. contou que: *“estudei no Bento de 2016 até 2022, do sexto ano do ensino fundamental até o terceiro ano do ensino médio. Participei da Expobento e lembro do dia que fomos para a UFPR litoral em Matinhos e apresentei um trabalho sobre composto relacionado há uma composteira doméstica.”*

Os relatos e lembranças desta década guardam atividades dentro e fora do ambiente escolar, como os passeios, Apresentações e a feira de ciências, que acompanha a escola há muito tempo, com a mudança de nome de Expoben para Expobento.



# Década de 2020

As recordações que iniciam esta década em andamento, coincidem com um momento em comum, passado a nível mundial, a pandemia do COVID-19.

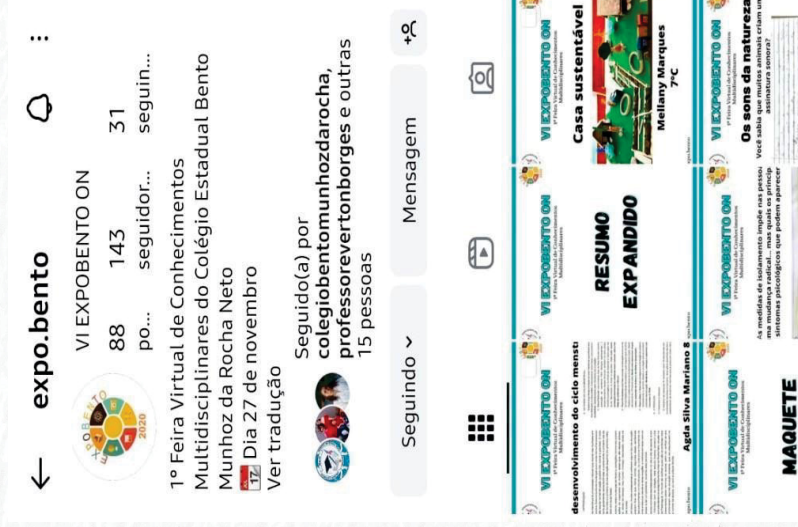
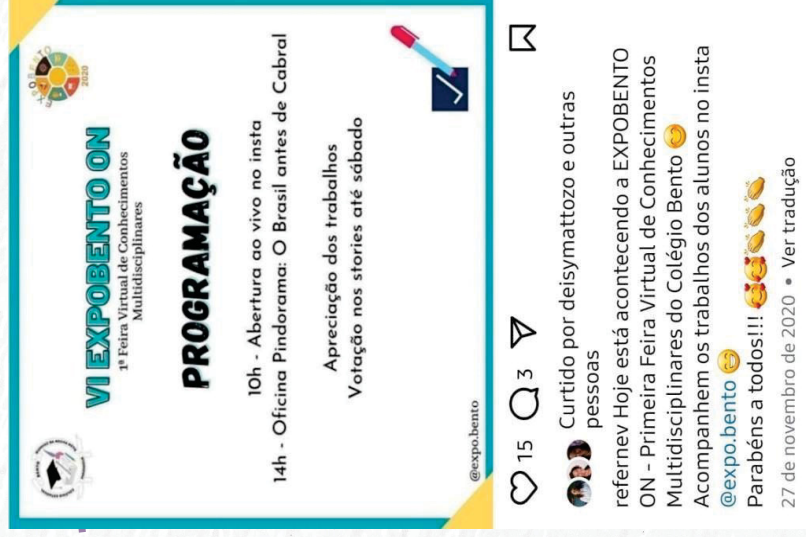
A lembrança que começa estes anos é a continuação do relato do ex-aluno G.H. sobre as atividades que realizou no Colégio, ele contou que: *“teve até um dia que participei remotamente da Expobento, na época da pandemia, com um trabalho sobre a representatividade negra no universo do psychedelic trance.”*

Durante a pandemia, com as aulas acontecendo remotamente, a feira de ciências, Expobento, ocorreu também de maneira remota como lembra o ex-aluno.





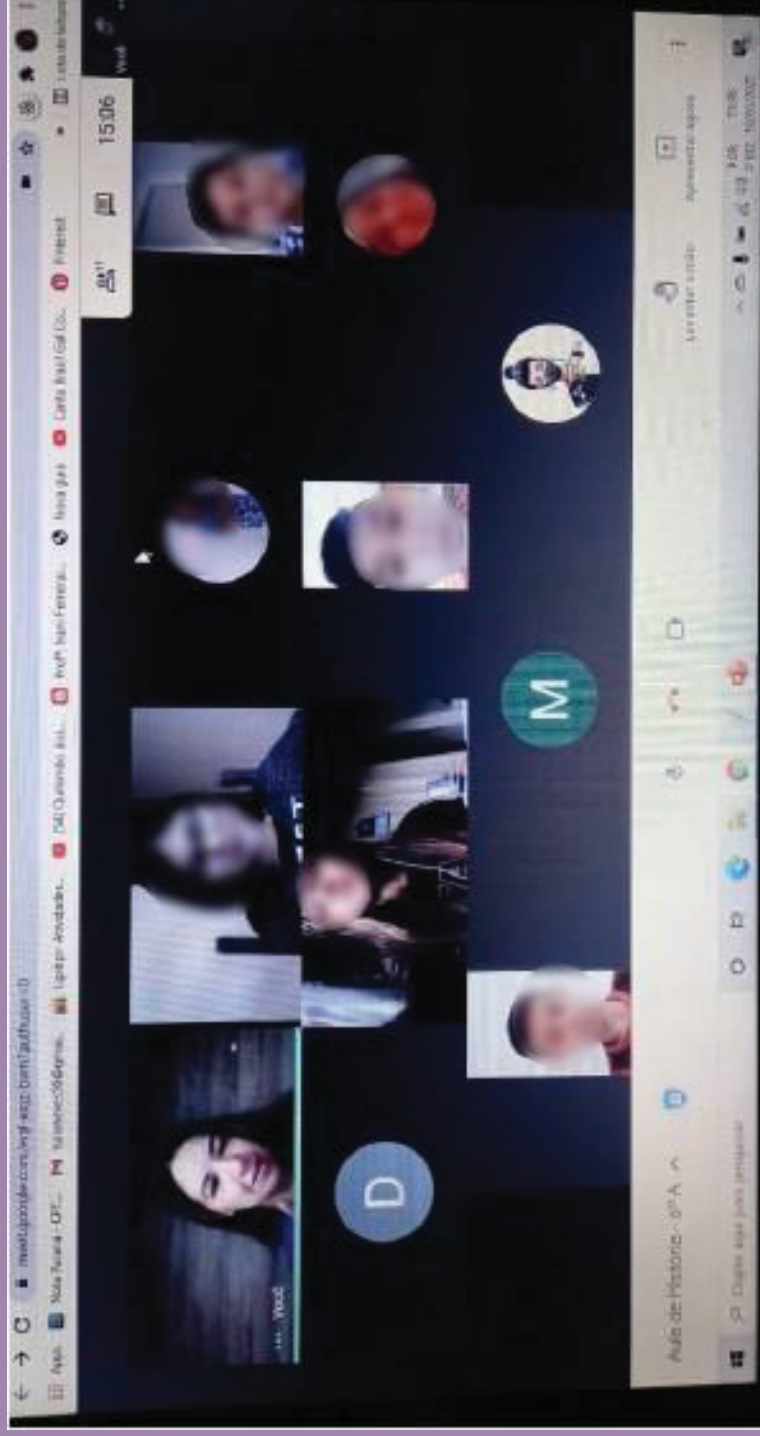
Figura 34: Postagem de divulgação da ExpoBento On e perfil de publicação dos trabalhos da feira na rede social Instagram.



FONTE: <https://www.instagram.com/expo.bento/>



Figura 35: Fotografia da tela do computador em aula de História através da Plataforma Google Meet.



Fonte: A autora, 2021

O ex-aluno R. F. finalizou seus estudos no Colégio nesta época, em seus relatos disse que: “tenho muitas recordações em relação às atividades e apresentações, principalmente em datas comemorativas nas quais o Colégio era sempre decorado e sempre podíamos juntar os amigos e professores para poder se divertir. Me recorde de muitos passeios que pude fazer junto com a escola como cinema, teatro, museu, parque aquático, aulas de campo. Minha recordação mais marcante, sem dúvidas, foi em 2021, quando em conjunto, a sala inteira do 3º A fez uma pintura em uma das paredes do Colégio, onde pintamos a representação da luta contra o racismo e, como uma inspiração para a pintura, optamos por desenhar uma amiga muito querida por todos. O Colégio foi um grande preparador para a vida, nos preparou para sermos adultos responsáveis, profissionais e respeitosos.”

Figura 36: Pintura com representação contra o racismo feita pelos alunos



FONTE: <https://www.facebook.com/colégioestadualbentomunhozdarochane-to/photos/pb.100042749155172.-2207520000/6925633804114157/?type=3>

A ex-aluna M.C. contou sobre algumas de suas recordações, dizendo que: “tenho recordações das atividades que praticávamos, especialmente a Expobento, que em todos os anos passávamos para a segunda fase. Lembro do dia da Consciência Negra, onde realizávamos pesquisas e apresentações sobre a cultura afro, passeios e visitas onde sempre aprendemos. A Expobento foi marcante por que nos ensinava várias coisas, em cada estande que íamos aprendíamos coisas novas pelo próprio desempenho dos alunos do Colégio, sempre nos empenhávamos para passar para a segunda fase.”

Figura 37: Apresentação de trabalhos da Feira Expobento na UFPR Litoral, em 2023.

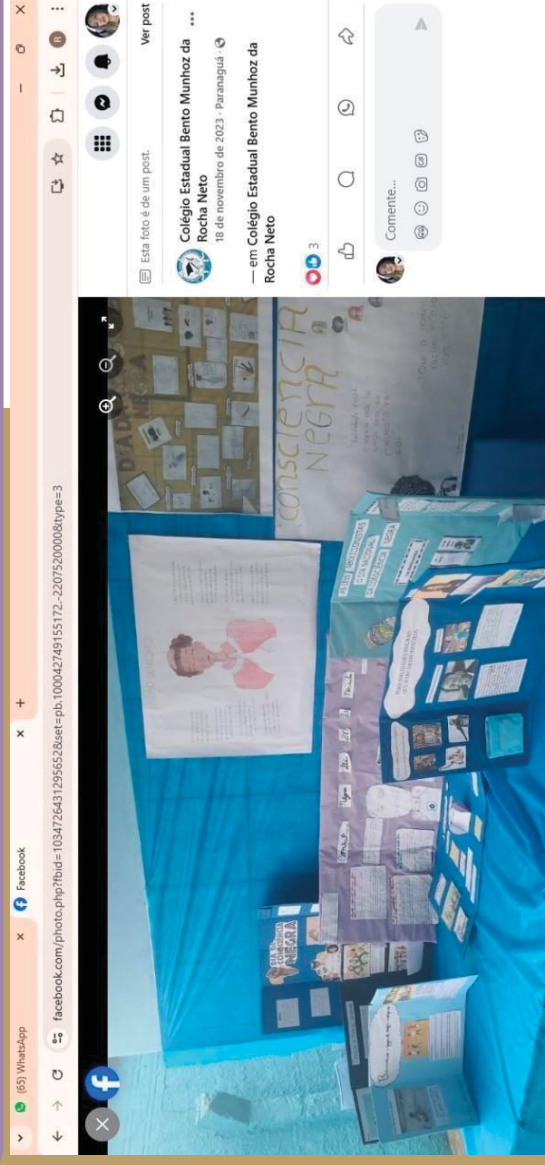


Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=1009524647148164&set=g.2106023389460345>



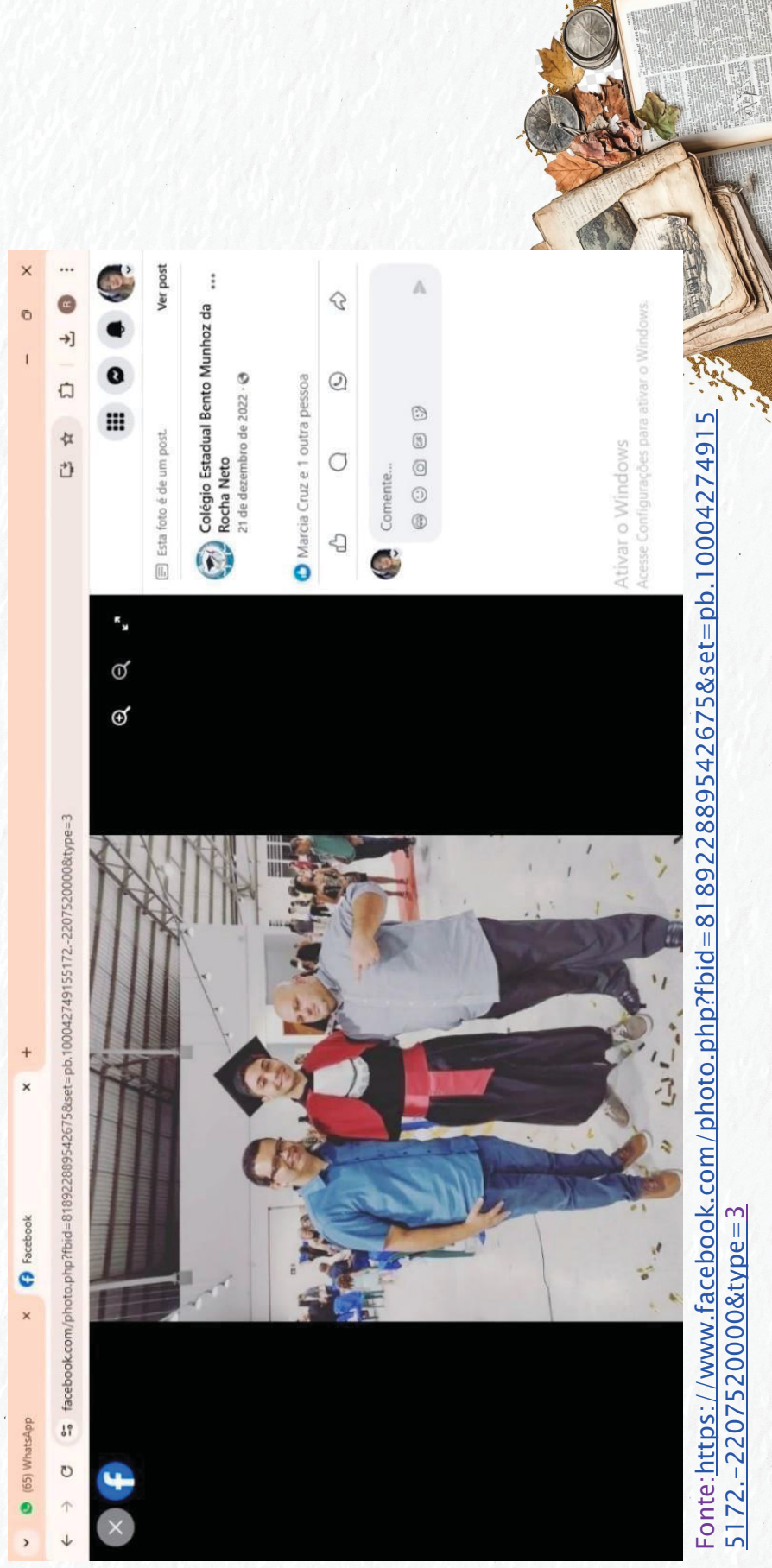
O ex-aluno L. P. compartilhou recordações sobre o tempo em que esteve no Colégio Bento, dizendo que “me recordo das feiras de ciências que aconteciam no Bento, chamadas de *Expobento*. Havia também eventos como os da *Consciência Negra* que sempre tinham apresentações relacionadas a cultura negra. Lembro o quão simpáticos eram os professores, sempre animados e empenhados, Alceu e Marçal, ambos professores de Educação Física, sempre com brincadeiras sadias entre os alunos e motivando bastante a gente. Mesmo em época de pandemia os profissionais do colégio se empenhavam em entregar o seu melhor, correndo atrás e melhorando o Colégio, também na entrega dos kits de comida para famílias de alunos que possuíam alguma dificuldade.”

Figura 38: Postagem de atividades desenvolvidas sobre a cultura afrobrasileira, na página do Colégio, no Facebook



FONTE: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1034726431295652&set=pb.100042749155172.-2207520000&type=3>

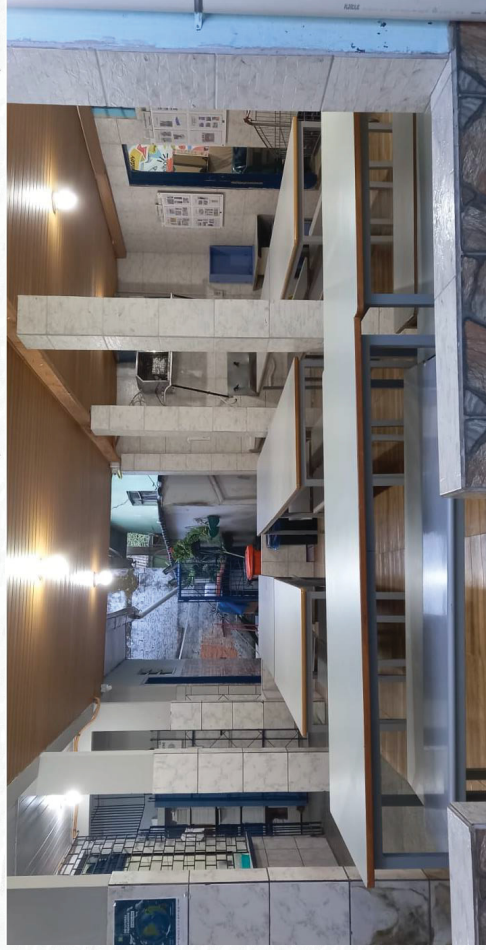
Figura 39: Fotografia da formatura do aluno Luiz com os diretores atuais do Colégio Bento, Everton e Marçal





A seguir, veremos algumas fotografias das dependências do Colégio Bento atualmente. O registro destas fotografias têm o intuito de guardar as imagens do prédio físico da escola que poderão ser lembrados pelos estudantes que, por aqui, já passaram.

Figura 40: Refeitório do Colégio Bento



Fonte: A autora, 2025

Figura 41: Pátio do Colégio Bento



Fonte: A autora, 2025





Figura 42: Corredor das salas de aula



Fonte: A autora, 2025

Figura 43: Espaço para atividades na lateral do Colégio



Fonte: A autora, 2025





Figura 44: Uma sala de aula do Colégio



Fonte: A autora, 2025

Figura 45: Espaço para atividades esportivas na parte de trás do Colégio



Fonte: A autora, 2025



# QUERIDO LECTOR,



AS MEMÓRIAS DO NOSSO E-BOOK SE ENCERRARAM POR AQUI...

MAS AS MEMÓRIAS DENTRO DO COLÉGIO BENTO CONTINUAM A SER CONSTRUÍDAS, DIA A DIA, E VOCÊ TAMBÉM FAZ PARTE DESTA CONSTRUÇÃO!

QUE VOCÊ CONSTRUA E CULTIVE AS MELHORES MEMÓRIAS, DE UMA VIVÊNCIA CHEIA DE APRENDIZAGENS E CONHECIMENTO!

ATÉ A PRÓXIMA!





# Ao Professor

Diante da pesquisa envolvendo os relatos oriundos das entrevistas, agrupados neste E-book, é importante salientar a definição de memória e a sua distinção em relação ao significado de História. Para o autor Pierre Nora

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A História é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual: um elo vivido no eterno presente; a História, uma representação do passado. (Nora, 1993, p.9)

Circe Bittencourt também trás apontamentos importantes na relação e distinção entre memória e História. Segundo a autora “a memória é, sem dúvida, aspecto relevante na configuração de uma história local tanto para os historiadores como para o ensino.” (Bittencourt, 2008, p. 168)

A autora enfatiza que

De forma resumida, é possível estabelecer as seguintes distinções entre memória e História: 1) Memória Social – relação coletiva que uma sociedade estabelece com seu passado; funciona para seleção e eliminação; realiza omissões; corpo vivo do processo de se relacionar com o passado; relações com o passado e variações de acordo idade, sexo, ocupação, origem etc. 2) História – trabalha com a acumulação dessa memória; reordena o tempo passado, medindo-o, periodizando-o e estabelecendo uma crítica sobre a duração; usa um método para recompor os dados da memória; confronta as memórias individuais e sociais com outros documentos; situa os testemunhos orais no tempo e no espaço e o ‘lugar’ de onde ‘falam’. (Bittencourt, 2008, p.170–171)

Por abarcar a utilização de diferentes fontes em seu processo de construção, apresentar esta distinção entre memória e História é importante para a compreensão acerca do trabalho desenvolvido como um todo para a construção deste material.

Este E-book, produzido como resultado de uma pesquisa de dissertação, tem o papel de proporcionar aos professores um material onde estão arquivados documentos que evidenciam a História Local proveniente do bairro, do Colégio, do espaço escolar presente nas diversas memórias que auxiliaram nesta produção.

A História aqui revelada evidencia os laços de identidade da comunidade, de pertencimento, de afeto pelo local de vivência.

Assim, baseado na concepção da História Social, com o objetivo de desenvolver a aprendizagem histórica e possibilitar o estudo de diferentes fontes, este material fornece aos estudantes o contato com documentos sobre a sua realidade que não são encontrados nos livros didáticos.

A utilização do E-book em sala de aula não necessita de um roteiro prévio sobre seu uso. As fontes nele contidas podem ser exploradas levando em consideração a criatividade do professor e as necessidades dos estudantes, de acordo com o seu ano de estudo.

Para auxiliar no uso deste material em suas aulas, os professores podem encontrar a fundamentação teórica e um aprofundamento acerca das discussões que possibilitaram a construção deste e-book através da dissertação “O ensino de História e o Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto (Paranaguá-Pr): entre a História contada e a História revelada pelos olhos da comunidade escolar”, que está disponível para leitura na biblioteca digital: teses e dissertações da Universidade Federal do Paraná–UFPR.

# REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. Manual de História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- GERMINARI, Geyso. O uso metodológico de documentos em estado de arquivo familiar no Ensino de História. Curitiba: WAS Edições, 2021.
- PARANÁ. Secretaria Estadual de Educação. Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto. Projeto Político Pedagógico, 2023, [s.d.]
- PARANÁ. Secretaria Estadual de Educação. Núcleo Regional de Paranaguá. Setor de Documentação Escolar, [s.d.]
- PARANAGUÁ. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Educação e Ensino Integral. Escola Municipal em tempo Integral Leôncio Correia. Projeto Político Pedagógico, 2022.
- THOMPSON, Paul. A voz do passado – História Oral. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.